



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ- UFPI
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO CENTRO DE
CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS- CCHL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA-PPGS
MESTRADO EM SOCIOLOGIA
LINHA DE PESQUISA: GÊNERO E GERAÇÃO

SAMIRA RAMALHO RIBEIRO DE SOUZA

**GÊNERO E SEXUALIDADE: DISCURSOS DE MULHERES
FEMINISTAS SOBRE A PORNOGRAFIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, do Centro de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal do Piauí, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Sociologia.

Área de concentração: Processos, atores e desigualdades sociais.

Linha de pesquisa: Gênero e Geração

Orientadora: Profa. Dra. Rita de Cássia Cronemberger Sobral

**TERESINA
2019**

SAMIRA RAMALHO RIBEIRO DE SOUZA

**GÊNERO E SEXUALIDADE: DISCURSOS DE MULHERES
FEMINISTAS SOBRE A PORNOGRAFIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, do Centro de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal do Piauí, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Sociologia.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^ª. Dr^ª. Rita de Cássia Cronemberger Sobral (PPGS/UFPI) – Presidente

Prof^ª. Dr^ª. Maria Rosângela de Sousa (PPGS/UFPI) Membro interno

Prof^ª. Dr^ª. Elizângela Barbosa Cardoso (PPGHB/UFPI) Membro externo

Prof^ª. Dr^ª. Rossana Maria Marinho Albuquerque (PPGS/UFPI) Membro suplente

Aprovada em: 11/02/2019

**TERESINA
2019**

FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco

S729g Souza, Samira Ramalho Ribeiro de.
Gênero e sexualidade : discursos de mulheres feministas sobre a pornografia / Samira Ramalho Ribeiro de Souza. – 2018.
131 f.

Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2018.
“Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rita de Cássia Cronemberger Sobral”.

1. Gênero. 2. Sexualidade. 3. Pornografia. 4. Mulheres feministas. I. Título.

CDD 305.8

AGRADECIMENTOS

Primeiro, às forças do universo pela existência.

Ao meu pai e minha mãe que fizeram tudo ao seu alcance para me oferecer a melhor educação, da qual tirei o máximo de proveito com muita gratidão. Também por apoiarem os meus projetos e respeitarem minhas escolhas de vida. Eles são a minha principal motivação para crescer. É por eles que os meus olhos brilham.

Agradeço ao meu amado companheiro Fábio, que sempre está ao meu lado em todos os momentos se mobilizando para que eu seja a pessoa mais feliz e amada do mundo. E agradeço a ele por todo o apoio logístico, culinário, informático e gráfico que foram imprescindíveis para a conclusão deste trabalho.

Às mulheres que participaram da pesquisa e pela confiança depositada em mim

À minha orientadora, professora Rita Sobral por ter me acompanhado nesses últimos mais de dois anos, me orientando, respeitando e considerando as minhas idéias e meu espaço enquanto pesquisadora. E também por abraçar e se entusiasmar com meu projeto desde o início.

Às queridas e competentes professoras que fazem parte desta banca, professoras Rosângela e Elizângela, pela compreensão, generosidade e pelas enormes contribuições oferecidas até agora.

Agradeço às amigas super sociológicas Annaya, Macilane e Danielle, cujo apoio foi fundamental para meu ingresso e permanência no mestrado.

À minha amiga e sócia Carol por todo o carinho, apoio emocional, acadêmico e profissional carregado de sabedoria e empatia. E também pela ajuda com as normas da ABNT.

Agradeço à professora Mary Alves por todas as conversas que tivemos, pelas dicas, indicações de texto, carinho e sabedoria.

Agradeço a amigos, amigas do mestrado e colegas. Em destaque a meu grande amigo José Maria, Marina, Weriquis, Karolyna, Ianara e Kennedy, Thátilla, da 7ª turma e Mayara Carneiro do mestrado em Políticas Públicas.

A todos (as) os (as) professores (as) do programa que contribuíram direta e indiretamente com a minha permanência e conclusão neste mestrado. Também sou grata à agilidade, competência e cordialidade dos secretários do programa Érico e Andresson.

Às amigas de vida e profissão: as comadres Ingrid, Thays e Sália.

A Capes

Ao feminismo e às mulheres que lutam e lutaram por ele

À minha terapeuta por me ajudar no meu crescimento pessoal

A mim mesma!

RESUMO

O presente estudo trata do tema da sexualidade, mais especificamente sobre pornografia. O problema desta pesquisa é entender que sentidos são produzidos sobre a pornografia pelas mulheres feministas e como o gênero contribui para essas produções de sentido e seus processos, considerando a polaridade no debate de porta-vozes feministas sobre pornografia e sexualidade, e a história da sexualidade das mulheres e suas diferentes associações com a pornografia. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, um estudo de caso. Para a operacionalização utilizou-se a aplicação de entrevistas semiestruturadas, presenciais, com mulheres que se assumiram como feministas. Os marcos teóricos utilizados para a construção do trabalho perpassam as discussões de gênero, teorias feministas sobre sexualidade e pornografia, e discursos das ciências humanas sobre a sexualidade. Foi constatado que a pornografia ainda não é algo natural na vida das mulheres e seu uso ainda é marcado por contradições. Para elas a pornografia é um ativador da vida sexual e também recurso de satisfação, no entanto não exatamente a pornografia hegemônica que mostra a mulher como objeto sexual masculino. O que elas desejam é ver a representação de uma mulher tendo seus desejos considerados e o seu prazer respeitado nessa forma de viver a sexualidade.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero; Sexualidade; Pornografia; Mulheres feministas.

RESUMEN

El presente estudio trata del tema de la sexualidad, más específicamente sobre pornografía. El problema de esta investigación es entender qué sentidos son producidos sobre la pornografía por las mujeres feministas y cómo el género contribuye a esas producciones de sentido y sus procesos, considerando la polaridad en el debate de portavoces feministas sobre pornografía y sexualidad además de la historia de la sexualidad de las mujeres y sus distintas asociaciones con la pornografía. Se trata de una investigación de enfoque cualitativo, un estudio de caso. Para la operacionalización se utilizó la aplicación de entrevistas semiestructuradas, presenciales, con mujeres que se asumieron como feministas. Los marcos teóricos utilizados para la construcción del trabajo atraviesan las discusiones de género, teorías feministas sobre sexualidad y pornografía y discursos de las ciencias humanas sobre la sexualidad. Se constató que la pornografía todavía no es algo natural en la vida de las mujeres y su uso todavía está marcado por contradicciones. Para ellas la pornografía es un activador de la vida sexual y también recurso de satisfacción, pero no exactamente la pornografía hegemónica que muestra a la mujer como objeto sexual masculino. Lo que desean es ver la representación de una mujer teniendo sus deseos considerados y su placer respetado en esa forma de vivir la sexualidad.

PALABRAS- CLAVE: Género; Sexualidad; Pornografía; Mujeres feministas.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1 COMO O FEMINISMO ATRAVESSA ESTA PESQUISA	11
1.1 A epistemologia feminista e a experiência das mulheres na produção científica.....	15
1.2 O gênero como categoria de análise desta pesquisa	16
1.3 E como a pesquisadora situa-se nesta pesquisa?	18
1.4 O percurso metodológico.....	20
1.5 Universo e sujeitos da pesquisa	22
1.6 Operacionalização.....	23
1.7 O processo de análise.....	24
1.8 Aspectos éticos e legais da pesquisa.....	25
2 O QUE AS CIÊNCIAS HUMANAS DIZEM SOBRE SEXUALIDADE.....	26
2.1 Diálogos com Freud.....	30
2.2 A História da Sexualidade: discursos e poder em Foucault	33
2.3 Relações entre erotismo, sexualidade e pornografia.....	38
2.4 Pornografia: uma invenção moderna e marginal?	42
3 A HISTÓRIA DA SEXUALIDADE DAS MULHERES.....	48
3.1 A mulher e o sistema sexual: do casamento patriarcal ao amor	52
3.2 De objetos a senhoras de sua sexualidade: feministas como pioneiras das discussões de gênero e sexualidade.....	58
3.3 Da narrativa feminina na pornografia moderna às guerras feministas contra a pornografia.....	63
3.3.1 Guerras sexuais: a pornografia como objeto de disputas entre feministas no século XX.....	65
3.3.2 Feministas pró-pornografia: a criticidade em defesa do prazer e autonomia das mulheres	69
3.4 Feminismo de quarta onda: feministas do milênio e suas relações com a internet e a pornografia.....	72
4 O QUE DIZEM AS MULHERES SOBRE SEXUALIDADE	78
5 DISCURSOS DE MULHERES FEMINISTAS SOBRE PORNOGRAFIA	95
CONSIDERAÇÕES FINAIS	114
REFERÊNCIAS	117
ANEXOS.....	124

INTRODUÇÃO

Nos últimos dez anos, o mercado de filmes e vídeos pornográficos voltados para mulheres, se desenvolveu para atender a este público desprivilegiado, enquanto sujeito, pela pornografia hegemônica. Diretoras de cinema, atrizes, educadoras sexuais e outras profissionais do sexo enveredaram para o recém-inaugurado mercado da pornografia feminista na internet. Contudo, teóricas feministas antipornografia consideram este produto prejudicial politicamente para as mulheres, embora existam feministas que defendam a reescrita da pornografia de forma que inclua os desejos das mulheres e de outras multidões. Deste modo, parece importante, na compreensão da pornografia, tratar dos discursos das mulheres sobre ela.

Uma pesquisa encomendada em 2018 pelo canal pornográfico Sexy Hot – pertencente ao grupo GloboSat – e divulgada pelo portal de notícia G1, apontou que 22 milhões de pessoas admitem consumir pornografia no Brasil – sendo 76% de homens e 24% de mulheres. Predominam as pessoas com menos de 35 anos e que estão em um relacionamento sério – casamento ou namoro. Sobre as pessoas que se identificaram como mulheres, a pesquisa percebeu também que é mais comum que elas busquem conteúdos para inspirá-las a melhorar suas relações sexuais e amorosas. A pesquisa também categorizou grupos de acordo com as preferências. O grupo nomeado de *pornograficamente correto*, que detém 17% da audiência, registrou a maior presença de mulheres em relação aos demais grupos. A pesquisa mostrou que este público preza por um ambiente mais seguro, com filtros e produções *de qualidade*, pois consideram a pornografia um complemento importante do sexo e um recurso que ajuda a inovar a vida sexual ao sair da rotina.

Entretanto, esses dados numéricos servem apenas para atrair a atenção sobre a forma como as mulheres utilizam a pornografia e, por isso, os números são o que menos importa. O que pensam a respeito é atravessado pelo gênero e interfere diretamente no modo como a utilizam. Isso se deve ao fato de que a tradição pornográfica ainda é dirigida aos homens, enquanto as mulheres faziam parte disso como personagens e objetos sexuais. No entanto, é inegável que o cenário está se modificando rapidamente, e as mulheres já não são mais excluídas da pornografia como sujeitas – consumidoras ativas e produtoras de conteúdo.

Dessa maneira, a pesquisa *Gênero e Sexualidade: discursos de mulheres feministas sobre a pornografia* realizada em Teresina, Piauí, foi construída pensando a sexualidade como uma área extremamente importante do comportamento em sociedade, tornando o conteúdo visual pornográfico o mais acessado na internet. Para as mulheres o tema é

especialmente importante, já que, historicamente, elas sofreram constante e extrema vigilância imposta sobre seus discursos e seus desejos. Há várias camadas não reveladas e que permitem pressupor que elas estão permeadas pelas relações de gênero. Assim, esse trabalho procura entender os discursos sobre a pornografia pelas mulheres feministas, e como o gênero contribui para essas produções de sentido e seus processos enquanto categoria analítica principal, considerando o atravessamento dos discursos feministas sobre pornografia e sexualidade. O objetivo principal desta pesquisa é analisar as conexões entre os discursos de mulheres sobre a pornografia e as relações de gênero.

A pesquisa tem como objetivos específicos averiguar o que pensam as mulheres sobre o lugar da pornografia na vivência de sua sexualidade, além de identificar o que pensam sobre a representação da mulher na pornografia, suas motivações para fazer uso ou não deste tipo de conteúdo e mapear os repertórios de gênero utilizados para diferenciar pornografia de erotismo.

Tata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, realizada, através de entrevistas semi-estruturadas, com mulheres que residem em Teresina e que se reconhecem como feministas. É, portanto, um estudo de caso. A leitura e interpretação dos dados consideraram a análise discursiva para compreender o discurso das mulheres sobre pornografia.

Na definição do marco teórico, para nortear o trabalho, foram escolhidos teóricos conforme seus temas de estudos, o de sexualidade, a partir de Michel Foucault (2014) e Jeffrey Weeks (2000, p.29) com a definição de sexualidade como sendo uma série de crenças, comportamentos, relações e identidades socialmente construídas e historicamente moldadas envolvidas com os prazeres acessados através do corpo. E utilizo Foucault (2014) através do conceito de sexualidade enquanto dispositivo histórico, formado por uma união que implica na estimulação dos corpos, produção de prazeres, estímulo aos discursos, produção de saberes e mecanismos de controles e resistência.

A discussão de gênero está sustentada a partir de Judith Butler, Paul B. Preciado e Guacira Louro, pois, acredito que para a compreensão mais ampla e aprofundada, é necessária uma visão pós-estruturalista, que permite ir além do simples conceito de organização social com base nos sexos. Para Louro (2003), não são exatamente as características sexuais que definem a organização social e relacional, e sim a representação e valorização dessas características. E compreendo Butler (2015) através da ideia de gênero como uma categoria que também produz identidades nos sujeitos e se constrói dentro das relações de poder.

Sobre o conceito de pornografia, há o diálogo entre autores(as), como Maria Elvira Díaz Benítez (2009) ao afirmar que são diversas as definições existentes sobre pornografia, construídas a partir de diferentes produções discursivas e de poder. A pornografia é um fenômeno social que está em constante transformação, principalmente a respeito do que se pensa sobre ela. Já a pornografia enquanto produto comercial pode ser problematizada como estratégia reguladora de desejos. Para Filomena Gregori (2003), a pornografia é a expressão gráfica de comportamentos sexuais com o propósito de romper tabus sociais. A partir do gênero, Gregori questiona o lugar do feminino nesta expressão e por que cabe a ele ser violado, posicionando a pornografia como uma das prioridades dos debates feministas.

Sobre o discurso pornográfico e erótico, são relevantes as reflexões de Dominique Maingueneau (2010). Embora a sua discussão se dirija ao erotismo e pornografia na literatura, a partir do entendimento sobre obscenidade, pornografia é o que a sociedade pretender dar mínima ou nenhuma visibilidade. E ao contrário do erotismo, a pornografia não dissimula suas intenções agressivas, enquanto o erótico atende de forma mais satisfatória a certos valores sociais e morais e por isso é mais bem acolhido. Além disso, o erótico obedece mais ao estetismo, como elegante e sugestiva, de forma a seduzir o(a) consumidor(a). Já a pornografia busca incessantemente a saturação dos sentidos e do prazer, percorrendo o ciclo completo entre excitação e satisfação. (MAINGUENEAU, 2010)

Assim, o trabalho está dividido entre *Como o feminismo atravessa esta pesquisa*, em que é feita uma pequena historicização do movimento feminista até os dias atuais, e como o modo de pensar feminista reflete na produção acadêmica das ciências sociais e no modo de viver em sociedade. Em *O que as ciências humanas dizem sobre sexualidade*, capítulo que se dedica a fazer a revisão de importantes discussões teóricas sobre a sexualidade nas ciências humanas, dando enfoque especial às relações entre discurso e sexualidade, relações entre erotismo e pornografia e a história da pornografia. Inicialmente, procuro mostrar como o feminismo atravessa esta pesquisa, falando sobre importantes momentos da história do movimento feminista, da epistemologia feminista e do percurso metodológico. Em *A História da sexualidade das mulheres* é feito um percurso pela história das mulheres desde o século XVII até o século XXI, perpassando as diversas atualizações sociais que impactaram a existência e o prazer das mulheres. O século XX se destaca com o despontar das lutas feministas, trazendo desde as narrativas da Revolução Sexual até a recente e aceita relação das mulheres com a pornografia, enquanto consumidoras e produtoras no século XXI. E, no

último e mais importante capítulo, apresento as análises a partir das entrevistas realizadas com mulheres feministas sobre sexualidade, pornografia e erotismo.

A pesquisa pretende trazer contribuições às discussões de gênero, situando a pornografia como um tema relevante para o feminismo e para a sexualidade, e também por dar visibilidade a alguns discursos de mulheres. Teoricamente, a pornografia também rende ricos debates a partir da Análise do Discurso, produção de sentidos, relações de poder, corpo, consumo e mídia.

Ao final, a pesquisa me mostrou que embora a pornografia ainda não seja algo integrado no mundo das mulheres, ao responderem à minha pesquisa, senti que havia uma necessidade dessas mulheres que se reconhecem como feministas romperem barreiras e expressarem o que desejam e o que sentem, buscando um canal que legitime essas expressões. Se assumindo ou não como audiência da pornografia, o próprio fato de se disponibilizarem a falar sobre o tema representou um dado importante de análise, pois, a pornografia ainda pode ser considerada um assunto interdito. O avanço da internet também permite que a experiência seja mais consistente, variada e privativa, longe de olhares reguladores, e permite às mulheres compartilharem suas experiências e suas preferências com outras mulheres.

1. COMO O FEMINISMO ATRAVESSA ESTA PESQUISA

Em termos gerais, o feminismo, enquanto movimento teórico, político e reflexivo busca a equidade entre homens e mulheres. Ao longo da história vem se destacando como um dos movimentos mais consistentes, resistentes e prolíficos em termos de conquistas e também como um movimento peculiar, dos raros, que conseguem entrelaçar a prática e a própria produção teórica.

É fato que embora o termo *feminismo* seja algo do século XX, em toda a História do Ocidente houve mulheres que se revoltaram e se lançaram às lutas por liberdade e contra a opressão, sendo a Igreja Católica, através da Inquisição, uma das principais inimigas das mulheres e de qualquer um que desafiasse seus dogmas. Contudo, foi entre o fim do século XIX e início do século XX que mulheres iniciaram organizações que buscavam mais direitos à população feminina. O mais célebre deles foi o movimento Sufragista, que nasceu na Inglaterra e exigia o direito ao voto para as mulheres, fazendo com que muitas mulheres arriscassem suas vidas pela causa. (PINTO, 2010).

O movimento Sufragista teve suas versões em diversos países ocidentais, inclusive o Brasil, e alcançou o seu objetivo. No Brasil, o grupo liderado pela bióloga Bertha Lutz conseguiu o direito ao voto para as mulheres em 1932, a partir da promulgação do código eleitoral, muito embora elas ainda não tivessem o direito à candidatura a cargos políticos. Mesmo com as diversas organizações feministas presentes e atuantes durante esses anos, os movimentos de mulheres perderam alguma força. Essa baixa perdurou até o lançamento do marcante livro de Simone de Beauvoir em 1949 - O Segundo Sexo. O livro se transformou numa importante referência para impulsionar a chamada *segunda onda feminista* e os posteriormente os estudos de gênero.

A segunda onda desponta a partir dos anos 60 e alcança uma intensa produção até a década de 80. Mas foi com a publicação da *Mística Feminina* (1963) de Betty Friedan, que o movimento tomou vigor teórico e força para ganhar as ruas. No Brasil, o processo foi um pouco mais lento, devido ao momento de intensa repressão imposta pela ditadura militar na década de 60, especialmente a partir de 1968, com o Ato Institucional 5, que dava poderes ditatoriais ao presidente. A partir deste contexto, o início da década de 70 também marca as primeiras manifestações propriamente feministas no Brasil. Com intensa produção teórica, o feminismo da segunda metade do século XX reúne um perfil de precursoras: mulheres brancas, de classe média alta, com acesso à educação superior em grandes universidades e

formações concentradas nas áreas de Ciências Humanas, Psicanálise, Filosofia e Crítica Literária. De fato, o feminismo de segunda onda nasceu no seio da academia e da classe média branca. (PINTO, 2010).

O eixo central das críticas feministas são as relações sociais estabelecidas a partir do gênero, e as práticas e discursos que têm produzido profundos danos ao desenvolvimento e à existência das mulheres.

Ao confrontarem as produções científicas ou os discursos de controle amplamente compartilhados na sociedade, as feministas encontraram discrepâncias e equívocos ao fazerem o exercício de comparação destas questões às suas experiências enquanto mulheres. Havia uma parte da história que não estava sendo contada. Sobre a discussão da sexualidade e das produções científicas e discursos médicos a esse respeito, as militantes utilizavam os grupos de acolhimento e conscientização, e também os grupos de estudo e salas de aula para questionar as teorias científicas vigentes, tidas como verdades produzidas objetivamente, mas que caíam por terra com simples mudanças de olhar. Entre os principais alvos estava a sexualidade feminina, como os tais orgasmos vaginais e o reforço da ideia de saúde ligada a sexo com amor e compromisso. (EHRENHEICH; ENGLISH, 2003).

É claro que quando as mulheres passaram a forçar sua entrada nos espaços públicos de poder e conhecimento, as tentativas de barrá-las foram muitas. Para que as desigualdades fossem mantidas a favor do sentido do poder, diversas estratégias e sistemas simbólicos, morais e psicológicos foram utilizados para frear as mulheres. A respeito do feminismo, de acordo com Jardim (2010) ele ganhou um lugar especial no arranjo de dominação, a partir da regulação discursiva. A elas se permite falar algumas coisas e outras, entretanto, só as não feministas podem falar. “A recepção destas falas por homens e mulheres tende a ter a mesma característica, é a recepção de uma fala marcada, portanto particular, em oposição à fala masculina/universal. Se for a fala de uma mulher feminista, é o particular do particular.”(p.20)

O machismo reservou, então, às feministas, um lugar de descrédito perante a parte da sociedade que ainda não entendia esse movimento. Pesou sobre elas também a pecha da agressividade desconcertante, da masculinização e os factoides que as acusavam de odiar aos homens e serem promíscuas. Sobre a sexualidade feminina, é inegável que algumas descobertas sobre a natureza do gozo feminino e a invenção da pílula anticoncepcional melhoraram consideravelmente a vida sexual e amorosa das mulheres ocidentais. O movimento feminista, juntamente com a valorização da mulher solteira, a época do amor livre dos hippies e as novas configurações das relações amorosas, possibilitaram uma rápida

atualização dos direitos sexuais e reprodutivos das mulheres, embora muitas pautas ainda persistissem por várias décadas.

Enquanto pioneiras no debate de sexualidade e militantes do movimento de Libertação Feminina em fins da década de 70, as feministas conseguiram levar as pautas sexuais das mulheres até as conferências mundiais da ONU, onde os direitos sexuais e reprodutivos das mulheres passaram a ser considerados como direitos humanos durante a Conferência de Pequim, em 1995.

Embora falar de revolução sexual seja problemático, é fato que houve uma intensa atualização social na qual o feminismo teve e continua tendo papel fundamental. As guerras sexuais feministas, como eram chamadas, tiveram um destaque especial no debate, tendo como objeto principal a pornografia e as leis que a regulamentavam. Também incitaram reflexões e mudanças nas leis de países como o Canadá e Estados Unidos e continuam reverberando até hoje na crítica à pornografia.

A terceira onda feminista foi importante por marcar uma explosão teórica. Embora herdeira da segunda onda, se mostrava amadurecida e revolucionária ao trabalhar com os conceitos de gênero e utilizá-lo como categoria. No Brasil, em especial, a terceira onda se mostrou muito atuante, como descreve Buarque de Hollanda (2018), observando um destaque nas campanhas por eleições diretas, na construção do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher e na criação das DEAMs – Delegacias Especializadas no Atendimento à Mulher. E no âmbito acadêmico, o movimento lutou pela consolidação e reconhecimento institucional dos estudos feministas e de gênero, que repercutem até agora nas nossas principais referências. Espistemologicamente foi um momento extremamente produtor, onde diversas teóricas assentaram as suas teorias de gênero e começaram a lutar pela relevância desses estudos, mas de forma independente, com sua visibilidade própria, não escondida à sombra dos estudos culturais e de identidade. E nesta mesma época, os estudos feministas e os estudos de gênero começavam a despontar com mais vigor, entretanto, o ponto de virada se dá na metade da década de 70, quando clássicos como Marx, Engels, Freud e Lacan passam a ser questionados por estas novas teóricas. Nesse embalo, Gayle Rubin também enfrenta Lévi-Strauss e apresenta o termo gênero, ao descrever o sistema de sexo-gênero. (BUARQUE DE HOLLANDA, 2018)

Associado à própria passagem da natureza para a cultura. Gayle oferecia ali elementos para a futura elaboração do conceito de gênero e, mais perturbador ainda, já enfrentava o pressuposto da heteronormatividade. Não é por acaso que Judith Butler demonstra frequentemente sua admiração e

mesmo compromisso com o trabalho de Gayle Rubin. Mas o texto da autora que mais me marcou foi o artigo “Pensando sexo: Notas para uma teoria radical da política da sexualidade”, publicado em 1984, no qual a autora afirmava a necessidade da separação analítica entre gênero e sexualidade, propondo que o sexo, enquanto vetor de opressão, atravessa todos os modos de desigualdade social, como classe, raça, etnicidade ou gênero. É fácil perceber o efeito inaugural e provocador dos textos de Gayle Rubin para o feminismo histórico, hoje percebido como branco ou universal. (HOLLANDA, 2018, p. 17-18)

A descrição da terceira onda feminista por Heloísa Buarque de Hollanda (2018) dá conta da importância desse momento, que ela acreditava ser o último mais relevante e vigoroso para o movimento, entretanto, ao se deparar com as forças que saíam das redes sociais em protestos e os diversos ativismos na internet, ela entendeu que a história estava refazendo o movimento e tornando-o ainda mais ressoante. Só que desta vez, juntamente com outros movimentos, este não era mais baseado em ideologias políticas, mas na ética, mostrando obviedades sobre o que é ser feminista e ativista de outros movimentos.

Entretanto é preciso considerar que a onda mais relevante do feminismo não precisa se restringir a segunda e terceira onda que foram marcadamente acadêmicas e de formação de grandes e influentes movimentos, mas também precisamos analisar a quarta onda feminista, cujo contexto é o mesmo no qual está inserido este trabalho.

Há pouquíssimo tempo, por volta de 2015, eu acreditava que a minha geração teria sido, talvez, a última empenhada na luta das mulheres. Até que um vozerio, marchas, protestos, campanhas na rede e meninas na rua se aglomeraram, gritando diante da ameaça de retrocesso que representava a aprovação do Projeto de Lei 5069/2013, que dificultaria o acesso de vítimas de estupro ao aborto legal. Levei um susto. Um susto alegre. Mais alegre ainda ao perceber que aqueles não seriam gritos passageiros. A novidade era tão repentina quanto forte. Pelo menos, ninguém menor de dezoito anos precisava disfarçar seu feminismo, como era a tônica das simpatizantes do movimento no meu tempo. Elas chegaram e falaram, quiseram, exigiram. O tom agora é de indignação. E, para meu maior espanto, suas demandas feministas estão sendo ouvidas como nunca. (HOLLANDA, 2018, p.11)

Uma onda revolucionada pela presença das redes sociais, acesso à internet, e uma população de feministas nativas, ou seja, nascidas durante a efervescência do movimento. A nova face do movimento é caracterizada por um público de jovens e adolescentes que já nasceram e cresceram com os discursos feministas das redes sociais e que hoje representam grande parte do público que movimenta e alimenta o feminismo em todas as esferas. As mulheres que participaram desta pesquisa pertencem a este contexto.

Por outro lado, vejo claramente a existência de uma nova geração política, na qual se incluem as feministas, com estratégias próprias, criando formas de organização desconhecidas para mim, autônomas, desprezando a mediação representativa, horizontal, sem lideranças e protagonismos, baseadas em narrativas de si, de experiências pessoais que ecoam coletivas, valorizando mais a ética do que a ideologia, mais a insurgência do que a revolução. (HOLLANDA, 2018, p.12)

1.1. A epistemologia feminista e a experiência das mulheres na produção científica

De acordo com Rago (2012, p.46), é inegável que as mulheres tenham contribuído com rápidas mudanças nas constelações sociais, apresentando inovações e exemplos de reestruturação dos espaços físicos, sociais, culturais e científicos, mas, além disso, propuseram novos horizontes interpretativos, temáticas inovadoras de pesquisa, suscitando novos problemas e agregando sujeitos sociais considerados subalternos. E o mais importante: conquistando e promovendo novas formas de pensar e viver. Esse é o ponto de partida para se discutir a crítica feminista à luz da ciência. Sobre essa questão, surge a proposta de uma epistemologia feminista, que acolhe as novas formas de pensar e problematizar, e considera as experiências femininas na criação de novos objetos e nas subjetividades.

As epistemologias feministas ou um projeto feminista de ciência, como também pode ser chamado, nasce de movimentos diversificados a partir da luta feminista, que não se empenha apenas em criticar fortemente os modos dominantes de produção científica, mas também surgem enquanto proposta de oferecer alternativas às formas de produção de conhecimento, já que admite que é preciso reconhecer as particularidades das experiências e modos de socialização das mulheres que atravessam a sua história. Entretanto, a epistemologia feminista não abre portas apenas para a experiência das mulheres, mas aponta novas respostas aos problemas de investigação em contraposição aos modos tradicionais de fazer ciência. (RAGO, 2012)

Para Harding (1987), por ser a epistemologia a ciência do conhecimento, muitos teóricos sugerem que as epistemologias são locais que justificam e acomodam crenças. A crítica feminista argumenta que a ciência não foi um local de produção objetivo, mas que, historicamente, os conhecimentos foram produzidos levando em consideração, majoritariamente, os interesses de um sujeito universal: o homem branco e privilegiado. A perspectiva feminista da ciência surgiu no âmbito do desenvolvimento dos movimentos de teóricas feministas para denunciar a invisibilidade das mulheres na produção do conhecimento, enquanto cientistas e sujeitas. Também para confrontar e oferecer alternativas às produções científicas que não atendiam aos interesses das mulheres.

Estas questões, por exemplo, fizeram também com que fossem produzidas novas problematizações a respeito das metodologias de pesquisa normalmente utilizadas nas pesquisas sociais, sobretudo a respeito da sexualidade, já que a mesma pergunta pode originar respostas diferentes em razão do contexto e das categorias consideradas, como momento histórico, região, raça e gênero. (EHRENREICH, 2003).

Tim May (2004, p. 36), ao falar da epistemologia feminista, afirma que a partir dela, a ciência ganha com a crítica sobre a ausência do gênero enquanto uma categoria de grande importância dentro das pesquisas sociais e, desta maneira, oferece uma crítica também aos métodos tradicionalmente utilizados e à construção da ciência a partir de olhares predominantemente masculinos e concepções limitadas sobre a razão. Dessa maneira, May (2004) enxerga na epistemologia feminista possibilidades de se tirar algumas lições para a produção da ciência, como por exemplo, evitar sistematicamente falácias voltadas para uma suposta *natureza* feminina e suas condições biológicas, como a capacidade reprodutiva das mulheres enquanto fator limitante da participação social destas, partindo do pressuposto que as próprias condições biológicas são elaboradas a partir de discursos próprios da dinâmica social na qual estão inseridas as mulheres. Além da compreensão de que estas manipulações levam à sistemática exclusão feminina da esfera pública, e que é urgente o reconhecimento da contribuição das mulheres para os campos econômico, cultural e político. E por último, oferece mais uma perspectiva de análise para as ciências sociais e desafia a hegemonia do pensamento androcêntrico e heteronormativo. (MAY, 2004)

1.2. O gênero como categoria de análise desta pesquisa

Ao partir do pressuposto de que as mulheres possuem opiniões e impressões sobre a pornografia, sendo consumidoras assíduas, eventuais ou não consumidoras, essas opiniões podem sofrer influências no que diz respeito à autoimagem, padrões de beleza, práticas sexuais e violência. (WOLF, 1992; PRECIADO, 2007). A partir dessa reflexão, entendemos que as experiências com a pornografia e os seus discursos sofrem o atravessamento profundo da categoria de gênero e isso modifica significativamente a forma de consumo e se enraiza às suas experiências. Por isso devemos considerar o conceito de gênero como norteador deste trabalho.

Judith Butler e Guacira Louro foram consideradas as principais escolhas e as mais adequadas a esta pesquisa, a partir de uma perspectiva pós-estruturalista, por esta ser uma forma aparentemente mais abrangente e mais complexa para analisar os discursos em meio a

debates feministas polarizados sobre a pornografia. Para Butler e Louro, a premissa de que o gênero é uma simples organização social entre os sexos é insuficiente para a complexidade da discussão. Para Louro (2003), não são exatamente as características sexuais que definem como será essa organização social e relacional, mas sim como essas características são representadas ou valorizadas, ou o que se diz sobre o que significa o feminino ou masculino em um determinado momento histórico.

Para Judith Butler (2015), o discurso de construção de gênero que irculou intensamente pela teoria feminista não parece muito adequado e suficiente para se compreender gênero em termos pós-estruturalistas. Para ela, há perguntas norteadoras importantes que podem modificar os rumos das reflexões e teorizações sobre gênero. Tal discurso não é suficiente para argumentar que não há nenhum *sexo* pré-discursivo que atue como o ponto de referência estável sobre o qual, ou em relação ao qual, se realiza a construção cultural do gênero. Afirmar que o sexo já está generizado (*gendered*), que já está construído, não explica de que modo se produz forçosamente a *materialidade* do sexo. Quais são as forças que fazem com que os corpos se materializem como *sexuados* e como devemos entender a *matéria* do sexo e dos corpos, de maneira mais geral, como a circunscrição repetida e violenta da inteligibilidade cultural? Que corpos chegam a importar? E por quê? (BUTLER, 2015, p.15)

Butler (2015) elabora, então, reflexões sobre o caráter não determinadamente performativo do gênero, interpretado muitas vezes como um artifício que se escolhe ou se muda conforme as vontades e interesses. Mas o gênero como uma categoria que também produz identidades nos sujeitos, se constrói dentro das relações de poder, mais especificamente nas restrições normativas, além de regular os seres corporais e construir os corpos discursivamente.

A partir da concepção Butleriana, podemos problematizar o sujeito universal mulher, que foi utilizado pelo feminismo de segunda onda. Um sujeito determinado e estável, que servia como referência para o norteamento das lutas. A mulher era definida com base no seu sexo. Entretanto, essa definição, embora coerente para as urgências das primeiras lutas, já não se apresenta tão estável e absoluta com os debates atuais. Um pensamento interseccional promove uma variação nos processos identitários, já que outras categorias como raça, etnia, classe, geração, orientação sexual e estilo pessoal transformam drasticamente as experiências das mulheres. É claro que essas categorias e essas experiências podem desestabilizar o significado do que é ser mulher. Entretanto, isso não exclui o fato de que há aspectos da

experiência das mulheres que são considerados a partir do sexo, como por exemplo, algumas violências e o acesso a direitos, ainda que estes possam ocorrer de maneiras diversas e desiguais entre diferentes mulheres. Da mesma forma que o conceito de gênero utilizado leva a pensar na instabilidade do conceito mulher, é também um pressuposto que o gênero atravesse as mulheres de maneiras distintas, levando-as a reflexões diferentes sobre o feminismo e, conseqüentemente, sobre as vivências de sua sexualidade através do consumo de pornografia. Entre os debates polarizados, entende-se que há uma miríade de questões que uma polarização feminista jamais poderia dar conta.

Por isso, e mantendo a consciência das variáveis que contribuem com a formação de um sujeito mulher, escolhemos mulheres cisgêneras como participantes. Contudo, outras categorias foram absolutamente deixadas em aberto e consideradas na análise, como idade, formação acadêmica, orientação sexual, estado civil, fato de ser mãe ou não, por exemplo. A forma como as participantes foram convidadas a participar da pesquisa também diz muito sobre quem elas são. Como o convite foi feito através de perfil pessoal do Facebook, a maioria das mulheres que participaram já nos conheciam de outros círculos e pertencem à classe média teresinense. E como se consideram feministas e bem informadas, a maioria já possuía um ativismo regular nas redes sociais, com amplo interesse nas discussões de gênero e política.

1.3. E como a pesquisadora situa-se nesta pesquisa?

Enquanto uma pesquisadora feminista, cisgênera, branca e de classe média, o meu olhar e o meu modo de vida também influenciam no meu percurso em direção ao meu objeto e às minhas participantes. Seria ingênuo pensar o contrário. Entretanto, embora se considerem as diferenças, similaridades, particularidades e generalidades constituintes de subjetividades como um rico material em uma pesquisa, há também um exercício que continuo tendo que fazer enquanto pesquisadora: trabalhar o meu eu, para que ele entre em equilíbrio em relação às minhas escolhas de pesquisa. Eu também sou uma consumidora ocasional de pornografia, tenho minhas preferências e o meu modo de utilizá-la, e admito que esse interesse também contribuiu para que eu me aventurasse academicamente nesta área. Contudo, preciso lembrar-me de deixar as minhas pré-noções firmemente controladas para que isso não afete negativamente o percurso metodológico. Reconheço que esta não é uma tarefa fácil.

Também admito que ao escrever o primeiro projeto de pesquisa, eu tinha concepções carregadas de preconceitos a respeito da pornografia. Ao longo da pesquisa, como era

esperado, a minha maneira de pensar sobre o tema, assim como o meu feminismo, se adaptou. A pornografia não pode ser vista como vilã, inclusive a pesquisa mostrou que o conceito é tão instável que às vezes desconfio que sequer exista. Como se a pornografia fosse simplesmente reduzida a um adjetivo ofensivo e não a um substantivo. Mas recuei e refleti que a pesquisa para a qual eu havia me disponibilizado precisava chegar a um acordo sobre o significado de pornografia, pois o problema não era encontrar a ontologia da pornografia ou reificá-la. O que pensam e dizem sobre ela é o bastante para este momento da problematização. E por isso, como era previsto e bastante óbvio, o meu posicionamento se modificou consideravelmente em relação à sexualidade e a pornografia. Cheguei até a comemorar o estágio satisfatório que alcancei pessoal e epistemologicamente. Esse estágio compreende o equilíbrio dos preconceitos e das euforias para melhor acolher as diversas opiniões com baixa interferência de juízos de valor e de moralidades.

O feminismo tem importância fundamental nesta pesquisa, enquanto epistemologia, discurso, lugar político e modo de vida. A partir dos discursos construídos sob influência do feminismo (ou dos), as mulheres conseguiram estabilizar suas mais recentes opiniões, levando-as ao interesse pelo tema e a refletirem sobre a pornografia. Também foram os feminismos que as aproximaram dessa oportunidade de produzir novos conhecimentos acadêmicos e conhecimento de si, em um processo que pode ser um passo inicial de incríveis transformações pessoais, através da escuta ativa e das trocas emocionais. Além de entregar esse trabalho feito com muito comprometimento e em meio a adversidades, considero que cumpri um papel feminista ao propor às mulheres mais que uma entrevista, mas um interesse em conhecer uma parte de suas vidas e descobrir que esse também foi um momento onde elas puderam produzir importantes reflexões. Percebi também que para muitas era a primeira vez que elaboravam determinados pensamentos e verbalizavam sobre peculiaridades de suas vidas sexuais e afetivas. Para mim, ter acesso em primeira mão a esses processos é um grande privilégio.

Na minha trajetória de pretensa pesquisadora feminista, enquanto algumas convicções se fortaleceram, outras se desfizeram. Havia um interesse muito grande da minha parte em utilizar os conhecimentos científicos para fortalecer as lutas políticas, pois foi assim que se concebeu o feminismo de segunda onda. E por isso investi acreditando que de alguma forma eu daria vozes às mulheres. Seriam suas vozes nesta pesquisa. Mas a voz que mais ressoa é a minha. A pesquisa é minha e foi criada e conduzida a partir das minhas concepções de aspirante a pesquisadora, mulher feminista, nordestina, branca e consumidora de pornografia

e que, no máximo, construímos juntas um objeto e um novo discurso. Mesmo assim, ainda acredito que esse trabalho pode produzir relevância para estas mulheres.

Assim, muito diferente do que comecei, o processo de pesquisa contribuiu fortemente para o meu processo de formação pessoal, transformou meus pensamentos e ideais e enterrou preconceitos. A pornografia enquanto conteúdo é um suporte de discursos e também é prática, e que por isso pode e deve ser modificada livremente conforme interesses sociais e, sendo assim, deve também trabalhar pelos interesses das mulheres, mostrando o quanto deve ser democratizado o acesso às diversas representações da sexualidade e do prazer.

1.4. O percurso metodológico

A escolha do tema não acontece de forma aleatória, mas de acordo com Deslandes (2010) é uma escolha que envolve além de uma dimensão técnica e científica, perpassa uma dimensão ideológica, pois a própria ciência é histórica e socialmente influenciável. Esse tema de pesquisa surgiu do centro de alguns debates feministas sobre a pornografia, que tendem a tomar rumos polarizados. Foi entre os posicionamentos antagônicos que encontrei lacunas teóricas, como a ausência de opiniões de mulheres atravessadas pelas relações de gênero sobre a pornografia, enquanto sujeitas. Para orientar esse estudo, trabalho com a perspectiva feminista da ciência.

Quanto ao objeto escolhido, as conexões com o gênero nos discursos de mulheres feministas sobre a pornografia, ele surgiu a partir da razão de que pouco se fala em pornografia. E como a pesquisa, de maneira abrangente, é sobre gênero e sexualidade, entender o que pensam as mulheres sobre a pornografia pareceu ser um recorte interessante para se chegar à sexualidade feminina, sendo que a pornografia, em todas as maneiras como ela pode se expressar, não é considerado um conteúdo que as mulheres costumam apreciar por uma questão remetente ao gênero. Os discursos também guardam muitas camadas e uma possibilidade de compreender mais profundamente do que poderia ser com apenas os discursos superficiais. É importante saber o que significam determinadas palavras, o dito e o não dito. Os silêncios, sorrisos, lágrimas, expressões, o porquê daquelas palavras ou daqueles temas serem colocados em determinado momento ou maneira. Sabemos que o tema da sexualidade é bastante delicado, e muitas das minhas entrevistadas jamais haviam pensado em suas narrativas para a sua sexualidade ou para a pornografia. Muitas sequer haviam parado para pensar de forma *organizada* sobre as suas trajetórias sexuais ou sobre a sua visão da pornografia - o que representa um dado relevante para a pesquisa - e todas elas são

atravessadas por elementos que permitem análises a partir do gênero.

Concentrei a pesquisa em um *estudo de caso* sobre a cidade de Teresina com suas residentes mulheres que se identificam como feministas e que possuem acesso à internet por computador e celular. Para tal pesquisa foram escolhidos métodos referentes à abordagem qualitativa. Para Gaskell (2003, p.68), o objetivo da pesquisa qualitativa não é quantificar opiniões ou pessoas, mas sim explorar o espectro de opiniões e as diferentes representações sobre o tema proposto. Apolinário (2006) entende que definir a estrutura básica da investigação corresponde à parte mais importante da pesquisa. Quanto ao tipo e objetivos, esta pesquisa se aproxima do tipo *exploratória*. Em relação aos procedimentos, ela deverá conter elementos que a relacionem com o *estudo de caso*. A escrita do texto final também procurou oferecer uma linguagem simples e clara, possível de ser acessada por quaisquer pessoas fora do campo acadêmico, já que um dos interesses da pesquisa é tornar o tema interessante para outras comunidades e melhorar o acesso aos debates de gênero, sexualidade e pornografia. Também no decorrer do texto, em alguns momentos eu utilizo a escrita em primeira pessoa do singular e do plural. O eu é necessário quando preciso me posicionar individualmente enquanto autora desta pesquisa, como estou fazendo agora. O nós é utilizado para incluir a orientadora deste trabalho sobre momentos em que tomamos decisões juntas. Por ser uma pesquisa feminista, optei por escrever no feminino alguns termos tradicionalmente grafados no masculino, como sujeitos de pesquisa. Nada mais coerente que sejam *sujeitas*, afinal, se é uma pesquisa feminista, ela deve ser compatível com a crítica feminista em relação ao uso linguagem enquanto sistema estruturante e também porque nesta pesquisa não há nenhum sujeito do gênero masculino.

Quanto ao tipo, ela pode ser exploratória porque, de acordo com Gil (1987), a pesquisa exploratória objetiva obter mais familiaridade com um tema e o aprimoramento de ideias para abrir caminho a um conhecimento ainda muito pouco explorado. Atualmente já existem muitas referências bibliográficas sobre o tema da pornografia, porém ainda há escassez de estudos científicos atravessados pelo gênero em relação à pornografia que tratam do ponto de vista de mulheres. Mesmo que predomine o tipo exploratório, esta pesquisa pretende também oferecer algumas explicações.

Já o estudo de caso, a partir de Gil (1987), é o tipo de pesquisa empírica que permite uma flexibilidade no uso de métodos e técnicas, pois requer uma variedade destas para que se atinjam os objetivos. Pode ser facilmente aplicada à pesquisa exploratória e requer um estudo profundo e exaustivo do objeto. Para Gil (1987), o estudo de caso padece ainda de alguns

preconceitos, como a quantidade de tempo destinado à pesquisa, dificuldades de generalização e os riscos de faltar com o rigor metodológico. Mas, apesar desses preconceitos, Gil (1987) acrescenta que o estudo de caso pode ser usado quando se busca explorar situações da vida real em que os limites não estejam definidos com clareza, descrever uma situação do contexto em que a pesquisa está sendo realizada, além de explicar fenômenos inseridos em contextos complexos onde não é possível fazer alguns tipos de levantamentos ou experimentos. Mesmo que existam alguns problemas, as experiências acumuladas ao longo dos tempos com esse tipo de pesquisa, diz que vários estudos de caso foram passíveis de confirmação através de outras pesquisas. Contudo, Gil (1987) alerta que devido à flexibilidade no uso de métodos e técnicas, é preciso muito mais rigor por parte da pesquisadora, sob o risco de se reunir um amontoado de informações difíceis de analisar.

E por último, a revisão bibliográfica é obrigatória como recurso metodológico fundamental para a realização da pesquisa em sua fase teórica, pois é através dela que se tem acesso ao conhecimento já produzido sobre o tema e de como devemos conduzir e analisar a pesquisa.

1.5. Universo e sujeitos da pesquisa

O universo desta pesquisa é composto por mulheres residentes em Teresina, que se identificam como feministas e possuem acesso à internet. Sobre a seleção das sujeitas, participaram mulheres cisgêneras, com idade a partir de 18 anos. O motivo da escolha desse universo se deu a partir do pressuposto de que essas mulheres já possuem um contato mínimo com o tema da pesquisa, através de informações compartilhadas nas redes sociais e mídias tradicionais. Ao todo, oito mulheres foram entrevistadas, contudo, apenas seis entrevistas foram aproveitadas devido a problemas técnicos que culminaram na perda de parte do conteúdo de duas entrevistas. Por isso, e por razões éticas, optamos por não utilizá-las, evitando, assim, distorções ou perda de contexto, já que o único registro que eu possuía desses momentos era a memória e as anotações, que seguramente são falhas. O número de entrevistadas foi definido levando-se em consideração as particularidades do objeto de pesquisa, que abrange temas densos e delicados, que requerem sensibilidade, paciência e disposição para conversar. Por isso, a profundidade e a qualidade das entrevistas foram consideradas como critérios mais importantes que a quantidade. Quanto à idade, participaram mulheres com idade entre 31 e 47 anos, todas com nível superior de escolaridade e profissões diversas. Cinco delas já haviam passado pela experiência do casamento ou viviam em um. A

maioria com filhos(as), exceto por duas. Além das características citadas acima, praticamente há muito pouco em comum entre essas mulheres. Devido às falhas técnicas que levaram à perda de parte do material, eu estava disposta a procurar mais mulheres para realizar novas entrevistas, contudo, após a transcrição, avaliamos que as seis ofereciam um abundante conteúdo e riqueza de discursos. As mulheres foram localizadas pelas redes sociais a partir de um anúncio na minha página pessoal do *Facebook*.

As entrevistas aconteceram em horários e locais diversificados. Todos foram escolhidos pelas participantes e que se encaixavam na minha rotina. Elas foram entrevistadas nos próprios escritórios, outras em locais públicos, como um café e a praça de alimentação de um shopping. Algumas aconteceram também na universidade e outra foi na casa da própria participante. A ideia era garantir que elas se sentissem à vontade e houvesse o mínimo de intercorrências e desconfortos que pudessem influenciar no clima da entrevista.

Os nomes atribuídos às participantes são fictícios para proteger a identidade e privacidade delas e foram escolhidos para homenagear algumas feministas e estudiosas de gênero importantes no mundo, como Simone de Beauvoir, Monique Witting, bell hooks, Angela Davis, Judith Butler e Betty Friedan.

1.6. Operacionalização

Sobre a operacionalização da pesquisa, é importante realizar escolhas apropriadas ao objeto de estudo. Como o objetivo compreende a análise das conexões com o gênero nos discursos de mulheres feministas sobre a pornografia, esta pesquisa é predominantemente qualitativa.

Na fase de entrevistas presenciais semiabertas, as mulheres se voluntariaram para responder de forma espontânea após um único anúncio que publiquei em meu perfil no Facebook. Fiz uma descrição breve da pesquisa, delimito os critérios para participação, a quantidade necessária de pessoas e pedi que entrassem em contato por mensagem privada no WhatsApp ou no próprio Facebook. As primeiras mulheres que me procuraram e que atendiam aos critérios foram selecionadas. As entrevistas aconteceram em locais e horários escolhidos por elas e tiveram duração média de uma hora e trinta minutos com áudio gravado.

A preferência por investir na entrevista individual com tópicos-guia se justifica pelo objetivo geral que é analisar os discursos manifestos e latentes das participantes sobre as relações de gênero na pornografia, sobre a vivência da sua sexualidade atravessada pelo gênero e sobre o lugar da pornografia na vivência sexual delas.

A entrevista, para Gaskell (2003) é uma das principais portas de entrada para a cientista social que faz pesquisas qualitativas, pois elas visam conhecer o mundo da vida das participantes através das suas narrativas e opiniões. “O objetivo é uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações, em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos”. (GASKELL, 2003. p.65).

1.7. O processo de análise

Para este estudo interessa a Análise do Discurso (A.D.), através da vertente da análise sócio-hermenêutica. Godói (2005, p.97) descreve que essa vertente é guiada pela Fenomenologia, pela Etnologia e pela Teoria Crítica da Sociedade, que dão importância ao contexto, às informações de fundo do sujeito durante a análise e dá origem à terceira perspectiva da Análise do Discurso, que é a Interpretação Social do Discurso ou sócio-hermenêutica. Essa vertente busca a recuperação do sujeito que fora dissolvido na objetividade da análise do conteúdo manifesto. É nesse âmbito onde encontramos a diferença principal da análise sociológica dos discursos em relação à análise do conteúdo, sendo esta considerada uma perspectiva pragmática da A.D.

Dessa forma, foi feita a análise de discursos das entrevistas com tópicos - guias individuais. A Análise do Discurso é uma área complexa e de caráter interdisciplinar, que embora tenha uma gênese na Filosofia da Linguagem, desenvolveu-se fortemente a partir de escolas e tendências epistemológicas diversas e em disciplinas como a Linguística, a Semiótica, os Estudos Literários, a Antropologia, a Sociologia, as Teorias da Comunicação, a Psicologia Social e Cognitiva e a Inteligência Artificial, de acordo com Christiane Kleinübing Godoi (2005, p.91). A A.D é muito mais que uma série de procedimentos e técnicas, é também uma abordagem teórico-metodológica interdisciplinar e transdisciplinar, complexa e profunda, tendo em vista que envolve um trabalho de várias camadas e requer instrumentos que ajudem a sistematizar as ideias de forma eficiente. Para Orlandi (1999) as análises dos discursos têm relação direta do dito (o colocado) com o não dito (aquilo que é pressuposto) e a razão do pressuposto fica subentendida, que por sua vez dependerá do contexto.

Para a interpretação das entrevistas transcritas foi definido um *corpus* com o texto disponível. A análise foi realizada com a ajuda dos mapas de associação de ideias baseados nos descritos por Spink e Lima (2000, p.107), tidos como uma técnica importante na análise de práticas discursivas e produção de sentidos, ao sistematizar o processo e ao buscar aspectos

da construção linguística e dos repertórios utilizados na construção e na dialogia latente na produção de sentidos.

A partir dos mapas de associação de ideias é possível eleger categorias teóricas de acordo com os objetivos da pesquisa e organizar o texto dentro dessas categorias, preservando a sequência das falas e toda a sua integridade para manter a contextualização. Segundo Spink e Lima (2000) a técnica envolve estes passos: a utilização de um programa de processamento de dados, como o Word do Windows, onde é digitada toda a entrevista; faz-se uma tabela com as colunas referentes às categorias utilizadas; por último é necessário cortar e colar o texto para as colunas mantendo a sequência do diálogo. Spink e Lima (2000) reforçam que, devido aos objetivos dos mapas, eles não são técnicas fechadas, pois possibilitam uma interação entre a análise do texto e a criação das categorias, sendo que o próprio processo de análise poderá levar à criação de novas categorias. Entretanto, resguardada pelo caráter não rígido da técnica de Spink e Lima (2000), eu tomei a liberdade de adaptar o formato à minha necessidade e estilo de trabalho. As entrevistas foram inicialmente divididas em categorias relacionadas aos objetivos específicos, depois triadas, recategorizadas e inseridas em tabelas. A partir daí o texto sofreu diversos processos de triagem até atingir um ponto de saturação e chegar aos focos centrais necessários ao objetivo da pesquisa. Já dentro do texto foram recategorizadas de forma mais detalhada, formando subtópicos temáticos para melhorar a interpretação e o processo de leitura.

1.8. Aspectos éticos e legais da pesquisa

Esta pesquisa está atenta aos aspectos éticos e legais e, por isso, foi realizada a submissão ao Comitê de Ética e Pesquisa, obedecendo aos critérios e regras de pesquisa com seres humanos de acordo com o disposto na Resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) e do Ministério da Saúde (MS), cujo objetivo é garantir os direitos e deveres dos/das participantes da pesquisa, da comunidade científica e do Estado.

Às participantes foi assegurada a autonomia, garantia da não maleficência, o anonimato, a privacidade e possibilidade em desistir de qualquer fase da pesquisa se assim desejarem. Foi solicitada às participantes a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), após receberem todos os esclarecimentos sobre a pesquisa a partir de apresentação oral do projeto, e através de documento onde é disposto, de forma escrita, a

explicitação sobre o estudo e onde fica assinada a autorização da participante e/ou de seu responsável legal (BRASIL, 2016).

2. O QUE AS CIÊNCIAS HUMANAS DIZEM SOBRE SEXUALIDADE

A busca de uma conceituação sobre *sexualidade* é complexa em meio à diversidade de compreensões sobre o termo. Tentarei oferecer um panorama sobre a sexualidade, a partir da linha de discussão com a qual se compromete este trabalho, que é a construção social e histórica da sexualidade a partir dos discursos, o gênero, as relações de poder que atravessam e contribuem na construção da sexualidade, dando atenção especial à sexualidade feminina.

Em geral, o *sexo* é algo que se relaciona diretamente à noção de sexualidade, o que nos leva a pensar sobre o corpo biológico como o lugar primordial da sexualidade, segundo Weeks (2000). Contudo, para o autor, a sexualidade vai além dos limites corporais e reafirma que o local mais importante é de fato a mentalidade. As crenças, ideologias e imaginações estão no centro do que se pode entender como sexualidade, ao mesmo tempo em que o nosso corpo físico representa mais do que o exercício do prazer, mas um fenômeno social e histórico. (WEEKS, 2000, p.25).

Dessa maneira, Weeks (2000, p. 26-28) tenta refazer os caminhos de reflexão sobre a sexualidade. O senso comum costuma se referir à sexualidade como manifestação de *impulsos ou instintos ao sexo* tratando-a como algo natural, intrínseco. Contudo, há uma grande literatura que sugere que a sexualidade é uma construção social e que essas possibilidades do corpo em relação à sexualidade são moduladas de acordo com o sentido que damos ao corpo, sexo e sexualidade. Assim, o conceito de sexualidade é histórico e está em constante reorganização. O próprio termo *sexo* outrora já se referiu especificamente à divisão da humanidade nos segmentos masculino e feminino, às diferenças entre homens e mulheres e também foi designativo do sistema de como homens e mulheres se relacionavam, e à própria dimensão do sexo enquanto prática que busca os prazeres, persistindo com esses sentidos em muitos repertórios.

A partir dessa discussão, Weeks (2000, p. 29), em diálogo com Foucault, traz uma definição de sexualidade como sendo a conjunção de crenças, comportamentos, relações e identidades socialmente construídas e historicamente moldadas que se relacionam com os prazeres sentidos pelo corpo. Weeks (2000, p. 27) também destaca que o sexo tem sido percebido como primordial na construção do ser em termos corporais, de personalidade e identidade, colocando em discussão também a importância que cabe à sexualidade e o que ela significa na vida de homens e mulheres.

Ao fazer uma busca nas ciências humanas, na psicanálise e na sexologia para organizar uma proposta de sociologia da sexualidade, Michel Bozon (2002) nos auxilia na construção de um conceito, embora não se aprofunde em especificidades, preferindo abordar o assunto de forma mais geral. Para Bozon (2002), a sexualidade é uma esfera especial do comportamento humano, embora uma de suas características principais seja estar encadeada a outras áreas do comportamento. Além disso, os formatos e os significados sobre a sexualidade assumidos pelo nosso comportamento são construídos historicamente, socialmente e dentro da própria sexualidade, e que as mídias, artes e literatura contribuem fortemente para a construção de discursos e representações. Dessa maneira, ele oferece mais uma possibilidade de entendimento da sexualidade, propondo também uma breve crítica aos conhecimentos produzidos pela psicanálise ao longo do tempo sobre essa área.

A sexualidade é uma esfera específica, embora não autônoma, do comportamento humano, que compreende atos, relacionamentos e significados. E é o não-sexual que confere significado ao sexual, nunca o inverso. Histórica, sexual e socialmente, os próprios limites do sexual são moveções. Sob a influência cultural da psicanálise, acostumamo-nos a pensar que muitos de nossos comportamentos habituais podem ser explicados através de um inconsciente sexual, ainda que, fundamentalmente, seria muito mais crucial identificar o inconsciente social e cultural atuando em nossa atividade sexual. (BOZON, 2002, p.14)

A sexualidade, embora específica, depende diretamente da conformação de normas sociais e de sentidos produzidos sobre ela. Para Giddens (1993, p.33), essa sexualidade está longe de ser apenas um conjunto de estímulos biológicos que encontram vazão, mas sim uma produção social que opera nos campos do poder. A sexualidade é vista como algo moldável aos diversos modos de vida, não como algo natural e pré-estabelecido. Ela é produto de algo que conecta profundamente o corpo à identidade e normas sociais. (GIDDENS, 1993). O fato de a sexualidade ser vista como algo pessoal e privado se deve à íntima conexão do *eu* com as diversas constelações sociais. Há, no entanto, uma crise relacionada ao significado da sexualidade. De acordo com Weeks (2000), o que cremos sobre o sexo, o que pensamos sobre ele é primordial para definirmos nossa resposta à questão da sexualidade.

Em Foucault (2014, p. 115), vemos a sexualidade como um *dispositivo histórico* que é constituído por uma ampla e forte rede que interconecta a estimulação corporal, a produção de prazeres e discursos, produção de conhecimentos, além da exacerbação dos controles e suas resistências, que são utilizados por estratégias de poder e saber que resultam em produção de verdades, e que dão a forma ao que compreendemos como as vivências da sexualidade historicamente. Esses conceitos de sexualidade e sexo receberam percepções diferentes ao

longo dos séculos, para Foucault, em a *Microfísica do Poder* (1990), só existe uma sexualidade depois do século XVII, e antes tudo era sobre a *carne*. E apenas a partir do século XIX é que surge a ideia de *sexo* enquanto prática. Em suas obras Foucault analisa as histórias da sexualidade a partir de construções discursivas e produção de saberes que se tornam centrais para a sexualidade moderna.

A grande questão da discussão sobre sexualidade em nossa sociedade, é que de acordo com Loyola (1999), a partir de uma reflexão sobre como os estudos e os discursos sobre a sexualidade – exceto pela antropologia – foram ocupados e propagados com mais força por correntes e disciplinas de caráter normativo ou terapêutico, como as religiões, a medicina e a psicanálise, por exemplo, que mesmo de caráter terapêutico não deixaram de também cumprir um caráter normativo, principalmente no século XIX e começo do século XX, “que a medicina veio a se ocupar da sexualidade, transformando em postulados científicos, principalmente através das obras de Kraft-Ebing, uma série de interditos e normas sexuais.” (LOYOLA, 1999, p.32)

Reich (1949), em a *Revolução Sexual*, propõe que um dos grandes problemas civilizatórios advém de um estado de miséria sexual ocasionada pelas repressões expressas nos discursos sobre sexo. Embora ele não se aprofunde exatamente na discursividade e também apresente algumas incipiências teóricas, as idéias de Reich foram revolucionárias e corajosas, sendo mordaz a sua crítica ao sistema social vigente. Reich (1966) associa a vida sexual a uma vida amorosa, depois ele atribui a repressão sobre o sexo às mazelas da humanidade, como consequência do armazenamento de energia vital, que deveria fluir, mas que é direcionada para benefício das estruturas de poder. Questiona a razão dessa repressão, incluindo o casamento moderno como uma das maiores contradições sociais relacionadas à sexualidade, pois está diretamente relacionado a essa repressão. Entretanto, ao pensar sociologicamente, uma das críticas que podem ser feitas a Reich (1966) é na sua segurança ao categorizar o desejo sexual como necessidade biológica comparada à necessidade de alimentação, mas ele acrescenta que o cumprimento dessas necessidades são essenciais na organização social da humanidade, que, privada disso, sofre com a retenção de energia necessária para a condução de uma vida em sociedade equilibrada para os indivíduos. Para Reich (1966), é impossível compreender e dominar o processo cultural sem compreender os mecanismos da sexualidade - que por sua vez é fruto de uma estrutura psíquica dos indivíduos em sociedade, formado basicamente por “um processo de necessidade sexual que se desenrola condicionado pela preservação da vida” (REICH, 1966, p.27).

É importante a contextualização de Reich para oferecer uma perspectiva de como a sexualidade foi abordada durante o século XX, e as teorias de reichianas também recaem sobre a estrutura do capitalismo, o maior interessado no controle da sexualidade. A importância de tratar da sexualidade em quase todas as obras de Reich (1966) advém dos seus estudos sobre a força vital e psíquica que envolve o sexo, uma força produtiva. Os resultados desta repressão podem trazer consequências nefastas, além das consequências médicas.

A expressão socialmente mais importante desse fato é a ação ineficaz (irracional) do homem, sua loucura, seu misticismo, sua disposição, para a guerra, etc. A política social deve, portanto, partir da pergunta: Por que motivo se reprime a vida amorosa humana. (REICH, 1966, p.25).

Ou seja, é através de uma economia sexual que Reich (1966) analisa as relações entre os processos psíquicos e os sociais e explica o desenvolvimento das ações baseada no controle, repressão e utilização da energia sexual canalizada.

Ao abordar o que ele chama de reforma sexual, que seriam as formas de controle sobre a sexualidade, com o intuito de reduzir irregularidades na vida social-sexual e, conseqüentemente, o estado de miséria sexual, que carrega consigo diversos problemas, como os crimes sexuais, doenças, prostituição e aborto, por exemplo, Reich (1966) afirma que esta reforma fracassou, pois as suas propostas estão sempre atrasadas em relação às mudanças que ocorrem nas relações entre os sexos e que, para isso, seria necessário reformar outros âmbitos da vida social, intimamente ligados ao exercício da sexualidade, como o casamento, a falta de reconhecimento da masturbação como algo natural, as relações sexuais entre adolescentes em meio a um impasse na opinião médica e o posicionamento político sobre o aborto. Isso tudo, é claro, em um contexto europeu e americano da primeira metade do século XX.

Reich era sexólogo e Foucault (1990) criticava diversas áreas do saber (como a própria sexologia, por exemplo) consideradas produtoras de conhecimentos sobre o sexo e que se propõem a solucionar os problemas criados por elas mesmas, criando uma armadilha discursiva e circular. Nesse papel de *solucionar problemas*, ao explorar o que as pessoas dizem, o que elas *confessam*, termina-se capturando mais informações para o universo discursivo que produz controle social sobre a sexualidade, como fica claro no trecho a seguir de Foucault sobre Reich: “Ele explora a tentação de acreditar que é suficiente, para ser feliz, ultrapassar o umbral do discurso e eliminar algumas proibições. E de fato acaba depreciando e esquadrinhando os movimentos de revolta e liberação...” (FOUCAULT, 1990, p.233).

Reich (1966) acredita em um momento histórico onde persiste uma crise social de fundo político-econômico, além de outros fatores, advindos também de um conflito de

classes. Para o autor, do ponto de vista classista, a crise sexual “é uma manifestação do conflito entre o declínio capitalista e a ascensão revolucionária. Ao mesmo tempo, é a manifestação do conflito entre a necessidade sexual e a sociedade mecanicista.” (REICH, 1966, p.29). Ele inicia se referindo ao centro da felicidade como sendo a satisfação sexual e discorda de que a sexualidade é algo meramente pessoal e privado. Reich também faz a relação entre sexualidade e capitalismo, que habitam um campo de forças opostas e, ao mesmo tempo, convergentes, e que a moral capitalista de classes se coloca contra a sexualidade e dá origem a um conflito. Já a revolução (no âmbito das revoluções anticapitalistas) cria uma ideologia afirmativa sexual e defende, inclusive legislativamente, uma nova vida sexual. Contudo, essa revolução no âmbito da vida sexual não acontece através de discursos públicos, a partir de determinações exteriores, mas com as mudanças na conduta das pessoas. O que ele quis dizer é que nenhuma revolução política, social e econômica é puramente exterior e feita a partir dos centros de poder, a intimidade também é política.

2.1.Diálogos com Freud

A partir de Reich (1966), a ideia básica de Freud ao interpretar o controle da pulsão sexual, é de que as conquistas culturais só são possíveis através da sublimação da energia sexual, contudo, Reich discorda ao mencionar que há diversas culturas que não aplicam essa repressão sexual tal qual a nossa. Entretanto, Reich (1966, p. 45) tende a concordar com a teoria freudiana na afirmativa de que a repressão sexual, e somente ela, constitui a base da psicologia das massas na formação cultural, sobretudo no que diz respeito à *cultura patriarcal* (grifo do autor) em todos os seus formatos, mas ele também afirma que essa teoria freudiana apresenta uma incompletude, tendo em vista que Freud era resistente em ampliar o seu campo de análise para reflexões que não partissem da perspectiva psicanalítica.

A fim de adaptar o indivíduo, apesar de tudo, às suas condições de existência, é necessário eliminar as repressões, libertar os impulsos; esse é o pressuposto para a cura, mas ainda não a própria cura, como o confirmam as primeiras formulações terapêuticas de Freud. Mas o que deveria ocupar o lugar da repressão impulsional? (REICH, 1966, p. 46)

É nesta situação que ocorre o que é chamado por Freud de *sublimação* (compreendida como uma canalização). O que Freud (1996) diz sobre esse processo de sublimação acontece quando as diversas fontes de energia sexual escoam para campos diversos, resultando em quadros eficientes nesses campos. Freud afirma que, como exemplos, temos as atividades artísticas como local de escoamento dessa energia. O talento artístico está muito presente em

peças bem dotadas intelectualmente, de forma geral, mas que também são predispostas às neuroses. Ele também afirma que o caráter de uma pessoa é construído a partir de variedades de sublimação, através de supressões que se iniciam ainda no período de latência da criança e que podem seguir ao longo da vida. “Por conseguinte, a disposição sexual universalmente perversa da infância pode ser considerada como a fonte de uma série de nossas virtudes, na medida em que, através da formação reativa, impulsiona a criação delas” (FREUD, p.147, 1996).

Contudo, de acordo com Reich (1966, p. 47), Freud também constatou que essa repressão através da abstenção impulsional adoce o indivíduo e o torna incapaz para participar da cultura e do trabalho.

A crítica que Foucault (1990, p. 151) faz a Freud diz respeito a algumas crenças que são levadas a cabo, como a de que a sexualidade havia sido ignorada pela medicina, incluindo a psiquiatria, e que Freud foi o estudioso pioneiro sobre o tema. No entanto, Foucault trouxe uma nova perspectiva da sexualidade a partir do que Charcot já havia descoberto, modificando apenas como se via a sexualidade e as neuroses.

Entretanto, é preciso admitir que o século XX foi marcado por muitas mudanças e pelo desenvolvimento de muitas áreas do conhecimento. E Freud foi um dos estudiosos mais prolíficos quando se tratava de sexualidade. Através da psicanálise, Freud elaborou uma estrutura completa para a constituição da sexualidade dos seres humanos, e as implicações da formação da sexualidade para outras áreas comportamentais, até mesmo para a saúde mental dos indivíduos. Mas foi em 1905, no despojar do século XX, que Freud escreveu Três Ensaio sobre a Sexualidade, onde ele se dedica, em um dos capítulos, a descrever suas descobertas sobre a sexualidade feminina.

Freud (1996) acreditava que durante a fase do Complexo de Édipo normal, a criança está mais ligada ao genitor do sexo oposto ao dela, tendo em vista que o relacionamento com o seu próprio sexo é conflituoso, apresenta hostilidade. Esse pensamento parte de uma matriz heterossexual aonde os indivíduos deveriam se encaixar. Mas com as meninas, o processo acontecia diferente e por isso mereceu atenção especial em sua obra. A menina, para Freud (1996), tem como seu primeiro objeto de desejo a mãe, mas que em determinado momento encontra um caminho para o pai e se desliga da mãe.

A menina abandona a sua principal e primeira zona genital, que era o clitóris, para ocupar outra, a vagina. Mas há outra atividade importante que ocorre e também é importante na concepção da sexualidade feminina, que é a troca de objeto - da mãe pelo pai. Apesar dessa

constatação, Freud (1996) ainda não havia encontrado uma clareza entre a ligação das duas atividades, mas logo compreendeu que para as mulheres, uma fase pré-edipiana - a de ligação exclusiva com a mãe - é igualmente importante, sobretudo onde se percebe que a filha mulher tem uma intensa ligação com o pai. Essa ligação certamente foi precedida de igual e intensa ligação com a mãe e que havia sido subestimada, demonstrando que a bissexualidade, ainda que seja uma condição *natural* dos seres humanos, na mulher, apresenta-se de forma mais clara e direta, associando-se ao fato de que a mulher possui duas áreas genitais importantes para o prazer: o clitóris - análogo ao pênis - e a própria vagina. Freud (1996) ainda estava preso a concepções essencialistas, atrelando as atividades comportamentais relacionadas à sexualidade com a genitalidade e outros aparelhos biológicos, ressaltando que o processo de formação da sexualidade masculina se torna diferente pelo homem ter apenas um aparelho genital.

A transição de objetos na menina acontece de forma mais ou menos dramática, a partir da decepção, ao perceber que existe um órgão sexual diferente do seu, o masculino. Ao estabelecer uma comparação, ela percebe a sua deficiência ao não ter um órgão igual, mas alimenta por muito tempo suas esperanças de chegar a ter um pênis. É o que Freud denominou de inveja do pênis. Nesse processo, ela culpa a mãe pela falta do pênis, e percebe que não é capaz de satisfazer à mãe com o seu suposto órgão vestigial, que é o clitóris, o que começa a promover a mudança do objeto. Ao se aproximar do pai, ela dá início ao seu objetivo de conseguir o poder fálico através da figura paterna.

Entretanto, na estrutura da sexualidade feminina, para Freud (1996), ainda há registros de atividades ambivalentes em relação à mãe, sendo que os seus objetivos em relação a ela são ativos e passivos ao mesmo tempo, determinados pelas fases libidinais da criança. Além disso, Freud (1996, p?) encontrou desejos orais agressivos direcionados à mãe como fruto de uma repressão precoce e do medo de ser morta pela mãe, tendo em vista a relação de competitividade que se estabelece, fazendo com que ela queira a morte da rival. Gayle Rubin (1993) explica que o esquema de Freud não se refere exatamente aos órgãos genitais em suas possibilidades físicas, mas o tal esquema apresenta maior coerção e limitação à libido e às potencialidades eróticas das quais as mulheres poderiam tirar proveito através do seu corpo. Rubin denuncia que essa divisão *geográfico-genital* é falsa, mesmo fisicamente, e que tal limitação se torna ainda mais agressiva por se referir à sexualidade feminina.

Freud localiza o desejo ativo no clitóris e o desejo passivo na vagina e, desta forma, descreve a repressão do desejo ativo como a repressão do erotismo

clitoridiano em favor do erotismo vaginal passivo. Neste esquema, estereótipos culturais acabaram por serem mapeados sobre os genitais. [...] Qualquer órgão – pênis, clitóris, vagina – pode ser o *locus* tanto do erotismo ativo como passivo. (RUBIN, 1993, p. 18)

A Psicanálise de Freud encontrou mais tarde grande oposição do movimento feminista e homossexual às suas teorias, que designavam destinos estabelecidos pela interpretação da biologia à sexualidade das pessoas. Mesmo assim, Rubin (1993) defende que mesmo que os escritos de Freud tenham deixado margens para interpretações biologizantes, ele tentou deixar claro que a organização da sexualidade sempre foi um processo psíquico e não biológico. Gayle Rubin (1993, p.14) afirma que a crítica feminista e homossexual à teoria psicanalítica recai sobre o fato dela ter se tornado mais que uma teoria explicativa dos arranjos sexuais, se transformando em um dos próprios mecanismos que promoviam e determinavam esses arranjos. Como o objetivo dos movimentos acima citados era dismantelar quaisquer regulamentações da sexualidade, foi necessário criticar fortemente a psicanálise.

2.2.A História da Sexualidade: discursos e poder em Foucault

Mais importante que pensar a sexualidade em termos de práticas, Foucault (2014) propôs que conhecer a produção dos saberes – o que se diz – sobre o sexo e a sexualidade é muito mais urgente. Ele afirma que a sexualidade é construída primordialmente a partir dos discursos que são produzidos por campos de poder, que atuam no controle da sexualidade. Embora Foucault (2014) se debruce na discursividade e refute a hipótese de que sempre houve uma repressão ao sexo, ele não nega esse estado de miséria sexual na sociedade e que os discursos de proibição e advertência são os que mais ganham notoriedade.

Foucault (1990) afirma que nas sociedades cristãs o sexo era o principal alvo da vigilância. Contudo, apesar dessa vigilância e excesso de cuidados, ou através disto, uma sexualidade era produzida. Foucault desejava saber quais eram e como funcionam esses mecanismos de produção e suas consequências (FOUCAULT, 1990). Em a História da Sexualidade, ele trata da fermentação discursiva sobre o sexo na era moderna, mais especificamente a partir do século XVII, tendo como marco a moral cristã e a evolução da pastoral católica, com a utilização da confissão. Contudo, o século XVII marcava também o início do intenso controle próprio das chamadas sociedades burguesas. Mais precisamente durante o surgimento da Contrarreforma, o exercício da confissão foi acelerado e reforçado com critérios que exigem o exame minucioso de si mesmo, o que inclui a delação de pensamentos, desejos, sonhos e atos extremamente detalhados - para uma direção espiritual

adequada era necessária uma *exatidão* e uma vigilância constante sobre os desejos e pensamentos. Trata-se de uma investigação para elaborar e nomear as coisas, e do exercício de produzir discursos para si e para outrem sobre os prazeres. O sexo foi elevado de algo extremamente pessoal para o âmbito dos discursos. E discursivamente também foi controlado e moldado em formas que o tornasse moralmente aceitável e útil para a sociedade.

Apesar da fermentação discursiva descrita por Foucault (2014), era permitido que se falasse muito sobre o sexo, mas somente para proibi-lo. Mas para Foucault (1990) a questão era muito mais complexa, ao passo que se as proibições existem com peso muito forte, elas caminham também ao lado da incitação e da valorização. O interesse de Foucault era examinar essa *produção de verdades* sobre o sexo. Assim, o sexo esteve e está representando um dos aspectos mais importantes do comportamento humano e da vida em sociedade, capaz de levar pessoas a diversas perdas, seja pela ausência ou presença de uma vivência sexual, principalmente as mulheres.

Foucault (1990, p. 229) explica que as suas intenções, ao escrever a obra *História da Sexualidade*, não foram contar crônicas a respeito dos comportamentos sobre a sexualidade ao longo dos períodos históricos, mas problematizar que o sexo sempre esteve associado a algo maior, como a busca de uma verdade. Sexo não é exatamente como fazemos, mas vivenciamos como dizemos. Os sentidos que são produzidos pelo sexo são mais importantes que o prazer sensorial obtido.

Foucault (2014) acredita que nos convecemos que tudo que falamos sobre sexo não é suficiente, e precisamos falar cada vez mais. Em torno do sexo foram produzidos diversos saberes, e em torno dele emergiram também áreas de conhecimento (incluindo científicas), além da emergência da pastoral cristã e do código de leis (incluindo o direito canônico) que também passou a controlar o sexo. Eles foram responsáveis, primeiramente, por delimitar o que é lícito e ilícito até o século XVIII.

De acordo com Foucault (2014), pelo século XIX já se pode falar no surgimento dos *dispositivos de saturação sexual*¹, através dos quais se percebe que a sociedade dessa época tentou ao máximo reduzir a sexualidade ao casal heterossexual legítimo, unido pelo

¹Esta nomenclatura é resultado das pesquisas de Foucault (1990, p.244), onde o dispositivo foi compreendido por pelo autor de três maneiras. A primeira, é como um encadeamento das instituições, organizações, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais e teóricas diversas. Em segundo, ele entende o dispositivo como uma formação estratégica que tinha como função atender a uma urgência em certo momento histórico. E o dispositivo sendo ele muito abrangente, compreende a *epistème*, que é um dispositivo somente discursivo.

matrimônio e que, mesmo dentro deste matrimônio, a sexualidade era regida por modelos rígidos de lícito e ilícito.

Contudo, apesar dos controles (ou por causa deles) surgiram sexualidades consideradas periféricas, que se estabeleceram como verdadeiros desafios para as áreas do conhecimento, Igreja e as leis. Então o sexo foi pedagogizado, medicalizado e levado ao âmbito jurídico. Questionou-se o fato delas virem à tona representava uma falha no controle ou apenas confirmava a necessidade de imprimir rigor em torno do sexo. O poder sempre esteve muito ligado ao sexo, aos discursos sobre as práticas e sobre as práticas em si. Foucault (2014, p. 53) acredita que o Ocidente talvez não tenha tido a capacidade de inventar novos prazeres, tampouco descobriu prazeres inéditos, mas foram criadas novas regras no jogo dos poderes e dos prazeres, se instaurando aí uma rigidez sobre a definição de perversões. Com a invenção de um novo jogo discursivo e como forma de controlar não só a sexualidade, mas também a organização social foram criadas – discursivamente – as perversões. Elas estavam dentro de tudo aquilo que não atendia às normas de uma sexualidade saudável, moral e legal. Vê-se uma sexualidade totalmente categorizada e separada. Entretanto, na conexão com o exercício do poder, a sexualidade passa a ser uma área que, além de produzida culturalmente, é produtora de saberes e enriquecimento econômico, reforçado a partir da medicina, psiquiatria, prostituição e da pornografia, que foram vinculadas a ela.

Foucault (2014) aconselha a abandonar a hipótese de que as sociedades burguesas reprimiram o sexo absolutamente, embora os efeitos do controle da burguesia sejam difíceis de desfazer. O que ele percebeu é que, em vez de olharmos para instituições que não queriam se aproximar da sexualidade, olhamos para a quantidade de entidades, de discursos, de centros de poder que se voltaram para controlar e delimitar o que é lícito e ilícito sobre a sexualidade. Houve, na verdade, uma incitação para despertar desejo e assim atrair mais poder aos controladores. Mas uma das preocupações centrais de Foucault (1990, p.232) a respeito dos discursos de proibição, era saber se tudo não fazia parte de uma proibição fundamental ou relacionada a um contexto econômico, ou se é efeito de procedimentos ainda mais complexos. Para tal trabalho foi preciso reduzir estrategicamente o sexo ao nível linguístico e torná-lo trabalhável.

Denominar o sexo seria, a partir desse momento, mais difícil e custoso. Como se para, dominá-lo no plano real, tivesse sido necessário, primeiro reduzi-lo ao nível da linguagem, controlar a sua livre circulação no discurso,

bani-lo das coisas ditas e extinguir as palavras que o tornam presente de maneira demasiado sensível. (FOUCAULT, 2014, p.18)

Em uma interpretação sobre a História da Sexualidade de Foucault, Giddens (1993, p.27) acrescenta que essa suposta repressão é obtida em troca de benefícios que a sociedade oferece, tendo em vista que essa troca é uma marca da civilização, que também responde pelo controle externo. Ser moderno/a e civilizado/a significa também ter autocontrole, pois a eficácia só pode ser constatada quando os mecanismos de controle são incorporados à consciência individual.

Assim, para Foucault (2014), essa sexualidade, enquanto é em maior parte criação discursiva, pode ser considerada um dos grandes problemas da nossa era e também o principal dispositivo para controlar as sociedades ocidentais, já que em sociedades não ocidentais não existe a mesma concepção que nós temos sobre sexo e sexualidade. A partir daí ele faz a separação entre *scientia sexualis e ars erotica*, conceitos utilizados por ele para abordar as diferenças dos dispositivos de sexualidade em diferentes tipos de sociedades e, assim, obter duas formas diferentes de se chegar à verdade. Em Foucault (2014, p.64), na *ars erotica*, a busca da verdade é feita através do próprio prazer, através das práticas e onde a experiência é levada em conta. Muitas sociedades foram dotadas dessa arte erótica, menos as ocidentais. Essas sociedades adotaram o que ele denomina de *scientia sexualis*.

[...] só a nossa desenvolveu, no decorrer dos séculos, para dizer a verdade do sexo procedimentos que se ordenam, quanto ao essencial, em função de uma forma de poder - saber rigorosamente oposta à arte das iniciações e ao segredo magistral que é a confissão. (FOUCAULT, 2014, p.64)

O sexo está ligado a duas formas de produção de saber. Uma leva em conta a experiência do sexo em si, e a outra as criações discursivas em torno do sexo.

Ao explicar mais detalhadamente sobre as questões que ficaram abertas em a História da Sexualidade, Foucault (1990) vai a fundo sobre o que o motivou a escrever a obra e problematizar o sexo dentro da sexualidade. Ele vai além, querendo demonstrar que a sexualidade é diferente do que os discursos querem dizer, que o sexo para a modernidade ocidental é mais que um meio biológico de reprodução, e mais que ferramenta da busca pelo prazer ou uma maneira de conexão entre os indivíduos. Mas aponta que o sexo pode ser o lugar da verdade mais profunda dos seres humanos, e demonstra como se criou, a partir daí, um forte dispositivo para controle, que nos fez entender que muito do que conhecemos pode acontecer por causa do sexo. “O sexo sempre foi o núcleo onde se aloja juntamente com o devir de nossa espécie, nossa ‘verdade’ de sujeito humano” (FOUCAULT, 1990, p.229).

Para Louro (2000, p.22), estão sempre surgindo mais e mais discursos sobre a sexualidade, além de novas respostas a esses discursos. Ela ressalta a emergência de discursos de recuperação de valores tradicionais e conservadores no século XXI, que interpela, sobretudo, a juventude. Embora apesar da força com que se impõem, eles não são únicos nem absolutos, mas circulam em meio a uma variedade que sempre encontra maneiras sedutoras e criativas de se propagarem, e onde também encontramos local de disputa em formas de sexualidades que sempre foram marginalizadas, mas que atualmente encontram espaço para se manifestarem.

Os discursos tradicionais que encontram espaço para adentrarem refletem, principalmente, a importância que o casamento tradicional possui para a modernidade. Para Weeks (2000, p.53), “isso pode estar relacionado à crença de que a intimidade doméstica é de importância fundamental como base para a vida social”. Uma distinção clara entre as sociedades antigas e as modernas, é que as últimas permitem mais oportunidade para relações impessoais, da mesma forma que permitem relações pessoais muito intensas, sendo o casamento um contínuo centro das relações intensas, tanto que é perceptível a desaprovação das pessoas sobre as relações extraconjugais e pré-conjugais sem estabilidade ou compromisso, além da necessidade de inserir e salvar a todo custo a rotina sexual e forçar o desejo dentro do casamento como elo importante da manutenção do compromisso.

Para a teoria da construção social, a sexualidade é construída juntamente com seus múltiplos aspectos. De acordo com Parker (2000, p.91), esses aspectos são os atos sexuais, as identidades sexuais, comunidades sexuais, o desejo e o direcionamento do interesse erótico. Toda a construção do que é a sexualidade se baseia em fatores culturais e históricos, e que mesmo que os atos sexuais guardados para a intimidade pareçam privativos, essa teoria propõe que eles podem ter significados sociais, além de significados subjetivos diversos. Então Parker (2000, p.93) reforça que para os/as construcionistas, o comportamento sexual é intencional, embora suas intenções sejam influenciadas dentro de contextos de interações sociais estruturadas dentro da cultura, tornando a compreensão do comportamento individual menos relevante que a compreensão dos contextos sociais, e que envolvem negociações complexas entre os indivíduos. Uma crítica que Giddens (1993, p. 34) faz a Foucault é que este enfatizou excessivamente a sexualidade e esqueceu-se de abordar o gênero sexual, sendo importante considerar as conexões da sexualidade como o amor romântico, além da concepção do *eu* em relação a essa sexualidade. Também deixa de lado as construções do

gênero ao longo da história, dando máxima importância aos discursos e a um tipo de específico.

Mas é fato que Foucault (1985) também faz apontamentos sobre o amor dentro da sexualidade, através do conceito de erótico. A *Erótica* é a terceira forma que Foucault utiliza para descrever os usos dos prazeres. De acordo com os escritos gregos, essa era a forma em que os pares se uniam apenas pela vontade do amor e do desejo, e quando eles estabeleciam uma independência. Esse tipo de uso dos prazeres estava intimamente ligado à relação dos homens com os rapazes, já que a mulher aparece muito fortemente ligada à *Econômica*. Homens e mulheres também poderiam se juntar por Eros, pois ela não é forçadamente *homossexual* nem excludente do casamento, entretanto, havia essa separação moral e ética das relações, que tornavam as relações conjugais instrumentalizadas, com objetivos políticos, econômicos e sociais, enquanto os vínculos entre homens e rapazes eram justificados pelo desejo e amor puro.

Dentro da história da sexualidade é também importante situar o papel do erotismo para a sexualidade. De acordo com Muchembled: “Mas, no fundo, nada é mais social do que o ato erótico” (2007, p.314). Já a pornografia – enquanto gênero literário ou artístico – tem permeado as discussões políticas em dados momentos da história, e também tem tornado públicas (embora não acessível para todos inicialmente) as representações da atividade sexual e dos genitais humanos, que antes viviam relegados ao segredo e ao ostracismo e que suscitavam risos, críticas, abominação moral, resistência e excitação sexual.

2.3.Relações entre erotismo, sexualidade e pornografia

Frequentemente relacionado com o exercício da sexualidade ou estabelecido em comparação com a pornografia, o erotismo aparece como um conceito regularmente utilizado, relativizado e instável. Em relação à sexualidade, há discussões que mostram que é possível separar o conceito de erotismo da sexualidade, já em relação à pornografia, se torna ainda mais desafiante produzir uma ruptura entre os dois, quando muitas vezes aparecem como complementares, interligados e nem sempre opostos.

A filósofa Bell Hooks (2000), ao tratar sobre erotismo e educação em sala de aula, oferece uma conceituação de erotismo que devemos utilizar para traçar uma linha explicativa, a de que o erotismo pode ser compreendido também como “uma força que intensifica nosso esforço global de autorealização, de que ele pode fornecer uma base epistemológica que nos permita explicar como conhecemos aquilo que conhecemos [...]” (HOOKS, 2000, p.88). Isto

é, a definição trazida por hooks leva a uma relação do erotismo com a libido freudiana, que tem sua atuação para além do desejo sexual. O erotismo é tanto importante para os processos sociais, como também produz conhecimento. É como uma força pulsante sem o objetivo direto de promover o desejo sexual ou alcançar o orgasmo. “O erotismo é uma paixão calma”. (O’NEILL, 1997, p.81)

Georges Bataille (1988), em seu clássico ensaio *O Erotismo*, se dedica a uma profunda pesquisa e discussão sobre esse conceito. As suas análises sobre o Erotismo abriram novos olhares para as perspectivas teóricas sobre o tema, que ainda parecem circular em discussões limitadas. “Do erotismo pode dizer-se que é a aprovação da vida até na própria morte. Rigorosamente falando esta fórmula não é uma definição, mas penso que ela dá o sentido do erotismo melhor do que qualquer outra.” (BATAILLE, 1988, p.11)

Bataille (1988, p.11) foi enfático em toda a sua obra ao descolar o principal significado de erotismo da prática sexual. Em sua análise sobre a atividade sexual, ele afirmou que somente o ser humano é capaz de transformá-la em atividade erótica. O erotismo penetra a sexualidade quando supera ou ignora o objetivo da reprodução, e quando a prática sexual passa a ser uma busca psicológica ou espiritual. Mas para Bataille (1988), o erotismo é, antes de tudo, sobre a violência, proibições e infrações.

O erotismo, no seu conjunto, é infracção à regra das proibições: é uma actividade humana. Mas, embora comece onde o animal acaba, a animalidade é sempre o seu fundamento. (...) A animalidade está tão bem mantida no erotismo que os termos animalidade e bestialidade lhe são geralmente associados. (...) Sempre associada ao erotismo, a sexualidade física está para o erotismo como o cérebro para o pensamento. De igual modo, por isso, a fisiologia constitui o fundamento objectivo do pensamento. (BATAILLE, 1988, p.81)

Entretanto, o que Bataille (1988) propõe, é algo mais complexo e de elaboração distinta do que o conceito tradicional de erotismo. O erotismo está associado a um desejo de morte. Para Bataille, esse desejo é na verdade a busca pela continuidade perdida no nascimento, que por sua vez ainda está relacionada à morte. Isto é, o erotismo está ligado a um movimento de morte e vida, o desejo e a preocupação com a continuidade, uma transcendentalização do seu atual estado, com a união imaterial, contínua e indefinida com o todo.

Interpreto o erotismo como o desejo de desvendar, superar a morte, ou descobrir prazeres que só uma existência ilimitada pode oferecer. Por isso, Bataille (1988) logo relacionou o erotismo também com a religião, se propondo principalmente à análise de

religiões que possuem rituais de sacrifício. A conexão ilimitada e profunda com um ser superior através da fé é uma das estratégias que só algo como a morte pode dar acesso. A fé religiosa utiliza a existência física, através dos corpos, para a busca da vida plena e eterna: a fé é e também pode ser uma busca erótica.

Bataille (1988) também elencou três tipos de erotismo: o erotismo dos corpos, o erotismo dos corações e o erotismo sagrado. O que aproxima esses três tipos de erotismo é “a substituição do isolamento do ser, da sua descontinuidade, por um sentimento de continuidade profunda.” (BATAILLE, 1988. p.14). Dentre eles, me concentrarei em uma breve explicação do primeiro. O erotismo dos corpos, para Bataille, carrega algo de pesado, pois se encarrega de proteger a descontinuidade individual de maneira egoísta. Em geral, se relaciona com a sedução dos corpos sexuados e sexualizados.

Outro olhar importante para a compreensão do erotismo é a *proibição*. Bataille (1988) descreve que a essência do erotismo está na indissolúvel relação entre o prazer sexual e o proibido, o desejo de transgredir essas proibições. Tendo em vista que ele reconhece que em todos os tempos a atividade sexual foi envolta em discursos ou segredos que a colocavam no âmbito do proibido e naquilo que causa danos à dignidade. Neste caso, Bataille (1988) concordaria com Maingueneau (2010) sobre a pornografia poder ser erótica, já que de acordo com o autor contemporâneo, a pornografia busca mostrar aquilo que a sociedade quer esconder ou permite mostrar o mínimo, ou seja, o proibido. Aqui, o erotismo parece então algo maior que a pornografia.

Transgressão é uma palavra recorrente para se descrever o erotismo de Bataille. Sobre transgredir, para o autor também é possível que a própria beleza seja transgredida, imprimindo uma essência maculosa e profanadora do erotismo. A beleza se torna, para o erotismo, essencialmente importante, pois ao contrário da fealdade, só ela pode ser maculada, manchada. Então, quanto mais belo, mais desejável e mais profunda será a mancha e sua potencialidade erótica. (BATAILLE, 1988). Esse caráter destrutivo do erotismo foi compreendido por Deleuze (2009) como uma relação inextricável de Eros e Tântos, da gênese do amor e do desejo com a gênese do que promove a morte e a destruição. Mesmo que o senso destrutivo nunca apareça explicitamente nas consciências, fica claro, com frequência, nos conteúdos pornográficos heteronormativos e tradicionais o que as sujeitas desta pesquisa denunciam: a presença de mulheres que se encaixam em um determinado padrão de beleza e que são submetidas a abusos.

Nessa relação erótica, Bataille (1988) insere a dicotomia do masculino e feminino como forças opostas e originais da designação do erotismo. Em um momento de desagregação dos seres, há um elemento masculino que possui uma função ativa, e um feminino que desempenha uma função passiva. Essa relação está imposta na maneira como as mulheres são colocadas diante desse conceito de erotismo, como objetos e símbolos primordiais do desejo, mas não totais, pois necessitam do significante masculino ativo para concretizarem a união erótica.

Eillean O'Neill (1997) faz uma relação conceitual da pornografia com o erotismo, pensando a partir do conceito fornecido pela tradição da política liberal de que o erotismo é uma versão mais branda de pornografia. Assim, o erotismo tem a função de produzir interesse sexual em algum grau a partir da sugestão, diferente da pornografia, que é explícita e visa a própria excitação e satisfação sexual. Entretanto, estabelecer distinções claras também foi uma tentativa feita a partir de uma perspectiva moralista, principalmente de um movimento teórico feminista que se dedicava a analisar a sexualidade. Estabelecia uma *verdade erótica*, em que a sugestão que provoca um interesse sexual é considerada legítima, em contraposição à promoção da excitação e satisfação intensa, que era o objetivo da pornografia, sendo assim considerada uma intenção ilegítima, dada a composição do que se entende por pornografia.

A “pornografia” tem funcionado assim em nossa tradição liberal. Mas, plenamente consciente da dificuldade que encontrará qualquer tentativa para produzir uma noção não fascista de “ilegitimidade sexual”, também acredito que precisamos ser capazes de pôr em prática distinções normativas em relação às instituições, práticas e discursos sociais e culturais que produzem conjuntamente significados vinculados a atos sexuais. A pornografia e o erotismo são justamente tais discursos. (O'NEILL, 1997, p. 80-81)

Esta *ilegitimidade* pode ser compreendida como a produção de uma excitação a partir da simulação que propõe a pornografia, tendo em vista as concepções feministas anti-pornografia e anti-sexo que situavam a sexualidade feminina objetificada e instrumentalizada na pornografia para usufruto masculino, além da interpretação das feministas sobre as violências presentes nos conteúdos. Para O'Neill (1997), o erótico pode remeter à própria sensualidade e à capacidade individual de alcançar o prazer sexual, entretanto, esse efeito não é primordial, mas secundário.

Maingueneau (2010) chama a atenção para a popular contraposição que é feita entre pornografia e erotismo, e a partir desta rasa comparação, faz-se com que a pornografia seja desvalorizada em detrimento do erotismo, tido como algo discursivamente superior, enquanto o pornográfico é tido como aquilo que pretende revelar tudo, sem hipocrisias, fazendo parecer

que o erotismo não passa de uma pornografia hipócrita. Entretanto, até aqui a discussão é incompleta.

Para Ogien (2005, p.80) a percepção das diferenças ou semelhanças entre erotismo e pornografia é perpassada por modificações nas perspectivas coletivas, históricas e sociais, pois o que outrora já foi considerado pornográfico, na estética atual, diante da alta oferta de conteúdos distintos, não passaria de erótico ou suave.

Un lego en la materia, o una persona especialmente puritana, puede considerar casi todo el material sexual explícito como «pornográfico». El consumidor veterano o especialmente desinhibido, probablemente considere que la mayor parte de ese material es «erótico» o meramente «documental». (OGIEN, 2005, p.80)

Em outras perspectivas de análise, a partir da obra de Sacher-Masoch, em comparação com os escritos de Sade, Deleuze (2009) inicia uma conceituação de pornografia para justificar uma categorização de Sade e Masoch à parte, como uma *pornologia*, em que nem se aplica o conceito puro de pornografia, nem há um erotismo tão delimitado. Para o autor, a literatura pornográfica está basicamente reduzida às palavras de ordem, ao modo imperativo, e acompanhada de descrições *obscenas*, que para Moraes e Lapeiz (1895) pode ser apenas o que está fora de cena, literalmente, ou seja, aquilo que não convém ser expresso por ser considerado transgressor, embaraçoso ou ofensivo. Para O'Neill (1997), o obsceno é algo que é evitado por ser nocivo e prejudicial às pessoas.

Assim, o erotismo tem ganhado definições diversificadas, mas quase todas as definições discutidas aqui parecem ter um elo, que é a presença do desejo enquanto produtor e produto do erotismo. Entretanto, para Bataille, o erotismo perpassa uma violência original e o desejo de transcendentalização, metafóricamente representado ou não pela morte, enquanto que para autoras como hooks e O'Neill, o erotismo é vida, despertar e produção de saberes, uma paixão tranquila. Mas entre as diferenças de erotismo e pornografia, se estabelece que os dois elementos sempre se entrelaçam em múltiplos aspectos, sendo a pornografia aquilo que promove uma ideia de desejo agressivo, e o erotismo tido como algo superior, não no aspecto de qualidade, moralidade, estética ou potencialidade, mas enquanto funcionalidade. O conceito de erotismo transborda o de pornográfico, já que o pornográfico pode também conter erotismo. E Maingueneau (2010, p.31) deixa uma pergunta importante: “O erotismo se diferencia, se separa da pornografia. Mas como imagináramos que a pornografia possa se separar absolutamente do erotismo?”.

2.4.Pornografia: uma questão marginal?

Tratar da pornografia pode ser considerado desafiador em meio à intensa história do seu desenvolvimento e aos seus múltiplos conceitos, tipos e discursos. A pornografia também tem ganhado diversas denotações através do tempo, de acordo com os seus objetivos. Assim como o adjetivo que a pornografia moderna adquiriu no início do seu desenvolvimento – subversiva – pode ser considerado também subversivo querendo aprofundar uma investigação sobre o tema, já que poucos/as ousam falar sobre suas experiências com a pornografia, mesmo tendo conhecimento de que o contato com a pornografia na internet é massivo.

Mas para melhores esclarecimentos, antes é preciso fazer uma breve indicação sobre a pornografia que guiará este trabalho. Com uma história muito antiga, atravessando praticamente todos os tempos e lugares, a sua etimologia vem do grego: *pornograhos*, que significa *escritos sobre prostitutas*, segundo Moraes e Lapeiz (1985). Ou seja, as atividades das prostitutas com os seus clientes eram o conteúdo primordial do material pornográfico e o suficiente para provocar reações contrárias das mais intensas ao longo do tempo.

A pornografia, atualmente, representa um conceito problemático e passível de constante relativização. Ruwen Ogien (2005) se propôs a pensar sobre o problema da pornografia de um ponto de vista filosófico, sobretudo envolvendo as questões que contemplam os discursos de proibição da pornografia e os significados e sentidos atribuídos a ela, que justificam a condenação social e a proibição em diversos círculos e contextos. Embora se torne uma tarefa difícil buscar uma ontologia da pornografia, Ogien (2005) aponta os riscos de mantê-la excessivamente aberta e infinitamente relativizada.

A partir de uma definição oferecida por um dicionário francês de que a pornografia aparece como sendo algo obsceno e que suscita a uma representação de ordem sexual, Ogien (2005) inicia a problematização a partir da *suscitação desta representação sexual*. Assim, se a pornografia é algo que suscita a uma representação de ordem sexual, então algo que também não é explicitamente sexual pode ser considerado pornográfico, desde que ofenda ao pudor. E neste caso, dependeria muito dos sentidos produzidos pelo(a) receptor(a) do conteúdo. Entretanto, essa própria definição extraída de um popular dicionário não possui consistência em si mesma.

O que Ogien (2005) propõe é reexaminar os conceitos populares de pornografia e pensar a respeito do seu significado, já que a partir de interpretações diversas, a pornografia foi, ao longo do tempo, relegada à marginalidade por não trazer consenso a respeito do

significado e também por ser examinada a partir de conceituações repletas de julgamentos morais, que por sua vez não se interessam no aprofundamento sobre o que é pornografia.

Então se torna necessária a pergunta: O que é pornografia? A partir do debate de Ruwen Ogien (2005), a classificação mais comum de pornografia parece ser a representação pública da sexualidade, mais precisamente disponível em mídias. As representações mentais, internas e privadas, como os pensamentos, não podem ser consideradas pornográficas.

Entretanto, para o autor, embora a definição de pornografia seja aberta a interpretações e utilizações de acordo com interesses de poder, há aspectos que não são abertos e que estão implicados diretamente no modo como se entende, se interpreta e se reage à pornografia. Ogien (2005) afirma que constantemente se utiliza, para referenciar o pornográfico, o conceito de arte, concepções morais, reações emocionais, como o prazer e o nojo, e teorias psicológicas, como catarse, imitação e habituação. Para outros, a pornografia ganha uma definição mais apurada que visa atender a alguns critérios, que incluem questões estéticas, como a não simulação das relações, enquadramento em primeiro plano, detalhes dos órgãos sexuais e pouca direção.

A antropóloga María Elvira Díaz Benítez (2009) afirma que o que torna certas manifestações vistas como pornográficas são as acusações e os juízos de valor criados pelos grupos sociais para classificar o seu contexto e o seu meio. “Tais juízos mudam e se ajustam aos contextos, criando fronteiras dinâmicas, históricas, precárias e mutantes. A pornografia é em si, um fenômeno social e, como tal, permanece em constante transformação.” (DÍAZ BENÍTEZ, 2009, p.20). Dessa forma, percebe-se que são diversas as definições de pornografia construídas por estratégias diferentes de produção de discursos e relações de poder.

Segundo Lynn Hunt (1999, p.10), em *A Invenção da Pornografia – Obscenidade e as origens da modernidade 1500-1800-*, ao longo de toda a história que podemos alcançar e em diversas civilizações, houve expressões de relações sexuais explícitas e órgãos genitais humanos voltadas ao erotismo em praticamente todas as épocas e lugares. Entretanto, a pornografia como categoria artística, é uma invenção moderna e ocidental. Fins do século XVIII e início do XIX foi o período em que se notou um pronunciado desenvolvimento de produção e distribuição de pornografia de maneira comercial, mas também foram encontrados registros de publicações pontuais com características pornográficas nos séculos XVI e XVII, principalmente em países como França e Inglaterra. No entanto, foi o século XIX o responsável pela noção de pornografia enquanto produto voltado para a excitação sexual.

Hunt (1999) afirma que apesar da presença da pornografia atualmente, a sua versão ancestral no ocidente surgiu como um conceito subversivo entre gravadores e intelectuais libertinos e marginalizados – pessoas que não eram consideradas úteis para o progresso econômico e cultural da sociedade ocidental. A pornografia não surgiu espontaneamente como fruto da criatividade artística e erótica de seus primeiros autores, mas em um contexto de conflitos desses criadores marginalizados contra os representantes das estruturas sociais mais preocupados com a ordem social e manutenção de valores morais, como a Igreja, Estado – principalmente a polícia. “Seu significado político e cultural não pode ser separado de seu aparecimento como categoria de pensamento, representação e regulamentação.” (HUNT, 1999, p.11).

Esses conteúdos pornográficos eram expressos através de gravuras e livros de poesia e prosa. Esses materiais não tinham espaço em bibliotecas ou livrarias como todos os outros, pelo contrário, eram confiscados sempre que possível, retirados às pressas de circulação, e condenados como publicações perigosas política, moral e religiosamente. E assim era a pornografia: desafiava os padrões vigentes, mas nem sempre teve o objetivo principal de promover o prazer sexual, e sim de criticar os padrões, ameaçar as regras e as relações de poder (HUNT, 1999). Os homens respeitáveis (mulheres menos ainda) não possuíam tais livros em suas bibliotecas privadas, entretanto, para Hunt (1999), eles costumavam fazer uso dessas publicações para o seu próprio prazer. Faziam a leitura e depois a queimavam para que não restasse qualquer prova de que eles tirassem proveito de tais obras subversivas.

Ingleses e franceses contribuíram largamente para a tradição pornográfica na Europa, sendo as obras do Marquês de Sade, especialmente *Justine ou Os Infortúnios da Virtude (1791)*, uma das mais icônicas do final do século XVIII, não apenas pelas representações da sexualidade de suas páginas, mas pelas violências imaginadas pelo autor e perpetradas contra a sua protagonista. Talvez *Justine* fosse um germe do que a pornografia contemporânea significa para muitas pessoas, uma repetição de representações do feminino objetificado e da produção de prazer a partir de práticas que flagelam as mulheres.

Embora a tradição pornográfica européia tenha tido início na França e Inglaterra, Pietro Aretino, um italiano que viveu na cidade de Arezzo no século XVI, pode ser considerado um precursor da pornografia moderna com suas duas publicações satíricas e jocosas, uma em prosa e outra em verso. *Regionamenti* trazia os diálogos sobre sexo de uma mulher mais velha com uma jovem sexualmente inexperiente. Devido ao seu espírito de escárnio, dizem que Aretino faleceu em 1556 de um ataque de riso provocado por uma

história *indecente* que ele ouviu sobre sua irmã. (MORAES e LAPEIZ, 1985). O fato é que esse gênero, que prezava pelos diálogos, influenciou fortemente a pornografia posterior. Os escritos de Aretino, embora fossem considerados ousados, tinham uma intenção pornográfica básica de oferecer recreação sexual. Elas apenas causavam estranhamento através de narrativas sexuais, já que não eram tão comuns de serem encontradas em literaturas. Embora fosse uma crítica à moral sexual e à hipocrisia de forma geral, não havia conteúdos políticos mais específicos. (HUNT, 1999). Aretino foi considerado importante precursor da pornografia ocidental por apresentar os elementos básicos que a caracterizam: “a representação explícita da atividade sexual, a forma do diálogo entre mulheres, a discussão sobre o comportamento das prostitutas e os desafios às convenções morais da época” (HUNT, 1999, p.26).

A história da pornografia também se confunde com o surgimento da imprensa e o desenvolvimento urbano europeu, tendo crescido em distribuição e importância em conjunto com esses fatos, mesmo que a pornografia dificilmente visse a luz do sol (HUNT, 1999). Embora a tradição pornográfica tenha se intensificado nos séculos XVIII e XIX, os séculos anteriores, como o XVII, por exemplo, também tiveram produções relevantes, como os escritos de uma mulher: Marie-Madeleine Pioche de Lavergne, Condessa de Lafayette, que publicou *L'ecolle des filles e L'Académie des dames*. Depois dessa época há vários romances que merecem ser lembrados, de acordo com Moraes e Lapeiz (1985), como *O Trocista de Sevilha*, que inspirou a ópera de Mozart *Don Giovanni*, que tinha como protagonista o célebre personagem conquistador de mulheres: Don Juan.

O Iluminismo foi outro momento histórico dentro do qual a pornografia se desenvolveu e contribuiu. Hunt (1999) diz que o crescimento da pornografia em pleno apogeu do Iluminismo não é coincidência. A pornografia procurou se firmar como uma literatura de crítica clerical e política aos costumes moralizantes, tendo encontrado um ambiente favorável para seu desenvolvimento e estabelecimento enquanto literatura em meio ao movimento Iluminista. Entretanto, mesmo entre os integrantes do movimento, a pornografia era considerada uma produção de inferior valor. Denis Diderot, por exemplo, também produzia literatura pornográfica, muito embora seja conhecido por ter sido um enciclopedista e um filósofo político inspirador da Revolução Francesa. Com o início da Revolução Industrial, o estilo de “vida galante” (MORAES; LAPEIZ, 1985) chega ao fim e uma das últimas obras que descrevem aventuras amorosas nesse estilo de vida são as *Memórias (1797)* de Giacomo Girolamo Casanova, onde ele descreve, em doze volumes, detalhes de todos os seus encontros sexuais com mulheres.

Contudo, de acordo com Ogien (2005), foi em fins do século XVIII, com a oportunidade de *Fanny Hill* e começo do século XIX, que a pornografia passou a abandonar a crítica política, a ridicularização dos representantes religiosos e dos costumes. As representações explícitas, visuais ou escritas, das práticas sexuais e nudez, passaram a ter a função primordial e reconhecida socialmente de “*mera estimulação sexual dos consumidores*”. (OGIEN, 2005, p. 65). Iniciou-se também um comércio lucrativo para os produtores desses conteúdos. A partir desse aspecto comercial e de estimulação sexual, foi necessária uma constante renovação da representação desses conteúdos, inaugurando novos gêneros pornográficos ao longo do tempo e implantando novidades, práticas e discursos de maneira veloz. Essa constante renovação, para Ogien (2005, p.79), precede o que se entende por erótico e pornográfico, como conceitos antes de tudo históricos e sociais, que contribuem com a suavização das atitudes perante as representações anteriores. “[...] lo cual permite que algunos digan irónicamente que la pornografía de hoy no es más que el erotismo de mañana”.

O aclamado *Fanny Hill* (1748-1749) é um livro do escritor Jonh Cleland que, ao contrário do Marquês de Sade, propõe uma trajetória feliz para suas personagens. Esse livro é importante por ser considerado um dos livros eróticos ou pornográficos mais escandalosos já escritos nos séculos anteriores. Embora não utilize nenhuma palavra considerada obscena, utiliza, em compensação, a descrição detalhada de práticas sexuais através da fala da protagonista, uma prostituta chamada Fanny Hill. Suas intenções não eram promover crítica política e social, mas obter lucros a partir do entretenimento erótico com o máximo de ousadia. Com narrativas inovadoras, o livro propõe uma novidade ao trazer um final feliz para a protagonista, onde ela termina rica e ao lado do homem que ama. *Fanny Hill* faz parte da tradição pornográfica que se inicia na Inglaterra, sendo o único livro do gênero escrito por Cleland e que lhe rendeu o pagamento de uma dívida – que foi a motivação real para a escrita do livro.

Fanny Hill e a maior parte das obras pornográficas se dedicavam a construir personagens femininas. Mesmo criando personagens autônomas, bem resolvidas quanto à sua sexualidade, com o poder para transitar em todos os meios, com acesso ao dinheiro e à cultura de elite, ou até com sugestões para que fossem tratadas como deusas em alguns romances, a pornografia não tinha a pretensão de ser fidedigna à realidade social da época, como mostra a história da sexualidade das mulheres. Ainda com o apreço a essas novas características femininas na pornografia, elas estavam longe de serem apreciadas (e permitidas) a uma mulher de carne e osso no decorrer da história das mulheres.

3. A HISTÓRIA DA SEXUALIDADE DAS MULHERES

Carole Vance (1984, p.34) criticamente afirmou que a sexualidade se tornou um dos mais importantes desafios para a teoria feminista, tendo em vista que se converte em uma junção entre as esferas política, social, econômica, histórica, pessoal e vivencial que se entrelaçam com o comportamento, pensamento, fantasia e ação. Assim, ao longo da história, a sexualidade feminina sempre foi suscetível à propagação de curiosidades, especulações e discursos de patologização e controle, considerando que as atenções eram voltadas exclusivamente para os domínios do corpo, embora afetassem diretamente a sua espiritualidade, além disso, a forma como utilizavam essa sexualidade estava diretamente ligada a sua posição na sociedade.

Entretanto, o mais importa nesta análise é o fato da sexualidade feminina sempre ter sido observada sob o ponto de vista masculino, ou a partir de visões estreitas de algumas áreas específicas do conhecimento que, obviamente, também eram dominadas pelos homens. Como afirma Weeks (2000), a linguagem, como um dos pilares para se analisar os discursos, é importante para compreender os processos que moldaram a sexualidade. “A metáfora usada para descrever a sexualidade como uma força incansável parece ser derivada de suposições sobre a experiência sexual masculina” (WEEKS, 2000, p. 27). Na contemporaneidade, as controvérsias, problemáticas e dicotomias a respeito da sexualidade das mulheres cisgêneras não pareceram recuar, mas encontraram meios mais eficazes de interferir e construir essa sexualidade.

Para Carole Vance (1984), as mulheres estão sempre se equilibrando em uma constante relação de prazer e perigo. Embora os discursos médicos misóginos e extremamente autoritários, além das amarras de um casamento puramente patriarcal, tenham ficado algumas décadas para trás, o preço da nova suposta liberdade feminina é sopesar a busca do prazer ante as constantes ameaças de uma sexualidade masculina agressiva e egoísta, além do enfrentamento das intensas complexidades intrapsíquicas que envolvem o medo da perda de identidade, a fusão com o outro e a insegurança em relação ao objeto de desejo, por exemplo. Dessa maneira, para se compreender a sexualidade feminina, é preciso buscar historicamente as mais importantes ideias morais, religiosas e médicas sobre o tema a partir da crítica feminista e de gênero.

Foucault (1990, p.130) comenta que por muito tempo os homens insistiram na tentativa de fixar as mulheres à sua sexualidade, como se elas fossem o seu próprio sexo, mas um sexo frágil, propenso à doença própria e ao adoecimento do homem, ocasionando a patologia patologização da mulher e do seu corpo simplesmente pelo fato de ser uma mulher. No campo da saúde, a ginecologia tornou-se o lugar de excelência desta patologização, onde era recomendável que as mulheres pudessem ser tratadas com métodos agressivos e duvidosos direcionados aos seus órgãos genitais, ou até mesmo que fossem submetidas à histerectomia (remoção cirúrgica do útero) como forma de tratamento de saúde e/ou punição terapêutica por atitudes que iam contra a lei e a ordem pública e creditadas à condição de histérica, se assim decidisse a justiça aconselhada por opiniões médicas.

Foucault (2014, p.113) admite que seja possível, a partir do século XVIII, distinguir apontamentos de conjuntos estratégicos que colaboraram com o desenvolvimento de dispositivos de saber e poder sobre o sexo. Eles não surgiram em bloco, ao mesmo tempo, mas foram reunidos com o tempo por sua coerência. Um deles, e um dos mais importantes, dá conta da *histerização do corpo da mulher*. Esse conceito dizia respeito a uma forma de analisar o corpo da mulher, qualificando ou desqualificando-o pelas suas características sexuais e reprodutivas. Esse corpo foi classificado como sendo extremamente impregnado de sexualidade e patologizado por algo que lhe era intrínseco, o que fornecia significados sociais a partir desse corpo biológico.

Histeria era apenas um dos nomes dados pelos médicos do século XIX às diversas enfermidades que afetavam somente as mulheres, época notável pela imprudente e ostensiva patologização da feminilidade. Muitas experiências extremamente perigosas, como cauterização uterina com ferro quente ou nitrato de prata, ou aplicação de injeções ou sanguessugas no útero, eram realizadas nas mulheres na tentativa de acalmar o seu nervosismo. Os médicos recorriam a essas técnicas brutais porque acreditavam que o sistema reprodutivo feminino – precisamente útero e ovários – era responsável pelo adoecimento das mulheres. Essa certeza ia tão longe que ligava o útero ao cérebro, estabelecendo que o cérebro feminino era completamente suscetível aos comandos uterinos e assim colocavam o próprio corpo feminino em guerra interna. Essas práticas terapêuticas foram, em seguida, substituídas pela remoção uterina completa, vista como uma alternativa mais eficaz e definitiva para as mulheres consideradas histéricas. Mesmo não sendo aprovada pela maioria dos médicos, era utilizada em casos onde se identificasse a ninfomania (presença excessiva de desejo sexual), masturbação ou crescimento incomum do clitóris, por exemplo. (EHRENREICH e ENGLISH,

2003). Além da histeria, outros nomes eram dados aos problemas típicos da população feminina. Neurastenia, dispepsia e até reumatismo nomeavam as síndromes que envolviam sintomas físicos e comportamentais, como a “dor de cabeça, dores musculares, fraqueza, depressão, dificuldade menstrual, indigestão etc. E, geralmente, uma fraqueza geral que exigia repouso constante.” (EHRENREICH e ENGLISH, 2003, p.117)

De acordo com Ehrenreich e English (2003) as síndromes eram praticamente exclusivas das mulheres de classe média e alta da segunda metade do século XIX. O que para os médicos eram doenças, para as mulheres começava a representar um estilo de vida que envolvia a fragilidade e a completa inutilidade, criando um novo ideal romântico de mulheres belas e frágeis. Prova de que as enfermidades eram exclusivas das mulheres privilegiadas economicamente é que, raramente, esses médicos atendiam mulheres trabalhadoras com esses tipos de queixa. Elas não tinham tempo nem dinheiro para esse novo estilo de vida. Os problemas exclusivos femininos, como a histeria, viraram também um suporte interessante para as mulheres e um pretexto para que elas tivessem alguma liberdade de viver, se expressar ou se recusarem a cumprir as *obrigações conjugais e domésticas*, já que essas condições de saúde exigiam o repouso absoluto. A doença também era uma forte aliada da prevenção de gravidez, já que os métodos anticoncepcionais eram inseguros e a possibilidade de aborto era totalmente excluída. A popularização dessas síndromes entre a classe médica e a propagação deste estilo de vida entre as mulheres, fez com que, logo depois, surgisse uma névoa de dúvidas sobre a credibilidade dessa doença, o que criou um conflito entre a relação médico-paciente. O conflito residia na dúvida se a doença era mesmo real ou inventada pelas mulheres, por diversos motivos, como para chamar a atenção ou barrar as investidas do marido e também uma futura gravidez, ou até mesmo para aplacar o tédio da vida de uma mulher casada e rica dessa época. Os médicos percebiam que quando nem seus tratamentos, recomendações e intimidações pareciam ajudar na condição, entravam em conflito a respeito da ineficácia de sua abordagem terapêutica ou se estavam sendo trapaceados. O fato é que os sintomas poderiam ser examinados apenas clinicamente e precisavam inteiramente da colaboração e descrição detalhada da paciente.

Foi preciso uma síndrome específica para tornar insuportável a ambivalência na relação médico-paciente e finalmente quebrar o monopólio dos ginecologistas sobre a psique feminina. Essa síndrome foi a histeria. De muitas formas, a histeria resumiu o culto à mulher enferma. O mal atingiu quase exclusivamente mulheres de classe média e alta, não tinha causas orgânicas perceptíveis e resistia totalmente ao tratamento médico. Mas ao contrário do tipo mais comum de enfermidade, a histeria ocorria de vez em

quando. Surgia e sumia de forma imprevisível, e às vezes de forma violenta, um “ataque”. (EHRENREICH; ENGLISH, 2003, P.153)

De acordo com as autoras acima, a histeria tinha sintomas diversos, que envolviam desde o desmaio, perda da voz, falta de apetite, tosses e espirros específicos. Se alastrou pelos continentes brancos e ricos. Os médicos viam como um mal extremamente misterioso e rebelde, que resistia fortemente aos tratamentos vigentes da ginecologia. Desconfiada, a literatura médica observou características específicas das histéricas, que indicavam uma possível fraude ou o calculismo das mulheres que apresentavam os sintomas, como desmaiar apenas sobre algo macio ou ter ataques apenas na presença de pessoas. O fato é que durante a epidemia, as mulheres a aceitaram e a utilizaram como uma forma de revolta e resistência contra o papel social fixo e desempenhado por elas, que era a relação econômico-sexual do casamento à qual as mulheres eram submetidas. Era uma quebra do tédio e inutilidade que acompanhavam esse papel, enquanto o atendimento médico se convertia no papel do opressor, já que elas desafiavam gravemente a posição que deveriam ocupar.

Entretanto, mesmo a mulher submetida à sua função sexual, por assim dizer, isso não fez dela um ser sexual, pois o modelo médico vigente conseguiu separar totalmente a sexualidade da reprodução. Às mulheres não era permitido ou bem aceito extrair prazer sexual da sua função, já que os médicos insistiam que as mulheres não se interessavam pelo sexo, mas somente em cumprir o destino que seu instinto materno traçava. Demonstrar qualquer atitude de gozo na relação sexual com um marido rígido era visto com desconfiança e talvez fosse suficiente para associá-lo com o sintoma de algum mal feminino. (EHRENREICH; ENGLISH, 2003)

Embora a base de estudos médicos fossem as mulheres de classe média e alta e como as condições sociais não eram consideradas nesses estudos médicos e psicológicos sobre as mulheres, havia uma generalização. A existência das mulheres era condicionada inteiramente aos seus papéis sociais e aos seus prepotentes órgãos reprodutivos. Entretanto, com o passar dos anos, as mulheres se aperceberam mais desse modelo patológico e passivo de ser mulher e passaram a notar que havia mais funções e lugares que elas poderiam ocupar na vida e no mundo, através do trabalho, educação e luta por direitos. É nesse momento que floresce o movimento Sufragista. E então o cérebro se transforma no novo inimigo íntimo e público das mulheres e no alvo de novas especulações da medicina misógina, que passou a se ocupar do questionamento e da regulação da educação das mulheres. (EHRENREICH; ENGLISH, 2003)

3.1.A mulher e o sistema sexual: do casamento patriarcal ao amor

Sobre os atributos sexuais da mulher, os conhecimentos acerca deles são muito antigos. Uma das *verdades* mais duradouras partiu de Galeno, ainda no século II desta era. Segundo Del Priore (2011, p.32-33), o cientista se esforçou para elaborar uma poderosa afirmação sobre o sistema reprodutivo e demonstrou que a mulher era, na verdade, um homem imperfeito, devido à atrofia e interiorização dos órgãos sexuais.

Outra verdade produzida pelo cristianismo e que limitou a produção de conhecimentos sobre a sexualidade da mulher, foi o estigma que a mulher carregava em ser a herdeira direta de Eva, de acordo com Del Priore (2011). Como sendo a responsável pela expulsão do paraíso e pela dor da humanidade, deveria ela também parir em dor para expiar o pecado original. Como o corpo e a sexualidade estavam carregados desses preceitos, os médicos do século XVI definiram o desejo sexual como algo negativo e mais característico do sexo feminino. Dessa maneira, a atividade sexual não era importante para a saúde dos homens, mas essencial para a saúde da mulher. E caso uma mulher não tivesse acesso à companhia masculina, ela poderia estar fadada ao adoecimento. Era algo constantemente expresso nos discursos sobre mulheres viúvas, solteiras com idade avançada e freiras. (DEL PRIORE, 2011). Não seria essa uma das estratégias discursivas para manter mulheres atreladas e dependentes dos homens utilizando a patologização da natureza de seus corpos como argumento?

Durante o Brasil colonial, todos os tipos de discursos sobre a sexualidade da mulher viravam regras bastante rígidas de conduta. Mary Del Priore (2011) descreve que, por exemplo, toda atividade conjugal era controlada e toda atividade sexual que não fosse por motivo de procriação era proibida. Diversas práticas que, atualmente, são consideradas prazerosas e bem difundidas, eram realizadas para que se prolongasse o prazer até que o objetivo da relação fosse concretizado – a emissão da semente, que só se alcançaria com orgasmos de ambos, coroados, sobretudo, com a ejaculação masculina. Era “a noção de *debitum* conjugal uma dívida ou dever que os esposos tinham que pagar, quando sexualmente requisitados, torna-se lei.” (DEL PRIORE, 2011, p.42).

Sobre a vagina, ela só poderia ser vista como órgão reprodutivo, como o lugar da reprodução e dos acontecimentos considerados sagrados da natureza, como a maternidade, sem os privilégios do prazer ou da frivolidade. A vulva era depilada por completo nas pessoas que eram consideradas decentes para que, assim, a região íntima perdesse o valor erótico, já que exibir pelos em abundância, decorar, pentear, entre outros, eram consideradas coisas de

prostitutas. As mulheres eram divididas em duas categorias muito opostas, e a categoria *respeitável* não podia correr o risco de ser confundida com a outra. (DEL PRIORE, 2011)

E já no século XX, a predominância nos conteúdos da literatura sexológica, de acordo com Giddens (1993), trouxe a preocupação com o prazer. Focava-se na frigidez e ejaculação precoce, por exemplo, transparecendo uma forte preocupação com o que atrapalhava as relações sexuais, já que elas eram um meio muito eficiente de manter a harmonia dos casais. Para Connel e Pearse (2015), embora a sexualidade não possa se reduzir ao gênero, ela é normalmente organizada a partir dessa categoria e corresponde a uma arena muito importante no âmbito emocional. Os estudos nas ciências humanas também deixam claro que as relações sexuais fazem parte de relações culturais, como o casamento, desfazendo a ideia de que elas respondem a reflexos do corpo biológico.

Mas como bem observado, o grande problema moderno e contemporâneo que Laqueur (2001, p.32) aponta, é que as teóricas feministas trataram de deixar bem claro que a sexualidade feminina é a que está sempre sendo construída. O gênero só pertence à mulher, já que a categoria, de forma básica, é definida por aspectos das relações sociais estruturadas na diferença sexual, sendo o homem o padrão social, comportamental e biológico. A mulher é uma categoria que está sempre sendo inventada a partir do que representa o homem. Para Laqueur (2001) isto demonstra que o sexo e o corpo são mais do que a sociedade parece determinar. O corpo está saturado de linguagem, cultura e poder. Entretanto, é como se o corpo fosse o lugar ontológico da representação do poder. Ainda que o foco das pesquisas sociais sejam as relações, o corpo não deve ser visto meramente como um dado biológico, um instrumento, mas sim como algo que demarca a nossa existência no mundo e na sociedade. O corpo passou a ser interpretado não a partir de conhecimentos científicos específicos, mas as interpretações “resultaram de dois grandes desenvolvimentos distintos analíticos, mas não históricos: um epistemológico, o outro político” (LAQUEUR, 2001, p.22). Laqueur defende que há representações diversas onde parece haver uma disputa entre os que postulam a máxima do sexo único e imutável e o conflito entre uma feminilidade essencial da mulher. O que o autor observa é que, em diversas representações, seja na literatura, no cinema ou até mesmo em textos freudianos, essa rigidez da invenção moderna dos sexos opostos parece estar sendo diluída e já aparece de forma bem menos dominante.

Os antigos valores que estigmatizavam a sexualidade feminina foram invertidos. Os atuais parecem tão definitivos, exagerados e simplistas quanto os anteriores, como pontua Laqueur (2001, p.15-16). A psicologia contemporânea e seus lugares comuns, como, por

exemplo, a máxima de que homens desejam sexo e as mulheres querem relacionamentos, é uma inversão de conhecimentos pré-Iluministas que percorrem o tempo desde a Antiguidade, quando a sensualidade e a necessidade exuberante de sexo eram ligadas à mulher. Entretanto, mesmo que a colocação acima represente uma ideia na qual ainda se acredita, é preciso admitir que ela, aos poucos, vai deixando de ser tão simples e rígida, e que novas nuances do comportamento sexual da mulher estão aparecendo com mais força.

A mudança dos valores foi de um pólo ao outro: de uma mulher que não conseguia se controlar ao efeito das paixões, até uma mulher que utiliza a sua sexualidade forma contida e/ou instrumental. Já ao final do século XVIII, Laqueur (2001) afirma que se passou a disseminar que, na verdade, as mulheres não se preocupavam com desejos sexuais, e a presença ou ausência de orgasmo passou a ser um marco importante para a diferença sexual pensada sob o ponto de vista da biologia.

Essas definições estavam impossibilitadas de dar conta das particularidades e de análises mais subjetivas, o que trouxe uma série de limitações e problemas para as mulheres, reforçando instrumentos de controle: ou se comporta como uma esposa deve se comportar ou se compara a uma prostituta. Foucault (1985), ao recorrer aos escritos de Plutarco na antiguidade clássica, descobriu esboços de recomendações que guiavam como uma mulher deveria utilizar a sua sexualidade:

(...) ele cita o exemplo, uma boa esposa não deve, por si mesma, tomar a iniciativa em relação a seu marido; mas também não deve se mostrar aborrecida com as iniciativas do marido; a primeira atitude teria algo de atrevido que lembra a cortesã, mas na segunda haveria uma arrogância inamistosa. Temos aí, de uma forma ainda vaga, o esboço dessas regras fixando as formas das respectivas iniciativas e dos sinais a serem trocados, de que a pastoral cristã, mais tarde, fará tanto caso. (FOUCAULT, 1985, p. 181)

A mulher precisava estar disponível à vontade de seu marido, tendo o papel de tornar a tarefa da sexualidade conjugal mais fácil, proporcionando o cumprimento do principal objetivo da tarefa, que era a procriação e fornecimento de novos cidadãos. A sexualidade para o prazer deveria ser encontrada em outro espaço, nos prostíbulos, cuja instituição também tinha alguma respeitabilidade, embora não fosse exatamente um espaço recomendável. Desse modo percebe-se, desde essa época, no berço do Ocidente, um completo controle e instrumentalização da sexualidade feminina, inviabilizando as mulheres para o prazer. A escolha do prazer implicaria em renunciar o seu único e possível status social respeitável.

As recomendações que eram feitas com o objetivo de promover o cuidado de si mesmo, através do uso dos corpos e da sexualidade, também diziam que não era positivo ter

relações sexuais fora do casamento, segundo Foucault (1985), pois essas relações deveriam obedecer a um princípio de economia, que não era a do prazer, promovendo-se, assim, uma cultura anti-hedonística, ou seja, não era salutar ter prazer somente pelo prazer. Entretanto, mesmo que com o despontar do cristianismo essas regras tenham sido mantidas, as razões, segundo Foucault (1985, p. 184), eram diferentes. A finalidade da inserção dos prazeres sexuais no casamento durante a antiguidade grega era justificada para fornecer filhos, que eram necessários à manutenção da força e da subsistência da cidade, já o Cristianismo argumentava com o discurso de que o prazer sexual carregava a mácula do pecado e apenas o casamento tinha o poder de legitimar e absolver a prática sexual.

Sobre a atividade da prostituição, Foucault (1985, p.27-28) observa que Platão menciona que a mulher enquanto objeto de prazer, tem sua finalidade e vantagem, sobretudo as prostitutas (ou trabalhadoras), entretanto, também havia vergonha em frequentá-las por alguns motivos. Um deles vem da própria etimologia da palavra: bordel (*ergasterion*), que podia significar tanto oficina, local de atividades laborais, como também *cemitério*, que é o lugar para onde todos vão. Além do gasto financeiro e do desperdício de esperma que poderia ser utilizado para produzir novos herdeiros que só as esposas poderiam dar.

Além disso, com o passar dos tempos, a imagem da prostituta foi ficando ainda mais deteriorada. Uma pecha de depravação, sujeira, fedor, doença e dilapidação de patrimônios foram espalhadas pela tradição cristã, principalmente nos períodos coloniais, como descreve Del Priore.

Esse sistema de correlação estruturava a sua imagem; ele desenhava o destino da mulher votada à miséria e à morte precoce. O retrato colaborava para estigmatizar como venal tudo o que a sexualidade feminina tivesse de livre. Ou de orgiaco. A mulher que se deixasse conduzir por excessos, guiar por suas necessidades, só podia terminar na sarjeta, espreitada pela doença e a miséria profunda. Ameaça para os homens e mau exemplo para as esposas, a prostituta agia por dinheiro. E, por dinheiro, colocava em perigo as grandes fortunas, a honra das famílias. Enfim, era o inimigo ideal para se atirar pedras. (DEL PRIORE, 2011, p.89)

Assim, a sexualidade das mulheres sempre foi construída, discutida e moldada para servir a funções específicas dentro da estrutura social, sob a ameaça de penas duríssimas e a impossibilidade de escolhas intermediárias, e todas perpassadas pela ideia de sexualidade e conjugalidade: ser solteirona ou freira era abrir mão do casamento e da sexualidade. Ser casada era abrir mão do direito de usar sua sexualidade para seu próprio prazer em troca de proteção e respeitabilidade. Ser prostituta era abrir mão também do uso de sua sexualidade

para seu próprio prazer ou somente quando desejasse. E abrir mão do casamento – não ter acesso a ele – era estar vulnerável à violência, sujeira, doença e à má reputação.

Mais tarde, essa economia da sexualidade inserida no casamento teve outras proposições e tomou outros rumos, assim como as práticas sexuais inseridas no casamento. Na Europa pré-moderna, diferente da realidade do Brasil colonial, de acordo com Giddens (1993, p.49), os casamentos costumavam ser arranjados a partir da situação econômica das famílias, e que devido à falta de objetivos afetivos, os beijos e as carícias relacionadas ao sexo eram incomuns entre as classes de camponeses. Uma maior liberdade sexual era permitida às mulheres da aristocracia, demonstrando que liberdade sexual era uma expressão do poder. Como pertenciam a um grupo privilegiado, as mulheres não tinham obrigações com o trabalho, tampouco com a reprodução ou com cuidado direto dos filhos em alguns contextos.

Em outro contexto, o do antigo romantismo sexual (nem tão antigo) que vinha atrelado a uma embalagem revestida de cavalheirismo e de nobres sentimentos, era uma forma de ocultar e tornar aceitável o domínio dos homens sobre as mulheres (EHRENREICH; ENGLISH, 2003). Antes se esperava estabelecer primeiro o romance para que houvesse sexo, agora o sexo parece ser um pré-requisito importante, mesmo não assegurando o desenvolvimento do romance. Este, por sua vez, é um requisito para o desenvolvimento de uma relação mais estável e duradoura. É observado que para as mulheres é especialmente importante a experiência do romance e de relações longas, principalmente o casamento. A busca pelo romance e pela qualidade da relação também estimulam fantasias e acrescentam experiências à vivência da sexualidade, que atualmente se torna essencial no desenvolvimento de um relacionamento amoroso: um bom entendimento sexual.

Diferente das realidades acima descritas, uma marca importante da contemporaneidade é um amor romântico, que une os casais por afinidades sentimentais e comportamentais. O *amor confluyente* tem em sua marca, segundo Giddens (1993), a igualdade entre os membros (na reflexão ele deu especial destaque às relações heterossexuais) e resgata, para a sua manutenção, a *ars erótica*, transformando a realização sexual em algo recíproco e com a utilidade de fazer com que o casal permaneça junto por prazer e amor, e não pelos interesses que em outros tempos definiam os casamentos.

Essa *ars erótica*, anteriormente discutida por Foucault (2014), era nas culturas não ocidentais uma arte dominada por alguns grupos específicos de mulheres com o objetivo de tornar a experiência sexual extremamente prazerosa. Giddens (1993, p.74) afirma que o amor confluyente, um amor típico das sociedades ocidentais contemporâneas com o objetivo

primordial de promover a realização pessoal através da relação, é também o momento propício e talvez único onde todas as pessoas podem ter direito e acesso à realização sexual. Pelo menos em teoria, com esta nova organização de relações, presume-se o desaparecimento da diferenciação de mulheres pela sua vivência sexual. A imagem das mulheres *para casar* e as *mulheres para diversão* estão cada vez mais diluídas em diversas camadas na complexidade das relações.

Os relacionamentos, a intimidade e a conjugalidade são aspectos importantes para compreender como a sexualidade é percebida e como ela se desenvolve principalmente em relação à maneira como as mulheres heterossexuais vivenciam a sua sexualidade. A importância do amor romântico para os relacionamentos, incluindo as relações sexuais, é que ele possibilita a realização do ideal da sociedade contemporânea e urbana, que preza por novas formas de vinculação e ressignificação do amor entre duas pessoas para manter o formato familiar original intacto ao longo da história. Mesmo os/as mais céticos/as devem compreender que esse ideal é constantemente o centro da dramaturgia televisiva e do cinema, assim como está presente massivamente em outras mídias. E não há previsão para recuar. Também é importante analisar o contexto das implicações do amor romântico baseado em ideais normativos, como a heterossexualidade, a partir das hierarquias constituintes das relações entre os gêneros como definidoras das sexualidades masculina e feminina. É igualmente importante também refletir como o romance e o erotismo imbricados nas relações conjugais transformaram os ideais e os critérios de escolhas matrimoniais em nossa sociedade. (CONNEL; PEARSE, 2015; LOYOLA, 1999)

Após descobrir o potencial e a natureza do seu próprio gozo, as mulheres seguem no seu tenso desafio dicotômico de equilibrar o prazer e o perigo a partir de uma concepção heterossexual e das hierarquias de gênero, sobretudo quando tem que se enfrentar as investidas libertistas que visam, entre diversas outras pautas, constranger o exercício livre da sexualidade e os direitos reprodutivos das mulheres. Os discursos e as pautas políticas insistem na retomada de velhos padrões que encerravam a sexualidade feminina no objetivo reprodutivo, como criticou Vance (1989). A direita apela para o temor e o argumento da autopreservação e vulnerabilidade das mulheres, que atribuem perigos inerentes à sexualidade masculina, como a falta de controle, agressividade, instinto. Assim, as mulheres aprenderam que devem controlar seus impulsos sexuais para se protegerem dos perigos da sua liberdade, e que os impulsos sexuais dos homens são agressivos e suscetíveis a qualquer interpretação de sinal do desejo feminino, culpabilizando as próprias vítimas e desculpando os homens,

permitindo que elas alcancem a passos muito lentos e pontuados com retrocesso, o seu desejado lugar de sujeitos da sexualidade. (VANCE, 1984)

3.2. De objetos a senhoras de sua sexualidade: feministas como pioneiras das discussões de gênero e sexualidade

Embora constrangidas em vivenciar sua própria sexualidade de forma autônoma, as mulheres conseguiram ascender de sua função reprodutiva para a de seres sexuais, embora afixadas na posição de *objeto sexual*, condicionando sua permanência na órbita sexual. Sobre a problematização da sexualidade no debate das relações de gênero, Dallery (1997) argumenta que a transformação da mulher enquanto objeto do prazer é corroborada com a ideia de alienação. A sexualidade feminina é entregue ao controle de outrem, simbolizada e significada a partir das projeções masculinas. A sexualidade da mulher não existe como um fato social independente, sendo assim, *a própria mulher não existe*. A autora cita exemplos de cineastas feministas que se recusam terminantemente a filmar o corpo da mulher sob o argumento de que ele está repleto de sentidos produzidos a partir do olhar masculino.

[...] as estruturas da linguagem e outras práticas significantes que codificam o corpo da mulher são tão opressivas quanto às estruturas materiais/sociais que têm mediado a percepção do corpo e do ser e suas possibilidades eróticas. [...] Nesses comentários, Beauvoir ignora completamente as raízes da *écriture féminine* como uma resposta à psicanálise lacaniana, que sustenta que as diferenças sexuais não podem ser reduzidas à biologia porque o corpo da mulher é constituído através da simbolização fálica. (DALLERY, 1997, p. 64).

A problemática proposta por Dallery ressalta a ideia de que o corpo feminino é o símbolo maior da sexualidade generalizada e leva a pensar nos processos de construção dos filmes pornográficos como foco primordial no corpo e nas expressões femininas. A ideia generalizada e que se tornou um lugar comum de que mulheres não se excitam facilmente com recursos visuais e que revistas e vídeos pornográficos são feitos para homens, encontra uma ligação no pensamento da autora e começa a ser esclarecido em profundidade.

Bataille (1988) possui uma visão determinista e binária do erotismo sexual, que posiciona as mulheres como objetos do desejo, tendo em vista que cabe a elas provocar o desejo de elemento masculino, representado pelo homem. Bataille também afirma que essa característica feminina, enquanto objeto desejado é um privilégio para as mulheres. Ele afirma que em princípio o homem também pode ser o objeto do desejo de um homem, contudo, a mulher desempenha mais esse papel, não por ser mais bela ou mais apeteável, mas porque

elas mesmas, em contradição do próprio autor acerca da dicotomia ativo-passivo, diz que as mulheres são ativas ao se disponibilizarem como objetos do desejo. As mulheres fazem isso ativamente. “[...] toda a mulher se trata a si própria como um objecto que incessantemente se propõe à atenção dos homens.” (BATAILLE, 1988, p.114)

O’Neill (1997), ao tratar sobre os nus femininos, mostra que não é de espantar esta afirmação de Bataille sobre a objetificação. Ela fala, sobretudo, das representações do nu em pinturas, fotografias, ilustrações em que as mulheres estão dispostas em um espaço privado e sua nudez é destinada ao olhar masculino. “[...] Tanto a nudez como a disposição de seus corpos, gestos, olhares e movimentos (se houver) raramente expressam atuação sexual.” (O’NEILL, 1997, p.85)

Bataille traça um paralelo entre essa posição de objeto da mulher e a prostituição. Mesmo reconhecendo que toda mulher não é uma prostituta em potencial, ele afirma que a prostituição é a consequência da atitude feminina frente ao desejo ativo dos homens, a menos que, por razões diversas, ela prefira a esquiva da castidade, cada mulher procura meios de se tornar um objeto ainda mais desejável. Ou seja, ele afirma que “toda mulher trata a si própria como um objecto que incessantemente se propõe à atenção dos homens.” (BATAILLE, 1988, p.114).

Para Carole Pateman (1993), a prostituição carrega diversos problemas, um deles é a reivindicação masculina do acesso sexual aos corpos das mulheres. Os discursos sobre a prostituição são mantidos a partir de muitos discursos tradicionais, como o fato de ser uma das profissões mais antigas do mundo, que é também originária da necessidade sexual dos homens. Mas Pateman problematiza essas questões.

A procura por mulheres na prostituição, para Pateman (1993), a partir da teoria do contrato sexual sugere essa reivindicação, a busca pela prostituição faz parte da demonstração dos significados construídos sobre a masculinidade, mesmo que o corpo dela não seja usado de forma direta. A partir das cláusulas do contrato original, o homem, ao contratar a prostituta, pode pagar pelo acesso ao ato sexual e assim obter o exercício de seu direito patriarcal, que é o direito sobre o uso dos corpos das mulheres. Refere-se mais às mulheres, pois a prostituição masculina homossexual, em Pateman (1988), não possui os mesmos significados sociais.

A história do contrato sexual revela que a construção patriarcal da diferença entre masculinidade e feminilidade é a diferença política entre a liberdade e a sujeição, e que o domínio sexual é o principal meio pelo qual os homens afirmam a sua masculinidade. (PATEMAN, 1993, p. 303)

A prostituição difere dos demais tipos de trabalho porque o interesse não está no trabalho que o corpo pode exercer, que na lógica do mercado de trabalho pode ser descorporificado e realizado por máquinas, mas no contrato de prostituição interessa única e exclusivamente a prostituta e o seu corpo. Esses são os objetos do contrato, na prostituição. E a partir de pesquisas de outros/as pesquisadores/as, Pateman constatou que os homens, além de desejarem o serviço corporificado e personalizado, querem também a concordância tácita da prostituta. Querem também os sentimentos delas, como uma demonstração do reconhecimento do domínio deles. (PATEMAN, 1988)

Assim, a associação da prostituição com a tradicional objetificação, e a maneira como mulheres costumam aparecer na pornografia masculina, suscitam o debate da reivindicação masculina aos corpos femininos, como estes tendo uma sexualidade controlada pelo domínio do masculino. Mesmo que as atitudes e as práticas possam ser ressignificadas, ainda assim, no âmbito dos discursos, a desconstrução é complexa. A pornografia busca ampliar a interpretação sobre o corpo objetificado, explorando essa relação com as suas imagens.

A narrativa de revolução sexual tem sido frequentemente utilizada para indicar as mudanças nos códigos e práticas sexuais, na redefinição das relações eróticas e como se pensa sobre elas. Entretanto, é preciso cautela antes de se aceitar prontamente a ideia de revolução. Para alguns autores/as, o que acreditamos ser uma transformação ou revolução, são atualizações contextuais. Práticas já existentes e utilizadas em determinados contextos passaram a ser mais aceitáveis e prazerosas em outros. O que era interdito em nossa cultura, pode alcançar um novo nível mais próximo da superfície. Segundo Corrêa (1996), é simplista pensar em revolução quando o ponto de partida da reflexão é simplesmente a oposição entre repressão e liberação. Torna-se ainda mais difícil de analisar sob o olhar da transformação, sendo a sexualidade fruto de uma construção histórica, social e discursiva, e que nesse processo está sujeita a atualizações, assim também como permanências.

Bozon (2004) afirma que é preciso desconstruir o mito de revolução sexual, sendo ela apenas uma categoria na qual os indivíduos da sociedade acreditam ao perceberem a liberação de certos códigos de conduta sexual, principalmente para as mulheres, além da maior facilidade de se debater o tema publicamente. Entretanto, o ponto que identificamos e que desconstrói a ideia de revolução é o gênero. Ao pensar sobre a categoria, observamos que as condutas sexuais se desenham dentro das relações de gênero e principalmente na assimetria das relações entre homens e mulheres. Ou seja, é o gênero e as relações de poder entre homens e mulheres que atuam como os maiores organizadores da sexualidade. Contudo, é

preciso notar como a capacidade de negociação das mulheres heterossexuais e cisgêneras aumentou, acompanhando as mudanças logradas por elas. Corrêa (1996) reforça que a partir da ideia já desconstruída de revolução, foi possível ver que o feminismo como o maior responsável por renovar a forma de debate público sobre sexualidade, sendo as feministas as pioneiras nessa discussão entre a década de 1960 e 90.

As lutas e discussões feministas a partir da sexualidade percorreram uma trajetória difícil, longa, que foi registrada desde o início da segunda onda feminista entre a década de 1960 e 70, que incluem a discussão sobre libertação feminina, a narrativa de revolução sexual e a criação da pílula contraceptiva, entre os exemplos mais notáveis. O trabalho do movimento feminista nas décadas de 1960 e 70 a respeito da sexualidade se iniciou, também, a partir da denúncia e desconstrução do ideal romântico sexual que sustentava o duplo padrão sexual e deixava as mulheres atreladas aos homens de forma limitada e violenta. O romantismo sexual conseguiu chegar até a década de 60 já bastante desgastado, e o movimento feminista foi a concretização da consciência das situações que interferiam na vida das mulheres, como a entrada das mulheres no mundo profissional, a derrocada do duplo padrão sexual, as novas oportunidades de vida e os desafios da independência feminina. (CHACHAM E MAIA, 2004; EHRENREICH e ENGLISH, 2003)

Um dos lemas de lutas do Movimento de Libertação da Mulher era a famosa frase *o pessoal é político*, e quando elas repetiam isso, de acordo com Connel e Pearse (2015, p.194-195), elas se referiam ao fato de que a política de gênero está entrelaçada firmemente nas relações pessoais, inclusive sexuais, e nas decisões que cremos serem do foro mais íntimo possível. Além dessas reflexões, os avanços promovidos pelas conferências mundiais da ONU, culminaram na destacada IV Conferência Mundial da Mulher em Pequim, em 1995, onde foram afirmados os direitos sexuais como parte dos direitos humanos. A partir de Chacham e Maia (2004), a declaração desses direitos foi considerada uma grande evolução, pois foi onde, pela primeira vez, oficialmente e publicamente, em um evento como esse, que as mulheres foram consideradas seres sexuais, dotadas do direito de decidir sobre sua vida sexual para além da reprodução enquanto um direito humano legítimo. Em contrapartida, a prova de que mesmo diante de avanços não houve revolução e sim permanências, a lista de direitos humanos relativos à sexualidade de todas as mulheres foi concebida a partir da negatividade, mantendo as mulheres na condição de passivas, ignorando seu poder de agência e de sujeitos da sua sexualidade.

[...] o direito de não ser vítima de estupro, de abuso, de tráfico, de exploração, de mutilação e de violência sexual. Obviamente, é indiscutível

que ser livre de coação [...] no entanto, o fato de as mulheres só constarem como vítimas – em vez de como agentes no exercício da sua sexualidade – reforça a visão patriarcal na qual as mulheres são seres dessexualizados, sem poder e vítimas passivas da violência do macho. [...] Entretanto, mesmo que de modo limitado, a inclusão da atividade sexual como parte dos direitos humanos foi um avanço inegável, emergindo de um consenso internacional, pois é crucial que os direitos sexuais e reprodutivos sejam construídos como dois corpos separados de direito [...]. (CHACHAM e MAIA, 2004, p.82)

Dessa maneira, se entende que apesar dos avanços a respeito dos direitos sexuais das mulheres, a visão arraigada de mulher enquanto ser humano passivo vem de uma tradição patriarcal e mostra como o gênero é indissociável da organização e, conseqüentemente, da discussão da sexualidade. No entanto, mesmo com outras renovações mais recentes dos discursos e com tímido reconhecimento de que somos sujeitos legítimos da sexualidade, mostrando que a história não é linear, as relações heterossexuais românticas também atualizaram seus modos de interferir na legitimidade da liberdade sexual da população feminina. Carole Vance (1984) também convida as feministas à reflexão sobre as suas ações que contribuem ou atrapalham no apoderamento da sexualidade prazerosa e autônoma pelas mulheres. Embora pioneiras no debate, o movimento, desde o século XIX, não vem se preocupando em melhorar a situação sexual das mulheres, mas apenas concentrando esforços para protegê-las, colocando-as em uma permanente posição de vítimas passivas.

Assim, a pornografia, embora apareça como um campo de debates acirrados políticos e sociais é, também, um campo que possui o potencial de se expandir, podendo significar a divulgação de novas práticas, educação sexual, como recurso erótico e de satisfação sexual, assim como pode significar o reforço à manutenção de códigos pertencentes às relações de gênero. O'Neill (1997) acrescenta que, mesmo que as mulheres se coloquem como sujeitas da pornografia, modifiquem as intenções com combinações de imagens, roteiros reformulados, adotem discursos que celebrem a sexualidade feminina, lésbica ou não, seria muito simplista e ingênuo acreditar que esses elementos seriam suficientes para absolver a pornografia hegemônica e toda a cumplicidade por parte da cultura para reforçar a ideia do corpo da mulher como objeto e mercadoria. Entretanto, mesmo assim, uma pornografia insistentemente produzida para interesses feministas, de mulheres heterossexuais e lésbicas, pode oferecer um fortalecimento às mulheres enquanto sujeitas de sua sexualidade.

3.3. Da narrativa feminina na pornografia moderna às guerras feministas contra a pornografia

A predominância das protagonistas e narradoras era um recurso que ajudava a estabelecer um clima de cumplicidade com um leitor masculino, que era também elitista. As narradoras eram quase sempre prostitutas (ou mulheres que desafiavam as normas vigentes) e descreviam suas experiências sexuais ou eram adeptas do *voyeurismo* com amplo acesso à espionagem das práticas sexuais alheias. Eram personagens construídas a partir de uma personalidade libertina, com uma visão sobre a sexualidade avançada para a época em que estavam, e, sem dúvidas, adeptas da prática de dar e receber prazer. Eram dotadas de conhecimentos sobre práticas sexuais que de tão inovadoras eram consideradas irrealísticas. Embora os primeiros autores da literatura pornográfica moderna não fossem feministas, eles construíam seus textos a partir de uma concepção mais livre e utópica. De certo modo, deram contribuições importantes ao valorizarem intensamente a determinação e iniciativas sexuais das mulheres através de suas personagens, muito mais que os discursos médicos e normativos da época. (HUNT, 1999)

Entretanto, essas narrativas não propunham a liberação feminina, já que uma das características da pornografia era ser utópica, com a criação de realidades imaginárias e superlativas. A literatura dava voz à imaginação de um mundo com mulheres liberadas sexualmente – mas a serviço do prazer masculino. São os desejos masculinos traduzidos pelas personagens femininas e devolvidos, seguramente, ao público também masculino. Ainda que a literatura pornográfica aparecesse em forma de crítica aos costumes, às relações sociais e sexuais e mesmo utilizando a narrativa de mulheres, em geral, o conteúdo pornográfico criticava até mesmo a posição de poder de algumas mulheres, como a própria rainha francesa Maria Antonieta, e reforçava as posições sociais, como a de prostituta (HUNT, 1999). Mesmo as mulheres subvertendo papéis femininos e sexuais tradicionais, elas eram demarcadas como prostitutas, pois ainda que os romances fossem utópicos, permanecia implícito que só era aceitável que mulheres vivenciassem uma sexualidade intensa e sem pudores sendo prostitutas ou marginais.

Quase nunca os homens aparecem como protagonistas e explicitamente sujeitos do desejo. Sempre as mulheres, pois a elas é reservado um polimorfismo sexual. Ao contrário dos discursos médicos, não era mistério a sexualidade feminina para a pornografia, mas sim a masculina. Os homens não são considerados polimorfos como as mulheres. Suas posições frente ao poder e ao sexo eram rígidas. Para Lynn Hunt (1999) esta característica pode ser compreendida a partir das relações de gênero. Para a autora, a sexualidade masculina foi a primeira a ser organizada ideologicamente e discursivamente, para coibir as relações

homossexuais entre os homens e a sodomia, considerada prática criminosa até meados do século XIX em uma Europa católica.

Em retorno ao primeiro romance pornográfico comercial, escrito por John Cleland em 1748, *Fanny Hill*, cujo autor primava por uma escrita que evitava ares de perversão – recurso de Sade e outros – e reforçava que a mulher tinha direito ao orgasmo. *Fanny Hill* era a heroína ideal. Embora sendo uma jovem prostituta, recebeu o direito à felicidade e à ampla realização sexual. Entretanto, todas as experiências de *Fanny* representavam uma visão masculina meramente idealizada do desejo e do orgasmo feminino, inclusive com descrições inexatas dos órgãos sexuais femininos e reduzindo a importância do clitóris para o prazer da mulher, além de vincular o direito ao gozo da mulher ao do parceiro, limitando a sua quantidade e as suas condições. Embora *Fanny Hill* representasse um avanço, tanto em estilo de escrita como de forma de comercialização da pornografia e por romper com as tradições cristãs e moralistas, a obra não pode ser considerada revolucionária em termos das relações de gênero e tampouco libertava a mulher dos seus papéis sociais primordiais e de um duplo padrão sexual. Assim como as mulheres só poderiam vivenciar toda a plenitude de vida através do casamento por amor, este também foi o fim da protagonista. Salva pelo casamento, *Fanny Hill* teve uma vida sexual prazerosa, mas totalmente considerada inadequada para uma jovem. (MUCHEMBLED, 2007)

A partir do século XIX e meados do século XX, as preocupações com os discursos pornográficos começaram a se modificar para que a pornografia se acomodasse em objetivos comerciais, entretanto, continuou insistente o uso da imagem e das narrativas femininas, mas já com objetivos claros de agradar aos homens como principais consumidores. El Far (2004) descreve que no Brasil, a expansão da literatura pornográfica no século XIX foi acompanhada de recomendações e proibições. Marcados como *romances para homens* ou *leituras para homens*, os avisos nas capas deixavam claro a quem se direcionavam os romances exclusivamente. Essa censura se justificava pelo perigo apresentado pelo tipo de conteúdo, que poderia ocasionar efeitos perversos no caráter das mulheres da sociedade, principalmente as mais jovens. A proibição não era amparada por qualquer lei, e sim baseada em justificativas morais da época. Por isso nem sempre a proibição era eficaz; além da grande curiosidade das mulheres de poder aquisitivo e que conseguiam se desvencilhar da vigilância masculina, é claro, havia o evidente interesse capitalista dos vendedores de livros. Mas era grande o pânico de que as moças tivessem acesso a descrições de práticas sexuais e a outras experiências e, por isso, perdessem o apreço pelos maridos, pretendentes ou pela maternidade.

Entretanto, a proibição não recaía apenas para os romances propriamente pornográficos, mas também sobre as descrições do desejo sexual e a crueza das experiências descritas em livros de autores naturalistas, que também foram afetados pelo controle moral. Embora o conteúdo do livro mostrasse mulheres com comportamento sexual ousado para a época, era muito clara a intenção de não emancipar as mulheres sexualmente, já que, sendo proibidas de ler, não poderiam se inspirar pelas narrativas e sonhar com experiências que estavam longe da realidade possível, tampouco se revoltar contra o uso da imagem feminina, como fizeram as feministas anti-pornografia do final do século XX.

3.3.1. Guerras sexuais: a pornografia como objeto de disputa entre feministas no século XX

O debate sobre a existência da pornografia na cultura midiática suscitou intensas disputas no campo de discussões e estudos feministas ocidentais. Mais precisamente, as feministas contra pornografia se destacaram no debate e conseguiram redigir e aprovar leis na América do Norte que cerceavam a distribuição de conteúdos com características pornográficas, sob o argumento de que eles eram prejudiciais para a existência das mulheres e crianças na sociedade. Entre as décadas de 1970 e 1980 crescia, nos Estados Unidos, os intensos debates que resultaram nas conhecidas *sex wars* (ou guerras sexuais feministas), como eram popularmente chamadas as discussões entre feministas a favor ou contra a pornografia. Entre as principais representantes do lado determinadamente contra pornografia estavam Andrea Dworkin e Catharine MacKinnon, que se dedicavam a denunciar, através de seus escritos, os efeitos *perversos* da pornografia na sociedade e a omissão da mídia ao lidar com isso. Criticavam também as leis que protegiam os produtores de pornografia e seus consumidores sob o argumento do direito à liberdade de expressão. Em *Pornografia e Direitos Civis* (1988), as autoras se dedicaram a mostrar como a pornografia ameaçava os direitos civis das mulheres, os poucos que elas tinham. Elas apresentavam informações da relação causal entre consumo de pornografia e aumento das atitudes violentas dos homens contra as mulheres e que o ciclo da pornografia também alimentava outros tipos de crime.

Igualmente obscurecida pelos ilusórios relatórios da mídia e completas mentiras é a evidência direta da casual relação entre o consumo de pornografia e o aumento nos níveis de violência, hostilidade e discriminação. Então, poucos daqueles presos em casamentos sexualmente tóxicos ou empregos (para manter um teto sob suas cabeças e suas crianças alimentadas) sabem. Poucos – exceto os que o fizeram ou sofreram – sabiam que os abusos da produção da indústria pornográfica são um mero prelúdio do abuso produzido em massa por meio da distribuição em massa da pornografia e seu

consumo em massa: os estupros, o assédio sexual, o abuso sexual de crianças, o sexo forçado, a prostituição forçada, a sexualização forçada, o status de “segunda classe”, e o aumento da incapacidade para diferenciar essas coisas do sexo – tudo isso do que uma mulher é. (DWORKIN e MACKINNON, 1988, p.25)

Na perspectiva de Catharine MacKinnon (2016), advogada e feminista americana, e uma das mais importantes vozes anti-porn, a sexualidade ocupa o topo da cadeia que alimenta a desigualdade entre homens e mulheres. Para a autora, a alienação da sexualidade feminina – tal qual a alienação do trabalho para o Marxismo, é o principal elemento responsável pela desigualdade e de onde derivam as outras formas pelas quais as desigualdades se manifestam.

A sexualidade é o processo social que cria, organiza expressa e direciona o desejo, criando os seres sociais que conhecemos como mulheres e homens, à medida que suas relações criam a sociedade. Da mesma maneira que o trabalho o é para o marxismo, a sexualidade é, para o feminismo, socialmente construída e ao mesmo tempo capaz de construir; (MACKINNON, 2016, p.801)

MacKinnon trouxe esse argumento para explicar a razão de se dedicar com tanto vigor à proibição da pornografia, tida com uma das formas de instrumentalizar a sexualidade feminina para o proveito masculino. Para MacKinnon (2016, p.824), a sexualidade é uma forma de poder a partir de onde se constrói socialmente o gênero e onde se alicerça a desigualdade neste aspecto. A mulher é, para a autora, um ser cuja sexualidade só existe para despertar o desejo de outra pessoa, o homem. “As mulheres e os homens estão divididos por gênero, constituídos nos sexos como nós os conhecemos, pelas exigências sociais da heterossexualidade, que institucionaliza a dominação sexual masculina e a submissão sexual feminina.”

Wolf (1992) também expõe essas violências que ela acredita serem produzidas pela pornografia e que se dividem de duas formas. Uma – a leve – apenas transforma em objeto o corpo feminino, e a outra – mais pesada – que pratica violência contra o corpo feminino. Devido às leis vigentes, é difícil haver um controle dos danos que são causados pela pornografia, o que limita os debates a respeito do tema e da abordagem do poder de escolha das mulheres, um privilégio que já pertence aos homens. “As mulheres e crianças não têm a possibilidade de escolher evitar imagens de beleza pornográfica ou de violência sexual que as acompanham até dentro de casa.” (WOLF, 1992, p. 178)

Para Wolf (1992), o que de pior a pornografia pode fazer é erotizar a violência sexual, além da absorção cultural e promoção da tradução da ideia de sexo como estupro para que homens e mulheres se interessem por ele. Mesmo que a pornografia não produza uma relação

causal com a violência sexual, para feministas contra a pornografia bastava a expressão e a sordidez da erotização do abuso.

Barroso (2013, p.149) descreve que as feministas militantes anti-pornografia das décadas de 80 e 90, entendiam a pornografia como o veículo mais relevante na reprodução sistemática das desigualdades de gênero. A pornografia é acusada por elas de influenciar fortemente na maneira como a mulher é percebida socialmente, restringindo a liberdade disponível às mulheres e contribuindo com o silenciamento delas, fazendo diminuir a sua voz e seu papel na política democrática.

Contudo, Pinto, Nogueira e Oliveira (2010) afirmam que, ainda na década de 70, o debate feminista sobre pornografia construiu seus argumentos absorvendo pressupostos essencialistas e por isso se manteve polarizado entre opiniões antagônicas. Trouxe a pornografia para o centro de disputas ideológicas sobre as representações da sexualidade, defendendo uma visão essencialista e determinista de que há uma masculinidade e ela é tóxica, sendo a pornografia uma expressão dessa toxidade. A base dos pressupostos que fundamentavam seus argumentos vinha de estudos realizados a partir da psicologia experimental americana que utilizava métodos tradicionais positivistas, estudando uma população predominantemente masculina, branca e pouco escolarizada e generalizando o comportamento da população com base nesses resultados.

No século XXI o debate ainda persiste, e com argumentos muito semelhantes, embora ampliados. A socióloga e ativista anti-pornografia Gail Dines (2015) traz uma visão anti-pornô importante para considerar os diversos debates suscitados por este produto. Ela situa a pornografia como um produto construído a partir de uma lógica de mercado atravessada pelo tempo histórico onde, o que costumava ser considerado pesado, agora é popular, temendo os caminhos que a pornografia masculina pode seguir, tendo em vista o processo de insensibilização produzido pelo acesso facilitado à pornografia.

Em uma entrevista concedida à Folha de S. Paulo em 2005, a jornalista americana Ariel Levy expõe mais uma das implicações da existência da pornografia e chama a atenção para sua observação sobre o que chama de obsessão feminina em parecer uma estrela pornô, além da incorporação de uma ideia de sexualidade feminina comercializável. Ela observa que em meio às muitas conquistas feministas, esse fenômeno percebido por ela soa quase como um pedido de desculpas aos homens pelas conquistas.

“Olha, agora você vai ter de competir comigo no trabalho, na universidade, mas não se preocupe, eu ainda posso incorporar essa fórmula óbvia e imediata de sexualidade”. Não é que as mulheres

estão pensando que agora vão fazer o que quiserem da própria sexualidade. É apenas que elas querem responder a essa demanda comercial por um dado tipo de sexualidade. Parece um modo de nos ressegurarmos, e assegurarmos aos homens, que mantemos um papel do passado facilmente identificável. (LEVY, 2005. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc1411200517.htm>>; Acesso: 16 OUT 2017)

Esta afirmação de Levy parece concordar com o que Wolf (1992) já havia dito. Mesmo com sucesso profissional visível e com uma postura agressiva no mundo do trabalho, essas imagens pornificadas mostram que na esfera pessoal o mais importante é se mostrar desejável através de um comportamento submisso. Contudo, Ariel Levy faz uma observação a determinado momento histórico que ela denomina de pós-feminismo. Ao observar garotas que mostravam os seios nas praias nos Estados Unidos e depois de entrevistá-las, Levy percebeu que elas não ganhavam nada em termos financeiros com isso e uma delas respondeu que fazia isso como um ato reflexo. É como se fizessem sem pensar. “Elas vêem atletas olímpicas tirando a roupa para a Playboy, mulheres bem-sucedidas tentando imitar performances sexuais... vão fazer o quê?” (LEVY, 2005. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc1411200517.htm>>. Acesso: 16 OUT 2017)

Para Levy (2005) esses comportamentos alteram a percepção tanto dos homens quanto das mulheres a respeito da feminilidade, pois é como se neste contexto, essa nova performance sexual fizesse parte de um papel obrigatório feminino e que isso não se restringe ao comportamento de adolescentes ou mulheres não intelectualizadas. Em diálogo com Wolf (1992, p.186), costumeiramente os debates sobre a pornografia focam nas atitudes masculinas influenciadas pela pornografia frente às mulheres, contudo, ela acredita que outra pergunta pertinente deveria ser feita agora: o que essas imagens da pornografia fazem às atitudes sexuais das mulheres para elas mesmas?

Para Wolf (1992), o problema dos defensores da pornografia sob o ponto de vista da beleza é que a pornografia tradicional não liberta a nudez ou os corpos femininos, mas os restringe completamente a um determinado padrão, censurando as representações diversas dos corpos e da beleza feminina, permitindo apenas a aparição das *versões oficiais*. “Em vez de vermos imagens do desejo feminino ou que atendam ao desejo feminino, vemos simulações com manequins vivas, forçadas a contorções e caretas, imobilizadas (...)”. (WOLF, 1992, p.179). Levy (2005) diz que o problema da imitação das estrelas pornô e pornificadas não é sua falta de valor social como mulheres. Esse é o trabalho que elas desempenham – a simulação – e não se pode esperar outra coisa além de uma atuação sobre a luxúria. A questão

é que, quando as outras mulheres as imitam, é contraproducente, pois estão imitando a imitação.

Vance (1984) critica o movimento antipornografia por reproduzir discursos que corroboram para que as mulheres permaneçam em uma posição passiva e sem agência, e já que o movimento anti-porn feminista apenas cria novas formas de constrangê-las sexualmente, não à toa (embora por motivações diferentes) esse movimento atraiu uma parceria polêmica de fundamentalistas religiosos. Entretanto, para a autora, é importante reconhecer que o movimento consegue algo surpreendente com a ruptura a um sistema de dominação e a resistência a partir do controle da expressão pública e dominante da sexualidade masculina tóxica. Assim é desafiado o polo de perigo sexual. Contudo, a crítica persiste à falta de contrapartida do movimento a respeito de defender e promover as possibilidades e experiências sexuais prazerosas para as mulheres, tendo foco apenas em combater as mazelas que atingem as mulheres.

3.3.2 Feministas pró-pornografia: a criticidade em defesa do prazer e da autonomia das mulheres

As feministas consideradas pró-pornografia ou pró-sexo se colocavam no centro das guerras feministas sexuais (como eram chamadas: *sex wars* ou *pornwars*), a partir do ponto de vista do combate aos argumentos essencialistas e defendendo a liberdade de mulheres também extraírem proveito da pornografia. Segundo Pinto, Nogueira e Oliveira (2010), elas criticavam justamente a persistência do modelo dicotômico dos argumentos anti-pornografia que, de acordo com Monique Witting (1980), é demarcada por discursos de um pensamento heterossexual que por si já faz um elemento designador de como se dão as relações humanas, a produção de conhecimento e os processos psicossociais que escapam ao consciente.

Dessa maneira, sendo a pornografia vista como um produto para proveito exclusivamente masculino estaria, então, sujeito apenas às regras e desejos masculinos, que, essencialmente, devido à desigualdade de gênero e a dominação masculina, tendem a objetificar e violentar as mulheres e tudo aquilo que carregue discursos de feminilidade. As feministas pró-pornografia começaram a problematizar essas afirmações.

Pinto, Nogueira e Oliveira (2010) afirmam que para muitas feministas e ativistas sociais, proibir a pornografia seria como retirar o direito das mulheres acessarem uma eventual fonte de prazer, isto é, retirar as suas liberdades, que já são restritas. Consideravam também a luta contra a pornografia como um desvio de atenção e energia para a diversidade

de problemas que movimentam os objetivos das lutas feministas. Mas as debatedoras pró-pornografia também não concordavam com as imagens e narrativas da pornografia tradicional masculina e queriam manter a possibilidade de reinventar uma pornografia que fosse útil às mulheres.

Wendy McElroy é uma das mais conhecidas defensoras da pornografia nos Estados Unidos, com o argumento de que a pornografia beneficia as mulheres pessoal e politicamente ao oferecer informação sexual. McElroy (1995) defende, através de argumentos enumerados, que a pornografia oferece uma visão panorâmica das possibilidades sexuais do mundo, permite às mulheres terem conhecimentos sobre as práticas, experimentarem alternativas sexuais *na segurança* do anonimato e satisfazerem a curiosidade. Ainda diz ser útil por possibilitar às mulheres a sensação de saber previamente como é determinada prática antes de experimentá-la de fato. Neste mesmo sentido, permite que desfrutarem de situações que na vida real seriam descartadas por elas mesmas, como ao mencionar a controversa fantasia que muitas mulheres dizem ter: a do estupro.

Por que uma mulher saudável fantasia ser violentada? Talvez por perder o controle, que também elimina todo o sentido de responsabilidade e culpa por o sexo. Talvez porque seja exatamente o contrário do sexo amável e gentil que tem agora. Talvez porque seja empolgante imaginar um homem em particular que está tão desconsertado por ela que decide tomá-la à força. Talvez porque é curioso. Talvez porque ela tem alguns sentimentos masoquistas que são ventilados pela fantasia. É melhor para as mulheres se reprimirem? (tradução nossa). (MCELROY, 2012. Disponível em: <<https://libertarismoperu.wordpress.com/2012/08/12/una-defensa-feminista-de-la-pornografia-por-wendy-mcelroy/>>. Acesso 17.out.2017)

Esse ponto crucial tocado por McElroy (2012) a respeito da fantasia do estupro é uma área imediatamente rechaçada por feministas, como Wolf (1992), que acreditam que o desejo pelo estupro é uma criação da pornografia infiltrada na cultura midiática e do consumo. As defesas de McElroy (2012), embora devam ser consideradas em alguns aspectos, por oferecerem novas perspectivas para o debate, também contém falhas como o ensino-aprendizagem de práticas que em geral são pensadas para o público masculino. Contudo, Preciado (2007) traz novas reflexões inspiradas por Ellen Willis². Ao assumirem o discurso abolicionista de erradicação da pornografia, as feministas podem estar cometendo o erro de devolverem a um Estado misógino e patriarcal o poder de regular as representações da

²Foi uma jornalista, escritora e ativista feminista dos Estados Unidos. Foi importante na consolidação da ideia do feminismo radical e uma das representantes do feminismo pró-pornografia.

sexualidade. Preciado se refere à Carta Canadense de Direitos e Liberdades (1982), que de acordo com Barroso (2013), fez com que alguns casos fossem interpretados de maneira errônea pela Suprema Corte Canadense no que diz respeito à distribuição de material pornográfico considerado pela Corte como humilhante e degradante para as mulheres. E nesse caso, é essencial recordar que Catharine MacKinnon atuou como consultora do poder judiciário canadense nesses casos.

Preciado (2007) denuncia que os resultados dessas movimentações feministas antipornografia foram *perversos* para outras minorias, pois as primeiras publicações e filmes censurados no Canadá eram procedentes de representações minoritárias da sexualidade, como as lésbicas, devido à presença de dildos nas imagens. As sadomasoquistas lésbicas foram ainda mais afetadas após uma decisão da corte em considerar que os materiais continham situações vexatórias para as mulheres. Entretanto, o autor afirma que as representações estereotipadas das mulheres em vídeos heterossexuais não foram censuradas. Vance (1984) aponta que, além das políticas de controle e combate à violência masculina, da sucitação de debate sobre a sexualidade feminina, e do asseguramento dos direitos sexuais e reprodutivos, os movimentos feministas precisam se movimentar em torno de outros objetivos que não simplesmente o de reduzir as mazelas pelas quais passam as mulheres. O feminismo deve ser também fonte produtora e defensora de felicidade e prazer para as mulheres, agindo estrategicamente em dois movimentos distintos e complementares.

O pós-pornô, na explicação de Bourcier (2014), valoriza a força, com a tarefa de utilizar o sexo e o corpo como forças políticas para além da ressignificação dos espaços relegados ou proibidos às multidões queers na arena social.

No entanto, pós-pornô não pode ser confundido com as pornografias feministas e queers. Embora estas proponham novas estéticas sobre a pornografia e considerem os outros públicos tradicionalmente excluídos da pornografia tradicional, são produções que atendem a uma lógica de mercado, que privilegia nichos de demandas reprimidas e insatisfeitas, não que isso as torne ilegítima, mas a forma de distribuição é diferente. São conteúdos fechados e pagos. Já o pós-pornô, que antes privilegiava as intervenções públicas e presenciais, agora entra também em consonância com as movimentações tecnológicas, sobretudo a internet. Os filmes, as gravações das performances ao vivo, as oficinas de drags, como exemplos do catálogo pós-pornô atual, são viralizados de forma contrária ao que concebe o capitalismo, atuando através de outro tipo de “contágio” em plataformas como Youtube, Vimeo e, atualmente, em outras redes que ainda não monetizam os seus acessos.

Preciado (2007, p. 383) deixa claro que se distancia do feminismo marxista, assim como as teóricas pós-coloniais, porque considera inadequada a insistência teórica e política da utilização da noção de diferença sexual ou até mesmo a noção de gênero como pilar único de uma estrutura de dominação transcultural e trans-histórica. Para o filósofo, a crítica pós-colonial e *queer* ao feminismo marxista é que este impõe uma impossibilidade do sujeito subalterno de articular seus posicionamentos dentro da história do marxismo clássico. Nesse sentido, a partir do marxismo clássico, a história da subalternidade considera rigidamente a classe, trabalho e divisão sexual do trabalho quando há outras transversalidades a serem consideradas no contexto das desigualdades, como a raça, o corpo, a sexualidade, assim como a língua, nacionalidade, o estilo pessoal e a imagem. Um novo feminismo pós-punk, punk e transcultural ensinam que as proibições e abolições não são as melhores maneiras de proteger as mulheres e as minorias da violência. Não é com a proibição da prostituição ou da pornografia que se podem alcançar esses objetivos, mas com o acesso de mulheres e de outras minorias ao poder político e econômico. Da mesma forma, a solução para a pornografia tradicional é a produção e veiculação de representações alternativas da sexualidade feitas sem a égide das normatividades e com o desmantelamento dos dispositivos políticos que produzem e mantêm as desigualdades.

3.4.Feminismo de quarta onda: feministas do milênio e suas relações com a internet e a pornografia.

Sem dúvidas, a terceira onda foi marcada pelo seu caráter extremamente prolífico e amadurecido em termos de teoria feminista e de gênero, além das tentativas mais fortes de consolidação de movimentos e grupos que buscavam por direitos, inserção política da mulher e lutavam contra a violência de gênero enquanto tentavam institucionalizar suas organizações. “O boom teórico da terceira onda feminista foi, sem dúvida, um momento de fortes emoções epistemológicas. [...] só hoje entra com mais conforto no espaço público do ativismo feminista e na experiência social de feministas lgbtqis.” (BUARQUE DE HOLLANDA, 2018, p.19)

O momento de florescimento da terceira onda foi também importante para descentralização das sujeitas do feminismo, início de uma conscientização interseccional e divisão feminista em novas correntes, escopos e nichos. Essas fragmentações podem ser consideradas oriundas dos questionamentos e das novas necessidades sociais visualizadas pelos feminismos em seu anseio em se associar e colaborar com outras lutas sociais, mas

também parte das reflexões e lutas internas, assim como surge de críticas e resistências no interior do próprio movimento. (COELHO, 2016)

Buarque de Hollanda (2018) trabalha com a ideia de quarta onda feminista, marcada por uma explosão. Diferente da terceira onda, a quarta onda feminista é marcada por discursos mais pulverizados sobre o feminismo, tornando o movimento mais palatável para diversos segmentos da sociedade. Mas, sobretudo, o que interessa a este trabalho é que o movimento é agora, também, marcado pela autoestima, pelas formas individuais de empoderamento e autocuidado, apreço pela saúde mental e física, relacionamentos interpessoais e a ética. Essa nova geração se associa com a ideia de amor pelo próprio corpo e, por isso, desafiam as políticas das redes sociais que monitoram os conteúdos e se aventuram na autopromoção do poder sexual e estético, publicando fotos com os corpos nus e em situações íntimas. É também um espaço de comunicação abrangente e efetivo, onde as mulheres experimentam, conhecem umas as outras, se apóiam, se incentivam e permitem o intercâmbio de informações.

Há, porém, uma nova consideração a ser feita a respeito dessa geração feminista, que também traz contraditoriedades. Ao passo em que o feminismo se torna popular, como instrumento de projeção das mulheres no âmbito pessoal e da luta por direitos, Carole Vance (1984) alertou que o feminismo não pode ser apenas um movimento de denúncia e protesto, mas também um movimento comprometido com o bem estar e com formas de proporcionar ou incentivar o prazer das mulheres. De certa maneira, os movimentos dessa geração demonstram ser mais sensíveis a esta crítica colocada por Vance e tentam cuidar das causas com mais leveza e humor. Nota-se a preocupação com a reedição dos discursos sobre os corpos, em troca de um discurso de libertarismo de mulheres ao discutirem abertamente sobre suas vaginas, criticarem as práticas e comportamentos machistas e sexuais dos homens, utilizando o humor.

Contudo, nada me parece mais efetivo e transformador para o feminismo deste tempo quanto a popularização da internet e o surgimento das redes sociais, que abrigaram e ampliaram novos discursos e estratégias de lutas feministas.

De acordo com Ferreira (2015), foi a partir dos anos 90 que começou a surgir uma ideia de ciberfeminismo, como estratégias conjuntas direcionadas ao espaço eletrônico e digital. “Sob esse guarda-chuva se aglutinaram diversos grupos e denominações: ciberfeminismo, tecnofeminismo, posfeminismo, transfeminismo, ciberpunk, pospornografia e ativismo riot grrrl.” (FERREIRA, 2015, p. 201)

É preciso levar em consideração, também, esse novo feminismo e seus atravessamentos a partir da sexualidade. Não se pode falar de uma quarta onda feminista sem discutir a sua íntima e dependente relação com as redes sociais. Assim também como é difícil negar que o discurso de uma visão libertária e empoderadora da sexualidade faça parte das principais narrativas dessa onda. São muitas as páginas no Instagram e Facebook, como a Empodere Duas Mulheres, que dão conta, a partir de postagens coloridas, assertivas e carregadas de humor, dos diversos temas que envolvem a existência de mulheres. A partir dos corpos e da sexualidade, as palavras antes ocultadas ou consideradas embaraçosas, como *buceta*, se transformam em instrumento de insurgência e aceitação da sexualidade de uma cismulher, como algo que cabe à sociedade apenas se familiarizar e se ajustar, pois não há quaisquer intenções de recuos.

Nunca se falou tanto em clitóris como agora. Ao fazer uma simples busca no Google, 2,7 milhões de resultados podem ser encontrados para a palavra *clitóris*. Isso não significa que esse assunto específico é prioritário, mas sim que *todos são prioritários* dentro das novas configurações feministas e expansão tecnológica que transporta os discursos para além da arena dos coletivos feministas e da academia.

A respeito do uso da nudez nas redes sociais, ela opera, de acordo com Sibilia (2015), como uma forma de politização do corpo e seu uso como instrumento para atrair a atenção para as causas encampadas, incluindo as causas relacionadas à estética corporal. Ao sair do espaço privado, designado pelo processo civilizatório, a nudez, principalmente a feminina, ainda tem o poder de causar reações comovidas e por isso consegue a visibilidade esperada, não obstante, essa nudez se encontra em uma encruzilhada própria das atualizações sociais: a questão se situa entre o afrouxamento da moral que possibilita a auto-exposição da nudez, sem incorrer em pesadas sanções sociais e a comoção que os corpos femininos nus ainda são capazes de causar. Além disso, os olhares sociais que ainda permanecem carregados de sentidos pornificadores direcionados aos nossos corpos, por vezes, conseguem ofuscar ou deslegitimar as causas. São mudanças e permanências sobre as quais precisamos discutir exaustivamente.

De acordo com Ferreira (2015), a relação dos feminismos com a internet incorpora discursos estéticos e políticos que ressignificam criticamente os códigos normativos associados à feminilidade. Ao considerar os discursos e signos mais predominantes que circulam sobre sexualidade, a autora faz uma comparação com as narrativas das *guerras sexuais feministas* da década de 80, principalmente com a corrente pró-sexo. Entretanto,

observo que apesar de serem mais favoráveis ao sexo, nota-se uma resistência à pornografia. Algumas páginas como Empodere Duas Mulheres, Filhas de Fridas, Não me Kahlo e até uma página direcionada para a crítica das masculinidades hegemônicas, como Galãs Feios, reúnem uma grande quantidade de seguidores(as) no Brasil, e são marcadas por usarem muitas vezes o tom cômico sobre os diversos temas que envolvem as relações de gênero.

Alguns grupos podem até acusar esse ciberfeminismo de uma atividade inócua à estrutura machista – patriarcal, e de militância virtual preguiçosa. “Porém, utilizar a plataforma digital é romper com esse ciclo de violência e as tentativas de silenciamento. É transcender o próprio espaço e formar conexões infinitas.” (COELHO, 2016, p. 223)

É preciso fazer uma crítica às ideias a respeito da nova forma de ser feminista. A ampliação das vozes através das redes sociais conseguiu efeitos surpreendentes. Um dos casos que merecem menção foi o da campanha no Twitter #Metoo (Eu também), encorajada por celebridades do cinema de Hollywood, e fizeram com que mais de 500 mil mulheres pelo mundo expusessem os assédios e abusos cometidos por homens. A mesma campanha denunciou e conseguiu a punição do produtor americano de Hollywood, Harvey Weinstein, que foi acusado de ter assediado e abusado sexualmente de pelo menos 15 atrizes famosas. No Brasil, a hashtag #elenão e o grupo no Facebook *Mulheres unidas contra Bolsonaro* – que conseguiu juntar mais de 4 milhões de seguidoras em aproximadamente um mês – foram um dos principais pilares de resistência contra a eleição do atual presidente da república, Jair Bolsonaro. Ainda que a história do feminismo no Brasil não tenha uma trajetória linear e progressiva, essa nova onda vem para garantir que as conquistas passadas continuem estabelecidas e cada vez mais proeminentes.

A partir da ideia de que nossas vidas atuais praticamente não existem fora do ambiente digital, o crescimento do espaço da internet com todas as suas potencialidades comunicacionais e econômicas impactam diretamente no cotidiano até de quem não utiliza internet. Por isso, é importante considerar que essa influência também se transmite em relação ao gênero e à sexualidade, como já foi discutido anteriormente.

Nessa perspectiva, um computador e um smartphone com internet também se constituem como instrumentos de realização sexual e amorosa, dada a liberdade de ver e buscar com facilidade. Não à toa os aplicativos de paquera, como o Tinder, reúnem milhares de usuários, e as redes sociais já se tornaram muito mais populares e interessantes para os (as) internautas dos que os sites de pornografia, entretanto, o que importa não é o desinteresse pela pornografia, mas que suas formas de consumo também se adaptam para se entrelaçarem com

as redes sociais. Com esse advento, novas expressões pornográficas ganham espaço e voz. Assim, as redes sociais têm um papel fundamental na reconfiguração da sexualidade, na divulgação das novas práticas, sobretudo associadas ao feminismo e à contracultura. (BOURCIER, 2014)

A respeito da contracultura, o pós-pornô encontra terreno fértil para a sua propagação. Segundo Marie Hélène Bourcier (2014, p. 36), o “pós-pornô 2.0 participa de uma replicação performática do feminismo, de uma repetição/transformação voluntária, e não simplesmente de uma reprodução/repetição/deslocada dos códigos pornô.” As ações pós-pornográficas, conhecidas por serem ações corporais, sexuais, públicas, chocantes e políticas, de acordo com Bourcier, tiram o sexo do seu lugar tradicional privado (que não deixa de ser político) e o desloca para o espaço público. Os lugares tradicionalmente reservados aos homens e aos heterossexuais são os favoritos para a ocupação pelo pós-pornô, como parte da sua estratégia política de subversão e escandalização.

Em oposição à indústria pornográfica tradicional, o pós-pornô considera a lógica contrária à do capital, buscando a contra hegemonia e a desconstrução dos estereótipos e da privatização sexual. Se antes da internet popularizada a estratégia era a exibição pública e aberta, com as redes sociais gratuitas, ele se propaga de maneira viral. No entanto, o pós-pornô não pode ser confundido com as pornografias feministas e queer. Embora essas proponham novas estéticas sobre a pornografia e dedique atenção aos outros públicos tradicionalmente excluídos da pornografia tradicional, são produções que atendem a uma lógica de mercado, que privilegiam nichos e demandas reprimidas, ou seja, se comunicam mais com o mercado. São conteúdos presentes em ambientes fechados e pagos. No pós-pornô, os filmes, as gravações das performances ao vivo e as oficinas de drags são viralizados de forma contrária ao que concebe o capitalismo em plataformas como Youtube e Vimeo e em outras redes que ainda não monetizam os seus acessos. (BOURCIER, 2014).

O pós-pornô é um movimento que, além de questionar a lógica de mercado da indústria pornô, coloca na esteira principalmente os questionamentos sobre o gênero e a sexualidade, já que é um movimento que aparece no guarda-chuva da teoria queer, em vez de fixar-se no feminismo universalista e essencialista. Bourcier (2014) entende que há muita coerência na crítica queer e no pós-pornô ao feminismo universalista. O fato é que se o gênero significa a mulher biológica no feminismo essencialista, então a existência da categoria gênero seria completamente desnecessária nesse caso. O pós-pornô valoriza a força, com a

tarefa de utilizar o sexo e o corpo como forças políticas, para além da resignificação dos espaços relegados ou proibidos às multidões queer na arena social.

4. O QUE DIZEM AS MULHERES SOBRE A SEXUALIDADE

As discussões sobre sexualidade e pornografia entre as porta-vozes feministas sempre estiveram polarizadas entre argumentos condenatórios ou favoráveis à pornografia, ou argumentos liberais não feministas e do âmbito da filosofia do direito. Virginie Despentes (2016) afirma que sobre a pornografia apenas há acusações e suposições e raramente se pergunta o que as pessoas realmente pensam sobre a pornografia.

A análise foi dividida em categorias para facilitar a compreensão e a primeira categoria perpassa a sexualidade como tabu, relacionada a um moralismo e aos discursos religiosos. As entrevistadas abordaram temas como o silêncio moral acerca da sexualidade, o constrangimento que recobre o tema, principalmente quando relacionado à religiosidade.

Ah...eu sou bem crítica com relação a isso, eu acho que as pessoas vivem como Reich dizia, né? É...foi, foi um grande autor da psicologia, que a gente vive uma miséria sexual terrível, né, a gente transa mal, a gente exerce de forma muito mal a nossa sexualidade, né? E não tou dizendo que é apenas isso é apenas um dos grandes problemas que o mundo tem, né? Porque a gente né...é engraçado que a gente tem uma tendência muito grande, principalmente os homens, de falar certas coisas da sexualidade, que transa muito, que transa bem e tal, mas que a realidade ela vem mostrando que não é bem assim que funciona, né, que fica muito a nível do discurso. (...) E o Freud já falava muito nisso né? Que a gente tem essa necessidade, a gente se realiza muito na fala, né? (JUDITH)

Sobre a realização pela fala, é importante destacar que a fala é para a Psicanálise freudiana o principal instrumento de acesso ao inconsciente. Assim, é na própria fala e na transformação da relação consigo mesmo que o paciente da psicanálise pode encontrar a sua cura. Quando se fala em realização pela fala, não é exatamente o que é expresso, falado de bom grado e maneira refletida que interessa, mas as camadas que se referem ao que reside inconscientemente (FOCHESATTO, 2011). E quando se refere a Reich utilizando o termo “miséria sexual”, Judith, 34 anos se alinha com um conceito trazido por Reich (1966) de que a sexualidade é considerada *natural* e um processo vital para a harmonia do ser integrado em sociedade. Para o autor, o problema do exercício da sexualidade não está descolado do contexto político em que as pessoas estão inseridas. Para o autor não é possível os indivíduos de uma sociedade atuarem de forma a transformar seu próprio destino pessoal e político sem compreenderem e satisfazerem sua própria vida íntima e sexual. Já Foucault (2014) buscou refutar essa hipótese de repressão pura e simples da sexualidade. Se a repressão foi desde muito tempo um modo crucial de ligação entre o poder, o saber e a sexualidade e para isso

não bastaria uma simples teorização científica, ou práticas médicas isoladas, mas um conjunto de atitudes que fossem capazes de promover alterações políticas importantes.

Embora o momento histórico atual seja muito distinto daqueles em que Foucault, Reich e Freud se debruçaram em suas análises, por que ainda não se fala satisfatoriamente sobre sexo e sexualidade como denuncia Judith? Para Foucault (2014 p.11) o próprio fato de se denunciar a susposta proibição e silêncio sobre ele é considerada uma forma de transgressão e quem se compromete com isso está de alguma maneira também se posicionando de forma exterior ao alcance do poder. O tratamento cerimonioso ou jocoso dado aos temas que envolvem sexo não se deve exatamente pela natureza do sexo em si, mas sim à solenidade e o pudor em interferir na ordem social e o temor sobre as implicações desta interferência.

Também na fala de Judith há um ponto que deve ser considerado, o de quem nem tudo que as pessoas falam sobre sua sexualidade é verdadeiro e que em geral os homens mentem mais sobre o tema. Isso se deve ao fato de que há uma necessidade de cumprir expectativas sociais das masculinidades hegemônicas, como a virilidade. Embora deva se considerar a partir de Connel (1995) é preciso pensar as masculinidades de forma complexa, mas utilizando pelo menos dois aspectos cruciais. Um é de que as masculinidades são produzidas a partir do mesmo contexto, pois uma única forma hegemônica de masculinidade reúne outras masculinidades em seu entorno. A outra questão é que o gênero não é um molde rígido e arbitrariamente impresso sobre crianças, mas envolve um complexo projeto, que envolve diversas forças e instituições, reviravoltas, mas também envolve ganhos e prazer em torno desta construção, que não segue necessariamente em linha reta.

De acordo com L. Ramirez (1995) a sexualidade é um dos elementos mais importantes na constituição das ideologias masculinas, já que se articula entre o poder e prazer, entretanto devido à variedade de experiências, culturas e de masculinidades agrupadas, não se pode constatar que a sexualidade seja um elemento com o mesmo peso a todos os homens. Entretanto também não se pode pensar nas narrativas de sexualidade criadas por ele como meros instrumentos para atender pressões sociais, mas como instrumentos de realização pessoal e articulação com o poder, que lhe traz ganhos.

Contudo, em relação às mulheres, falar sobre sexo e sexualidade se encontram simbolicamente e concretamente interdito, assim como aponta Bell, de 37 anos e Angela, 36.

O sexo pra mim nunca foi tabu. Nunca e eu acredito que a gente precisa ter liberdade pra falar sobre esse assunto, embora, muitas vezes, nós mulheres sentimos aquela pressão de, tipo, o sexo não é assunto de mulher. (BELL)
Assim, eu tenho algumas amigas que elas não querem falar de sexo, por exemplo. Outras não. Assim, mas eu tenho um grupo de amigas assim que realmente quando a gente sai, uma das coisas que não se fala é de sexo. [...] Já outras amigas que a gente só fala é só, como dizem os meninos, só putaria. Eita, que eu tenho um amigo que uma vez chegou perto da mesa da gente, ele é gay, ele disse “minha gente, mas vocês são muito salientes” (risos) assim, “principalmente essa daqui” – comigo - “rapaz, quem vê assim nem pensa”. Aí eu disse assim, “mas rapaz, a gente tá (sic) falando de uma realidade da vida, da vida normal, somos mulheres adultas aqui. (ANGELA)

. Todas se assumem enquanto mulheres feministas, embora em alguns momentos compreendam os feminismos de forma diferente e complementar. Todas estiveram dispostas a compartilhar uma parte do que vivem e o que pensam sobre sexualidade. A maioria, como Judith e Bell escolheram lugares públicos e movimentados para conceder esta entrevista. Judith sentada em um movimentado café da cidade, escolheu sua, falava alto e com fluidez sobre os temas solicitados, inclusive da sua vida pessoal e não se poupava em denunciar o que não concordava, inclusive, na prática, esta foi uma forma encontrada para se insurgirem contra o discurso que elas mesmas trouxeram, a da interdição.

Embora Reich (1966) admita que em sua época havia poucas explicações para as restrições sobre a fala do sexo em relação às mulheres, ele concorda com uma parte da teoria de sublimação de Freud no que diz respeito à constituição da psicologia das massas, na qual tem destaque a repressão sexual em algumas culturas, sobretudo na cultura patriarcal que se sustentava pelo direito civil e sexual dos homens sobre as mulheres. Muriel Dimen (2004, p. 46) reforça que é importante inserir o patriarcado na discussão da sexualidade das mulheres partindo da compreensão deste como um sistema de dominação que possui elementos especiais e contundentes para o ponto vital das relações sociais e se incutir diretamente na integração psicológica tendo como alvo mais importante o desejo. Para a autora, todas as manifestações do desejo são influenciadas pelo gênero e é assim a forma como as mulheres tomam consciência de si mesmas, com uma visão particular de suas sexualidades. Isso não ocorre com os homens, porque a experiência humana é construída a partir da visão masculina, sendo esta considerada o padrão.

De acordo com Corrêa (1996) o ponto de partida dos debates feministas sobre gênero e sexualidade foi o uso do conceito de patriarcado como categoria explicativa do sistema de subordinação das mulheres em relação aos homens. Embora em sua análise reconheça a importância dos conceitos de patriarcado, a sua consistência e utilidade em determinado

momento, mas influenciada por alguns/mas autores/asvê o patriarcado enquanto categoria fixa que não consegue dar conta dos debates atuais, já que é preciso considerar diversas diferenças nos mecanismos de “subordinação das mulheres e nas construções de representações e práticas sexuais.”(CORRÊA, 1996, p.151) A categoria patriarcado fazia total sentido enquanto as mulheres eram tidas como meros objetos passivos e sem poder de agência, mas com o avanço dos debates de gênero, não há porque simplesmente considerar esta categoria isoladamente, é o que mostram as participantes desta pesquisa: mulheres que não desejam mais esconder seus desejos e suas visões da sua sexualidade enquanto mulheres.

O sexo e a religião

Sexo não é coisa de puta que tá num prostíbulo, não! Sexo é feito por crente, por católico, por budista, por macumbeiro, por enfim, por ateu, por agnóstico, por todo mundo, né? Sexo é coisa de gente que tem libido.(JUDITH).

Judith faz uma associação para reforçar o argumento de que ao contrário de um discurso religioso hegemônico e secular de que a prática sexual deve ser moderada e restrita ao casamento, o sexo é um prazer que é direito de todas as pessoas, e que pode ser praticado sem culpa, inclusive por quem professa qualquer tipo de religião. O discurso também procura validar e tornar o exercício da sexualidade como algo universal e *natural*, e assim suspender a ideia de que sexo é algo sujo, motivo de vergonha ou praticado apenas por alguns grupos de pessoas que não se importam com a moral ou não possuem fé religiosa.

Religião e gênero mulheres

Então assim, não tenho porque demonizar sexo porque – eu que acredito né – não é uma coisa do diabo. É uma coisa de Deus, então isso. (BELL.)
[...] pelo fato de eu ser protestante, essa questão de sexo é...sempre foi um tabu dentro da religião, embora a religião fale muito de sexo. A Bíblia fala de sexo e relata relações sexuais ali. A gente vê muito. Mas, é...o a pessoa cristã, evangélica, assim, ela aprendeu que sexo é para o casamento e o casamento é para o sexo. (BELL.)

Segundo Fonseca (2011, p. 216) as sociedades estiveram durante séculos sob a égide das determinações religiosas cristãs, sendo que uma delas era a educação doméstica voltada para mulheres. A Igreja Católica em especial tinha a Família e a Medicina como importantes aliadas e por isso detinha controle sobre os papéis sociais da mulher e reverbera até agora.

Então assim, o casamento e a sexualidade foram a maneira histórica pela qual se legitimava e permitia a sexualidade da mulher, não livremente em termos de desejos e

práticas, mas onde era possível ter esta experiência, ainda que quase sempre de forma obrigatória, como forma de servir ao marido. Pateman (1993) faz uma análise do que Thompson afirmou sobre a falsidade do contrato de casamento. A ideia de vivenciar uma vida sexual igualitária para os dois é falsa, pois o homem tem a liberdade civil, a força física, a aprovação da opinião pública e da legislação para submeter a esposa aos seus desejos. Já a esposa só pode exprimir algum desejo se assim o marido permitir que ela o faça. Embora esta análise leve em consideração o contexto do século XIX, é fato que falar em transformações deve ser feito com cautela, mas sim em atualizações e reconfigurações para atender as lógicas do século atual. Percebemos isto quando nos voltamos para os discursos no interior de certas religiões, principalmente as protestantes. E ainda assim, na história do contrato sexual, segundo Pateman (1993) é explicado que para validar e consumir um contrato de casamento era necessário mais que uma verbalização ou documentação, mas sim o ato sexual, em um pleno exercício de um direito do marido.

Entretanto, o discurso de Bell também mostra que mesmo evangélica e sendo solteira, suas análises mostram que ela não admite que o casamento seja a única via válida para que as mulheres tenham uma vida sexual, tampouco concorda com qualquer estado em que os homens dominem o ato sexual e limitem as mulheres em suas expressões sobre a sexualidade. Em parte isso se deve muito aos investimentos do movimento feminista ao longo das décadas, que exerceu forte influência sobre as análises e vivências da sexualidade. Entretanto para Corrêa (1996, p.154) um discurso renovado e intenso sobre a sexualidade e liberação sexual a partir da década de 60, do qual o movimento feminista desempenhou um papel fundamental, contribuiu muito para as mudanças das quais usufruímos, entretanto, este processo, nesta intensidade, sugere que em realidade essas transformações se tratam de atualizações, aceitações e legitimações de práticas que já existiam na cultura brasileira há muito tempo, mas que alcançaram de certa forma, a superfície cultural. É preciso ver, neste sentido, a sexualidade como construção histórica e social, cujos processos não podem ser avaliados através de mensuração. Para Giddens (1994) estes processos tornaram a vida pessoal algo fundamentalmente importante ao ponto de adquirir novas demandas e necessidades, principalmente relacionadas ao casamento, relacionamentos, família, afetos e sexualidade.

Crenças sobre sexualidade feminina

Ela tá sozinha, geralmente ela tende a ser mais livre, tende a querer extravasar mais. Ela tende a querer curtir mais, mas se ela está

comprometida, aí ela já volta meio que pra aquele, aquela coisa mais primitiva, mais submissiva, né, vai depender muito...do caráter, porque aí já não é uma coisa que é só externa, já é muito de como ela se vê dentro dela, porque tem mulheres que estão dentro de um relacionamento, mas acham que o feminismo diz assim: “pode pular a cerca, se quiser, pode dar uma chifrada”, aí eu... (BELL)

Mesmo tendo uma clareza sobre o direito de exercer sua sexualidade, Bell ainda estabelece limitações, como por exemplo, o sexo fora da relação fixa ou casamento. Mas um aspecto que merece atenção é a relação entre a escolha de trair ou não como questão de caráter. O problema da traição explicitado por Bell vai além da discussão sobre caráter, mas perpassa questões que dizem respeito aos modelos de sexualidade e relações amorosas existentes e a reedição de princípios patriarcais e morais.

Para Mirian Goldenberg (2013) quando se fala em traição nos discursos de mulheres e homens brasileiros há uma diferença. Enquanto as mulheres heterossexuais apontam inúmeros motivos para a traição, todos eles culpabilizando o homem através da falta, que pode ser de carinho, sexo, intimidade entre outros, os homens também culpabilizam a própria natureza masculina, que é propensa à infidelidade, segundo os próprios homens. Entretanto o que Mirian (2013) observa é a fidelidade enquanto valor, e para isto basta a ilusão da fidelidade. Não é necessária comprovação. Contudo, em outro momento, Golderberg também aponta que embora possuam discursos de vitimização e de culpabilização do homem por suas traições, a razão mais importante para a traição feminina é o desejo, algo que elas ainda têm dificuldades para admitir.

[...]nossa, eu já me relacionei muito e eu sei o quanto é , quanto te passa insegurança e acho que mulher gosta de segurança emocional. A mulher é muito mais emocional que o homem. O homem é mais racional. Mulher ela é mais emotiva, é mais emocional, ela é mais sensível, né? Embora, é...porque são características da feminilidade mesmo[...] (BELL.)

Contudo, já é tradicional a confirmação de que as mulheres possuem a mesma intensidade de desejo sexual que os homens. Entretanto persiste a crença de que os homens não possuem a capacidade de serem mais emocionais, reflexivos e subjetivos como são as mulheres, de acordo com Goldenberg (2011), entretanto embora a suposta objetividade e praticidades masculinas sejam bastante valorizadas em diversos campos, no estudo de Goldenberg (2013)sobre relacionamentos, esta emotividade e subjetividades femininas são vistas pelas mulheres como pertencentes à uma natureza superior à do homem, um privilégio poderoso, e se sentem prejudicadas quando não recebem o mesmo tipo de investimento emocional da parte dos homens na busca de intimidade.

Relacionamentos e afetos

[...] assim, se eu quiser um relacionamento confortável, se eu quiser ser fiel àquele homem, ser só dele, é uma coisa...é uma escolha da mulher. Se ela quiser, se ela aceitar esse relacionamento monogâmico, ela permanece nesse relacionamento monogâmico, ela colabora, ela contribui pra que esse relacionamento continue assim. Agora é claro, ela vai impor. “Tá, você quer que eu seja só sua, então seja só meu, por favor, vamos entrar num acordo e se respeitar, uma coisa mútua aqui.” (BELL.)

Na fala de Bell, o relacionamento é colocado como um acordo de propriedade mútua, onde amar e ser fiel também significa pertencer ao outro, entregar sua sexualidade para ser vividasamente com este outro, de forma exclusiva. Entende-se também que é preciso que haja além de um acordo, uma condição inalienável para que a relação resulte. Giddens (1994) pontua que, assim como o próprio casamento, a monogamia e a exclusividade sexual sempre esteve relacionada ao padrão duplo da sexualidade, tendo os homens como beneficiários. A monogamia e a exclusividade sexual para as mulheres também eram parte dos valores do patriarcalismo. Era uma exigência primordial dos homens e um direito adquirido o de ter uma esposa comprometida com a fidelidade e exclusividade, mesmo que para eles esta regra fosse totalmente relaxada. Muito embora com as constantes reelaborações dos acordos da intimidade, a monogamia não foi destituída de sua importância, mas reelaborada, inclusive tornando o próprio conceito mais restrito ao âmbito jurídico. Giddens (1994) ressalta que aquilo sobre o qual devemos discutir, de fato, são os relacionamentos diádicos ou binários. Mas a respeito da exclusividade sexual e sentimental nas parcerias amorosas, Giddens (1994) entende que essas reelaborações são uma necessidade de se adequar às novas intenções das relações.

[...]tá, eu sou casada e isso quer dizer que obrigatoriamente eu não vou...acaba entrando em outra esfera. Eu sou casada com um cara e isso quer dizer obrigatoriamente eu nunca mais vou ter desejo por outra pessoa? E se eu tiver desejo por outra pessoa? Como é? O que é que eu vou fazer com esse desejo? Vou apagá-lo dentro de mim? “Ah não, pois se tu tem desejo por outra pessoa, então tá na hora de separar”. “Não, mas a gente tem um monte de coisas legais, a gente se dá bem, tem os filhos, tem a nossa casa. A gente tem um monte de coisa bacana. Só que a gente não pode viver outras relações fora e continuar junto? Né? (JUDITH)

Aqui aparece o desejo de viver outras experiências fora da relação diádica mesmo quando está satisfatória para o casal. Goldenberg (2013) afirma que abordar a idealização da

fidelidade é instigante em um contexto onde as pessoas já não acreditam em amor eterno. Para Giddens (1994), nesses tempos as pessoas vivem em relacionamentos puros, pautados no compromisso emocional, no desejo mútuo de estarem juntos e felizes enquanto for possível. Embora Giddens (1994) não se debruce em traição ou no termo monogamia, mas se refere especificamente a relações diádicas, a fidelidade é uma reedição de uma necessidade primária de sermos únicos/as e especiais. Goldenberg (2013) entende também a fidelidade como um mito ou ideal que não atravessa apenas as relações conjugais oficiais, mas também as extraconjugais, onde permanece a ideia de que os amantes não possuem outros amantes e também não se relacionam mais sexualmente com seus cônjuges. Este é um fator que confirma uma das razões para ser rara a existência de casais com relações verdadeiramente abertas, onde ambos possuem liberdade para estarem com outras pessoas sem esconder de seus/suas companheiros/as.

Entretanto há um problema mais profundo sobre os discursos a respeito da exclusividade sexual. Há mais fatos que contribuem pra que a estrutura do discurso sobre fidelidade seja diferente da estrutura do discurso masculino, embora haja razões múltiplas e variáveis que se distanciem dos discursos expressos. Embora Bell defenda a fidelidade como uma exigência que ambos devem cumprir na parceria amorosa, ela demonstra através de toda a sua entrevista que entende que há uma diferença e desigualdade de gênero, onde a mulher se encontra mais prejudicada em alguns aspectos, entre esses aspectos está a vulnerabilidade à violência. O Brasil é um país com altos números de violência doméstica e o *Mapa da Violência 2012: Homicídios de Mulheres no Brasil* afirma que duas em cada três pessoas atendidas pelo Sistema Único de Saúde (SUS) em decorrência de violência doméstica ou sexual são mulheres sendo uma taxa de 4,8 homicídios de mulheres por 100 mil habitantes (BRASIL, 2015). Estes fatos apontam que, embora isso não seja considerado a priori na argumentação contra a infidelidade das mulheres, elas não se sintam com privilégios suficientes para fazerem o que desejam sem sofrer consequências graves por isso, entre eles uma potencial reação agressiva do parceiro principal, além do medo de perder territórios seguros que as relações podem proporcionar.

“[...] eu acho, eu acho que a sexualidade ela termina tendo uma relação muito direta à afetividade. Se você tem afeto por uma pessoa, você se torna, você se sente atraído por essa pessoa, sexualmente é uma consequência. [...] é como eu falei, realmente eu acho que a sexualidade ela tá relacionada ao afeto. Não vejo outro caminho pra eu seguir não.” (BETTY.)

A fala de Betty, 36 anos, é representativa sobre o que significa ter uma vivência sexual envolvida em afetos, principalmente o amor. Para as mulheres, historicamente, o fazer sexo e agradar ao parceiro são provas de amor e respeito. Inclusive, o afeto, o amor, as emoções são consideradas características típicas da feminilidade e utilizadas frequentemente como uma forma de dissuadir as mulheres da prática sexual, já que esta deve ser guardada para um momento em que haja amor mútuo e compromisso.

Os sentimentos, mesmo reeditados aos parâmetros das relações confluentes, possuem uma história que diz respeito ao amor romântico, que era essencialmente um amor feminino, de acordo com Giddens (1993) que estavam diretamente relacionadas com a situação de subordinação das mulheres aos seus companheiros e às obrigações do lar. “Mas o desenvolvimento de tais ideias foi também uma expressão do poder das mulheres, uma asserção contraditória da autonomia diante da privação.” (GIDDENS, 1993, p.54)

Além da perspectiva histórica do amor como uma obrigação diante dos compromissos do casamento, não estamos falando necessariamente de relações físicas, mas de conexões emocionais que os parceiros estabelecem.

Segundo Muchemblend (2007), o mundo ocidental encarou uma mudança na forma de negociar os pactos sexuais acompanhando a transição do milênio. Através da atualização de um elemento muito importante e oculto do contrato social, percebe-se que essas mudanças se menos provenientes de escolhas individuais do que provenientes de grandes orientações indicadas pela sociedade contextual às dinâmicas nas quais se movem os atores sociais. O que implica dizer que o amor que vivenciamos e que buscamos não se trata precisamente de um sentimento íntimo e particular, pois, “amamos e sofremos em função de imperativos culturais”. (MUCHEMBLEND, 2007, p.312).

De acordo com Biroli (2018) esta discussão é mais ampla no âmbito dos controles e que também se conecta com família. Gênero e sexualidade são duas categorias muito importantes neste debate, já que as feminilidades normalizadoras incidem sobre controle dos corpos e dos afetos. Há alguns modelos bem sucedidos dentro dessas regulações das relações de gênero e família, por exemplo, podem ser mencionados “[...] como o da domesticidade feminina, da maternidade e do amor romântico, estabelecem, em conjunto com a heteronormatividade, perspectivas para julgar vidas concretas que não correspondam a eles [...]”. (BIROLI, 2018, p.92)

Das mulheres espera-se que as feminilidades repousem sobre a delicadeza e os bons afetos, que a sua sexualidade seja legitimada somente quando for envolvida em afeto pelo parceiro. O contrário não é esperado dos homens.

Sexualidade na vida de homens e mulheres

Com efeito, as entrevistadas apontam que há regras para como as mulheres devem se comportar sexualmente e de como devem pensar e tratar da vida sexual em comparação com forma que é construída e levada a sexualidade dos homens. Enquanto Judith destaca que aos homens é permitida certa compulsividade sexual, às mulheres é reservado o oposto, mesmo dentro de uma relação estável como o casamento, embora a falta de disponibilidade e habilidade sexual da mulher possa ser criticada pelos companheiros.

“Homens podem transar e comer todo mundo o tempo todo, podem ter uma vida sexual de boas.” (JUDITH.)

“Se a mulher demonstrar interesse sexual, inclusive pelo marido, o marido vai dizer o que, que ela é tarada, que ela é ninfomaníaca, que o que é que ela tá vendo que ela quer transar o tempo todo?” (JUDITH.).

Existe a certeza para esta entrevistada de que falta liberdade sexual para as mulheres enquanto sobra aos homens. Em uma pesquisa realizada por Barbosa e Villela (1996) foi constatado que homens e algumas mulheres concordavam que assim como os homens, as mulheres também possuem necessidades sexuais, entretanto esta necessidade foi relativizada nas opiniões, situando o ativador sexual do homem enquanto necessidade vital de aliviar-se e o ativador das mulheres como a *vontade*. “Vontade está relacionada ao contexto geral da vida e fundamentalmente, à sua dimensão afetiva e de fantasia.” (BARBOSA E VILELA, 1996, p.195). Assim, para as autoras o desejo sexual das mulheres depende de estímulos dentro da relação, levando em consideração a opinião dos (as) participantes de que elas raramente estão prontas para o sexo e deixando a tarefa do despertar sexual feminino como serviço dos homens.

Levando em consideração a ideia de que a mulher precisa ser despertada sexualmente, uma assídua proatividade feminina em relação ao sexo pode produzir estranhamentos e estigmatizações. Por exemplo, o termo *ninfomaníaca* é empregado aqui para indicar uma mulher com um apetite sexual excessivo. Segundo Birman (200, p. 77) a ninfomania para o discurso médico-psiquiátrico era uma condição representada pelo erotismo excessivo e que se traduzia em um desejo irrefreável das mulheres pela prática sexual ou como aponta o discurso de Angela, também é direcionado a quem gostar de conversar sobre o tema.

Né, então assim, mas mesmo assim, mesmo com aquelas que gostam de falar sobre sexo, existe uma certa forma, até onde se fala sobre sexo. Não vai se falar sobre tudo sobre sexo. Por exemplo, uma coisa que eu converso muito com minhas colegas “vem cá, vocês já fizeram sexo anal”? Por exemplo. “Ave Maria, não Angela, para com isso, lá vem tu com essas putarias, vamos começar a falar só mesmo de sexo normal”. [...] “Bicha, tu é tarada”. (ANGELA)

O mesmo estranhamento é denunciado pelas participantes mesmo quando elas querem apenas conversar sobre sexo com amigas e amigos íntimos, e o estranhamento parte desses mesmos amigos (as). A fala de Angela expressa a percepção das tentativas de controle reproduzidas por outras mulheres que internalizaram discursos limitantes a respeito da sexualidade feminina. Entretanto, a atitude de Angela é quebrar esta resistência e normalizar o tema entre outras mulheres.

As próprias mulheres ao chamar Angela de *tarada* atribuem um sentido de anormalidade no comportamento de Angela. O termo *tarada*, embora popular, pejorativo, e não medicalizado, assemelha-se ao termo *ninfomaniaca* em significado, embora ele também possa ser aplicado a homens. Aparece diversas vezes como um marcador de que essas mulheres estão ultrapassando barreiras da expressão da sexualidade permitida a elas. Birman (2001) atesta que a ninfomania, assim como a prostituição, infanticídio e a histeria eram situadas na mesma posição e com a mesma gravidade nas páginas de livros de medicina que classificavam todos como desvios morais das mulheres. Assim, o aspecto de desvio moral a que cabia essas subjetividades das mulheres fomentou a “medicalização e psiquiatrização das novas figuras do feminino.” (BIRMAN, 2001,p.76)

“É, a partir do momento que eu me senti liberta, a partir do momento que eu comecei a me conhecer né, a me tocar, me conhecer, a não ter problema nenhum de me tocar, porque antes eu achava que era, não era interessante assim, parecia que eu era tarada assim se eu me tocasse, se eu tivesse sabe? Sabe aquela coisa assim de desejo, não, eu acho que a questão do parceiro no meu caso teve muito a ver, né? Os meus dois parceiros que eu tive antes dele eram pessoas muito rígidas e muito machistas de certa forma e tal.”(ANGELA.)

“Assim, com relação às práticas sexuais, só pra eu te dizer, os homens são muito egoístas, eu digo por experiência própria. Os homens geralmente são muito egoístas no que diz respeito à questão sexual, eles fecham muito. Eles acham que sexualidade e sexo é penetração. Ponto! Geralmente nas minhas relações sexuais com mulheres, eu já vejo que as mulheres elas têm uma dedicação maior, que elas têm um envolvimento maior que a questão do sexo oral, a questão da atenção, a questão do carinho, a questão de uma entrega maior, de fazer o outro se sentir bem, o beijo, o abraço, enfim, de

saber no outro dia como é que a pessoatá...isso aí conta muito, coisa que geralmente os homens não tem muita preocupação, já que eles são tão os bonzões, então pra eles foda-se. Entendeu?“(JUDITH.)

A ideia sustentada aqui é de que há uma limitação do prazer erótico por parte dos homens, que tendem a concentrar a prática em torno do pênis e condicionar a prática à ejaculação após penetração. A reclamação das mulheres em torno do egoísmo masculino em oposição à generosidade sexual feminina pode ser explicada a partir das relações de poder que se estabelecem na atividade sexual como um processo regulado pelo gênero.

Em reflexão a partir de Preciado (2014), quando falamos das práticas sexuais, sobretudo quando se trata de heterossexualidade, esses papéis e práticas que normalmente designam a mulher como receptiva, passiva e penetrável e o homem como ativo são instituídos de maneira arbitrária como formas de “regulações inscritas nos corpos que asseguram a exploração material de um sexo sobre o outro.” (p. 26). Desta maneira, este processo de configuração das diferenças sexuais, de acordo com Preciado (2014, p.26) extraem e isolam certas partes do corpo tornando-as significantes de toda a sexualidade - como os genitais e mais algumas partes do corpo, no caso das mulheres - tornando homens e mulheres construções “metonímicas” onde se substitui uma parte pelo todo. Com esta configuração, devido às suas características visíveis e das quais se têm conhecimento, é assegurado o lugar de sujeição da mulher como reprodutora e força de trabalho sexual, enquanto o homem, reduzido sexualmente ao pênis, é privilegiado enquanto membro ativo e “centro mecânico de produção e impulso sexual.”(PRECIADO, 2014, p.26)

Entretanto quando se fala de sexualidade e gênero, Preciado (2014) destaca que o sexo, não somente o gênero, é importante na compreensão não enquanto marcador biológico, mas como tecnologia de dominação heterossocial que se utiliza das marcas biológicas que tornam os seres diferentes para distribuir e justificar a assimetria de poder entrefeminino e masculino. A contrassexualidade, como análise crítica do sistema sexo/gênero, formulada por Preciado (2014), diz respeito ao estudo e às transformações dos sentidos que são produzidos e inscritos nos corpos sexuados como verdades intransponíveis, mas que são apenas escrituras.

Porque antigamente, [...] a mulher não verbalizava, então o homem é que era dono da relação, ele era dono da relação sexual. A mulher não falava nada, ela aceitava, ela se sujeitava, às vezes ela não gostava. O cara metia lá no negócio e ela ficava calada. Aí hoje não, ela diz: “tira, não quero”, ela diz “ai”, “oi”, “ai”, “não”, “sai daqui, eu não gosto disso.” (BELL.)

Bell reconhece uma importante atualização dos comportamentos sexuais, sobretudo das mulheres, sugerindo um poder maior para dizer claramente o que gosta e o que não gosta, impondo limites. Quando ela diz que o homem antigamente era o dono da relação, partimos da história da sexualidade das mulheres em que o ideal do sexo era a reprodução da espécie, inserida em um modelo de família patriarcal e do modelo de dupla moral, que dava licença ao livre exercício da sexualidade para homens, sem prejuízos sociais, enquanto para mulheres ter uma vida sexual só era possível dentro do casamento ou através da prostituição. Entretanto, esta possibilidade sexual era de interesse primordial do marido patriarca ou cliente, na qualidade de objeto obediente.

Entretanto, em um contexto onde se vivenciam relações amorosas puras e democráticas, com uma melhor distribuição de poder entre os participantes, mesmo com limitações sexuais impostas por qualquer um dos parceiros ou parceiro masculino, segundo Barbosa e Vilela (1996) os limites das práticas sexuais e o prazer erótico é negociado a partir dos compromissos que existem entre o casal. Com isso, no discurso dessas participantes persiste a ideia de que elas estão dispostas a reduzir ao máximo as diferenças que caracterizam a masculinidade e a feminilidade, administrando as diferenças de forma a ampliar a experiência erótica entre o casal.

“[...] a sexualidade na vida da mulher é uma eterna castração, é uma eterna frustração e dos homens é a liberdade tão sonhada.[...] Porque o homem tem licença social pra fazer o que ele quer com a sexualidade dele. Inclusive os homens gays. [...] As mulheres hétero e as mulheres homossexuais elas não têm essa mesma liberdade. Prova disso é que não tem campanha pra conscientização de sexo lésbico, não existe.” (MONIQUE, grifo meu)

Na fala de Monique identificamos a invisibilidade da sexualidade da mulher quando não exercida com um homem. Observamos essa diferença na distribuição hegemônica de preservativos masculinos, amplamente comercializado há décadas, vendidos a baixo custo e com uma usabilidade mais simples em relação aos preservativos femininos, dispondo de inúmeras inovações que procuram melhorar a experiência de usar uma camisinha no ato sexual. Esta observação se relaciona com a análise de Dallery (2004) a respeito da sexualidade feminina no campo discursivo a partir do pensamento de autoras feministas, como Catharine MacKinnon, e tenta assim desmistificar a ideia de sexualidade feminina alienada às projeções masculinas a partir do feminismo francês – a *écriture féminine*. Dallery (2004) afirma que a partir da teoria feminista francesa, escrever o corpo sexual da mulher

visava desarticular a construção fálica em torno desta sexualidade, que a legitimava como um espelho da sexualidade masculina ou a condiciona às projeções do outro masculino.

A defesa baseada no feminismo francês, que busca um aprofundamento discursivo e psicanalítico da sexualidade da mulher, é sobre a capacidade de obter um prazer erótico distinto das projeções a partir do homem. As mulheres como únicas donas da sua sexualidade. A partir deste ponto é preciso ver que os relatos das mulheres, ainda que feministas, são atravessados majoritariamente pela experiência heterossexual, por isso admite Monique esta percepção das limitações impostas às mulheres. Entretanto, é preciso legitimar outras formas de prazer, de repensar e de operar simbolicamente a respeito da sexualidade feminina.

Como elas vivenciam a própria sexualidade

Porque eu ainda me vejo assim não fazendo tudo que eu queria de fato, né? [...] Então como ele viajou...quando ele viaja eu fico mais livre, apesar de ficar mais sobrecarregada com cuidados domésticos e com as crianças, né, mas eu me sinto mais livre. Eu não queria ter casado. [...] e por questões financeiras eu tive que aceitar coisas em partes, mas eu não sou mais obrigada a reduzir e limitar minha sexualidade por conta disso. (MONIQUE)
Pra você ver, depois de dez anos de casada, adolescência presa, dez anos de casada, um casamento bem ((inaudível)) tranqüilo e eu descobri que a minha sexualidade era bem melhor depois que eu separei. Depois que eu comecei a conhecer outros homens, depois que eu experimentei coisas diferentes...é...então sexo pra mim é hoje uma coisa (de forma muito natural). (SIMONE)

E aí eu tava (sic) separada, foi justamente nessa época que eu tive várias experiências e de uma forma que foi pulsante pra mim, porque antes eu pra mim antes o que menos valia era o sexo na relação. (ANGELA)

Aqui as participantes atribuem ao casamento um espaço de pouco desbravamento e conhecimento sexual, onde elas se sentem limitadas a fazer coisas que gostam, não necessariamente de ordem sexual. Uma das razões pode ser a configuração machista da relação, onde o homem se mostraresistente a mudanças ou exerce algum tipo de controle emocional ou financeiro, como apontado por Monique, 31 anos, e também por falta de experiência de vida, como no caso de Simone, 47, que esteve dos 20 aos 35 anos de idade com a mesma pessoa.

(início da vida sexual) Então assim, talvez no início a preocupação maior era assim de “ah, deu certo, foi bom, será se agradou e tudo?”.Hoje em dia acho que a gente tem que se preocupar mesmo é com a gente. A gente, primeiro a

gente tem que se agradar, tem que tá feliz com a gente, com a situação. Eu acho que tem que ter intimidade. (BETTY)

[...] eu ainda trabalho muito isso pra não sofrer preconceito, eu sou muito direta com relação a isso, continuo falando de sexo abertamente, seja com amigas, seja com amigos. Não vou mudar isso em mim porque é uma coisa que eu...eu tou me fodendo pra o que...sabe! Mas sei que a realidade é essa. Infelizmente ainda existe muito essa postura machista, que vai ver você como vulgar, que vai ver você como puta, que vai ver você como uma prostituta, como uma vadia, esses adjetivos idiotas, mas não deixo... se eu quero conversar e se eu, se a pessoa, se o homem geralmente me dá uma liberdade pra eu falar sobre o assunto, se ele não se incomoda, se ele não é preconceituoso, se ele não é machista, então pra mim tá tudo certo, eu sou super tranquila, né. (BELL)

(sobre transar sem compromisso) [...] muitas vezes é aquela coisa de não significou nada... verdade! É verdade! Aquela coisa de não significou nada pra mim, porque já aconteceu desde a minha época do namoro. Eu namorei, eu namorava com vários rapazes ao mesmo tempo, né? Infelizmente eles não podiam saber, mas tinham alguns que não significavam nada mesmo pra mim(...) É...significou porque foi bom aquele momento, né? Eu precisava daquilo, mas em relação ao sentimento, não significou nada.(MONIQUE)

Aqui as mulheres aparecem enfatizando a necessidade de atender às suas próprias vontades e desejos sexuais, sem necessariamente estarem preocupadas excessivamente com o que o parceiro e outras pessoas irão pensar. E também assumem que o desejo por sexo sem compromisso emocional também pode estar presente no comportamento das mulheres, inclusive entendem como direito garantido delas falar sobre sexo, obter o máximo de prazer e bem estar da relação com parceiros e ter quantos parceiros elas quiserem.

A segurança e confiança como elemento importante para a sexualidade das mulheres

Embora destaquem que um bom entendimento sexual com o parceiro seja essencial na relação, a construção de uma parceria, com confiança e segurança são igualmente importantes. A existência de afeição, intimidade, e uma relação mais sólida parece influenciar na qualidade do sexo e na escolha de um parceiro para uma relação fixa.

É impressionante como as pessoas em Teresina - eu não sei outros estados, acho que sim – como elas se preocupam mais em caçar, em colecionar experiências, em colecionar trepadas do que você estar junto. Não tem coisa melhor nada vida do que você estar transando com uma pessoa que você tem confiança [...](SIMONE)

[...]Então as pessoas têm que parar de pensar que uma mulher de quarenta e poucos anos tá só querendo paz e sossego. Não, gente, eu quero sexo mesmo, mas eu quero tranquilo, com segurança, eu quero que ele seja intenso, que ele seja maravilhoso (como é com esse que eu tenho recaída) e eu tenho recaída por motivos óbvios, mas é...tem que vir atrelado a alguma coisa.(SIMONE)

Eu não consigo me relacionar sexualmente com alguém que... eu não vou dizer que eu não consigo porque eu já até passei por isso, não é, não é a

mesma coisa assim, uma pessoa que você não tem conhecimento prévio de longa data, digamos assim.(BETTY)

A segurança e confiança aparecem também como relacionadas ao autocuidado físico e emocional, ao estabelecimento de uma intimidade satisfatória em termos de prazer erótico. O fato delas preferirem um ambiente seguro dentro de uma relação afetiva traz alguns pontos também podemse referir ao respeito da sua autonomia sexual e reprodutiva, em alguns casos, embora não mencionem isso. De acordo com Biroli (2018, p.136) “[...] Há, ainda, uma interface entre, de um lado, o controle e as restrições ao exercício autônomo da sexualidade pelas mulheres e, de outro, a violência contra elas, socialmente amparada na dupla moral sexual e na diferenciação entre comportamentos que seriam respeitáveis e aqueles que seriam moralmente ‘duvidosos’. Isto é, posso aplicar esta afirmação ao fato de que as mulheres para um exercício mais pleno da sua sexualidade precisam ter algum tipo de garantia, ainda que meramente informais e subjetivas, da segurança da sua integridade física e dignidade, bem como precisam que para isso se estabeleça uma relação de intimidade com um parceiro.

O que significa o orgasmo para elas

Historicamente a sexualidade feminina foi sequestrada e significada a partir de argumentação médica que criava problemas que somente a própria medicina ou leito matrimonial podiam resolver. Por outro lado, quando falamos de parcerias heterossexuais, os homens ainda reivindicam e sustentam a vaidade de poderem entregar às mulheres.

Quando eu vim realmente despertar pra questão do sexo, da sexualidade, foi quando eu casei a segunda vez já. Porque assim, o A. ele é muito ele é muito aberto à questão das fantasias, né? Então assim, é e ele me ensinou eu a me tocar, por exemplo. Com relação à questão da sexualidade minha própria, né? Então assim, eu comecei a entender o que era sexo já depois dos vinte e três anos de idade, que aí eu comecei a fazer sexo e ter orgasmo. Porque até então a primeira vez que eu tive um orgasmo eu tomei um susto, porque eu pensei “Meu Deus o que é que tá (sic) acontecendo”? Sabe assim, foi pra mim e é porque assim, já não era mais virgem há um bom tempo.(ANGELA)

Percebem também que o prazer sexual para as mulheres é conquistado e compreendido por etapas. O orgasmo também percorre a história da sexualidade das mulheres enquanto processo, que ocorre paulatinamente e acordo com a percepção de liberdade sexual, experiência, autoconhecimento e acesso à informação de qualidade. Mas é importante destacar no caso de Angela o quanto o atual marido foi importante no processo, enquanto a

pessoa que lhe deu lições de masturbação, ofereceu segurança e cumplicidade, que se abriu para os seus desejos e os legitimou.

Preciado (2014) descreve o orgasmo, por exemplo, como algo extremamente incompreendido na história da sexualidade das mulheres. O que se conhece sobre ele é o trabalho conjunto e paradoxal de duas tecnologias, uma que reprimia a masturbação, outra que produzia a crise histérica para a qual era indicada a masturbação. A partir da histeria, as mulheres ficavam reféns de duas tecnologias, uma da cama do marido e a outra do consultório médico para solucionar este problema. Mesmo assim o prazer e o orgasmo feminino sempre foram problemáticos e incompreendidos. A primeira razão é pela descoberta médica que ele já não era mais útil reprodutivamente, tendo em vista que o objetivo central da sexualidade era a reprodução, a consumação do contrato de casamento e o cumprimento da obrigação conjugal. A segunda razão era a observação da sexualidade feminina a partir de parâmetros masculinos, sendo que a sexualidade masculina nunca era pensada em termos de orgasmo, mas sim em termos de ereção e ejaculação, sendo duas ações que marcam a satisfação e a conclusão do ato sexual heteronormativo.

Mas em 1966, William Masters e Virginia Johnson, publicaram a pesquisa psicológica e biológica sobre a *Resposta Sexual Humana*, que se propôs a estudar a sexualidade humana, sobretudo o orgasmo feminino em seu processo. O estudo foi realizado com 487 mulheres que tiveram um orgasmo em laboratórios e relataram a experiência aos pesquisadores. (MUCHEMBLEND, 2007, p.307). Entre as confirmações, que já haviam sido sinalizadas por Freud e Kinsey, foram derrubadas algumas verdades duradouras como a existência de um orgasmo vaginal, pelo menos não da mesma natureza que o orgasmo clitoriano. Mas também é preciso pensar a vivência da sexualidade enquanto experiência integrada, não como uma experiência exclusivamente ou dependente de outra pessoa. Contudo esta novidade oferece à mulher a consciência do direito de proporcionar prazer para si própria. (MUCHEMBLEND, 2007; SENA, 2010). Além destas novas perspectivas, com o avanço das décadas, a pílula do dia seguinte, até mesmo preservativos femininos, entre outros avanços, garantiram à mulher uma possibilidade maior de ter relações sexuais de forma igualitária aos seus parceiros. (MUCHEMBLEND, 2007)

5. O QUE FEMINISTAS PENSAM SOBRE PORNOGRAFIA

Nestes capítulos foram considerados os discursos das mulheres feministas sobre pornografia e que são atravessados pelo gênero. Entretanto, optou-se por trazer primeiro as concepções de erotismo e suas aparentes diferenças e aproximações em relação à pornografia, que muitas vezes são contraditórias e marcadas pelo gênero.

O que pensam sobre erotismo e suas diferenças do pornográfico

“[...] o erotismo é uma... pornografia só que com mais requinte, com valor de venda maior.” (MONIQUE). Em geral, esta é uma opinião frequente sobre o erotismo, que apela para a estética, a discrição e a sugestão, em vez de jogar com uma suposta *crueza* da pornografia. Em geral, ambos são posicionados de formas binárias e opostas, fazendo assim com que o erotismo usurpe muitas vezes a posição da pornografia, utilizando elementos semelhantes para circular com mais fluidez na sociedade por mostrar que está mais disposto a atender às expectativas sociais. “O texto erótico é sempre tomado pela tentação do estetismo, tentado a transformar a sugestão sexual em contemplação das formas puras.” (MAINGUENEAU, 2010, p. 33)

Giddens (1994) traz uma definição mais pontual e relacionada à prática sexual, ao prazer e aos sentimentos. “O erotismo é o cultivo do sentimento, expresso pela sensação corporal, em um contexto comunicativo; uma arte de dar e receber prazer.” (p.220). Desta maneira o autor entende que o erotismo é uma maneira de reintegrar a sexualidade de forma que sirva a uma série de propósitos emocionais, entre eles, a comunicação. E por ser associado à afetividade e à discrição, o que é denominado como erótico passa a ser considerado como algo mais apreciado por mulheres do que a pornografia.

Eu acho que o erotismo é uma coisa. Atualmente eu acho importante pra minha relação né, e pra mim também. É (+) me faz muito excitada. Assim, a questão do erotismo em si. É tanto que eu busco realmente ferramentas é pra estar em dia no sexo, em dia comigo mesma e tal e ferramentas tem a ver com a questão do erotismo, né? E aí assim é (+) no caso do o meu sexo não é um sexo formal. (ANGELA)

[...]Erótico é o que te traz prazer. Visualmente ou quando você pega, ou quando você escuta, erótico pode ser o cara chegar pra mim, no meu ouvido e dizer assim: “tá muito gostosa hoje”, como poder ser: “eu senti sua falta”. Depende de como tua mente, de como tua mente traduz aquilo ali. Eu acho que é uma coisa muito complexa. (SIMONE)

Sobre a reivindicação do erotismo para as mulheres, nota-se que há uma necessidade de resgatá-los em benefício próprio. A descrição de Simone sobre uma das suas ideias de erotismo é crítica e corresponde diretamente à uma visão estreita baseada na ideia de que as mulheres e seus corpos devem ser erotizados para atender ao desejo do outro, em geral o outro masculino. Entretanto, para modificar esta ideia, é preciso compreender os discursos sobre o corpo da mulher. De acordo com Dallery (2004), estes discursos são divididos em alguns eixos importantes, baseados no feminismo francês (*escrita feminina*) que privilegia os discursos e a reescrita deles como possibilidade de transformação. Entre eles estão a ideia de escrever o corpo como forma de elevar as mulheres enquanto seres sexuais ao invés de objetos de desejo. Valoriza também a forma autônoma de erotismo da mulher separado de projeções masculinas. A outra trata da alteridade do corpo da mulher através da *escrita feminina*. “Essa articulação do corpo erótico da mulher é obtida pela desconstrução das diferenças sexuais baseadas no falomorfismo *à la* Freud e Lacan. Através da escrita do corpo, o corpo da mulher é liberado da objetificação e fragmentação do desejo masculino.” (DALLERY, 2004, p.68)

o erótico eu acho... eu acho que a pessoa tem que tá se sentindo à vontade também pra, digamos, praticar. Eu decidi uma época dessa daí ir numa sexy shop comprar uma lingerie super sensual pra usar. Na época que eu comprei, eu não usei, deixei pra usar depois e engraçado que parece que caiu como uma luva [...]. Eu usei no momento certo, que foi já com meu companheiro, (eu tava muito à vontade), tava me sentindo muito bem e rolou ali uma dancinha erótica, sedução e tudo. Hoje eu não sei se, (eu já não sei se eu vestiria, eu não sei se eu faria. Eu acho (vou te confessar com todo meu coração), a maternidade muda muito a gente. Eu me sinto muito limitada, principalmente nessa questão do erótico. Eu me sinto constrangida, eu não me solto mais como eu me soltava antes. (BETTY)

A relação problemática da maternidade com o desejo e o erotismo não é recente, entretanto parece que a contemporaneidade ainda não encontrou as soluções necessárias para eles. Segundo Birman (2001) o prazer e o desejo se tornaram problemas por serem consideradas ameaças à retidão do caminho reprodutivo, tendo em vista que a história da sexualidade da mulher, não só da sexualidade, como de sua autonomia para realizar escolhas é marcado pelo rígido binarismo entre mulher casada/mãe e mulher desviante, exceto pelas pequenas minorias que dedicavam sua vida à religiosidade. Por isso a polarização entre desejo sensual e a maternidade, onde a visão do corpo feminino não lograva comportar ambos de maneira aceitável, exceto se fossem úteis à reprodução, mas de forma restrita e controlada.

A partir da concepção cristã sobre a mulher desejante, ela foi pintada como influenciada pelo mal, sendo o diabo como responsável por este desvio ao manipular os

corpos e as mentes das mulheres para tirá-las dos caminhos virtuosos que a maternidade e a família proporcionavam. Eram mulheres perigosas. (BIRMAN, 2001, p.65). A cultura patriarcal também contribuiu fortemente para esta ideia de fazer desaparecer o erotismo feminino não útil à masculinidade. Os aspectos do erotismo relacionados à maternidade são o auge do controle patriarcal em relação à sexualidade feminina, por este representar uma possível ameaça, segundo aponta Dallery (2004), não obstante, o erotismo não é excluído da relação com a maternidade.

A subjetividade cindida ou a elisão do ser e do outro também existe entre a mãe e a criança na gravidez, quando a mulher grávida pode gostar do peso do seu corpo e das sensações dentro de seu ventre, do outro dentro de si. Apesar da purificação e idealização da maternidade pela religião e pela cultura patriarcal, a gravidez, o parto e a amamentação são dimensões da corporeidade erótica da mulher. Os aspectos eróticos autônomos dessas esferas são mais difíceis de serem reprimidos ou censurados na cultura patriarcal, porque são as mulheres que os presidem. A esse respeito, Iris Young (1984) salientou com perspicácia que a mulher grávida, de um modo geral, não é objetificada sexualmente pelo olhar masculino. A maternidade oferece o que a heterossexualidade, como é agora historicamente constituída para as mulheres, não pode oferecer: fusão libidinal. (DALLERY, 2004. P. 68)

Nem todas as áreas podem ser invadidas pelas estruturas de controle, restando locais onde as mulheres podem ter espaço para vivenciarem situações prazerosas com seus corpos, entretanto existe ainda um incansável esforço de implantar discursos que imprimem culpa no uso do erotismo para as mulheres que exercem a maternidade.

Diferenças de erótico e pornográfico.

“eu acho que muito isso. Porque eu acho assim, quando a gente tá falando de relacionamento, de pessoas. Eu não, eu não, eu não penso na... eu penso no erotismo. Pra mim a pornografia seria basicamente comércio, comércio de, de, do corpo nu, digamos assim. [...]Eu acho que é vulgar, eu acho que não tem limite, não tem, não tem ROTEIRO! É uma coisa mecânica! Pronto, eu posso, eu posso, fazer essa comparação.” (BETTY)

A preferência por um roteiro e uma história mais romântica pode ser explicada a partir dos discursos propagados sobre o erotismo e pornografia, que, ressaltam a frequente relação contrária entre as duas categorias, colocando ambas em parceria e disputa ao mesmo tempo. Mas entre as mulheres há acrença de que o mais adequado para elas seria aquilo que se refere ao erótico, ao romântico, sensível e sutil, para combinar com uma espécie de *tradicional personalidade feminina*. A questão da preferência por mídias com roteiro citada

por Betty, leva a analisar características importantes dos discursos pornográficos e não pornográficos, de acordo com Maingueneau (2010, p.33). O autor destaca que dificilmente se julga a pornografia positivamente sem fragilizar a legitimidade de sua enunciação e que a literatura, por exemplo, como uma forma de expressão, sempre costuma jogar com o erotismo, se utilizando de recursos estéticos embelezados, levando à contemplação de formas e estimulação do desejo, ao contrário do enunciado pornográfico que está em busca de saturação do desejo e da satisfação imediata.

Já a suposta preferência das mulheres pelos conteúdos mais sutis e românticos também podem ser compreendidos a partir de uma história mais profunda. Com o desenvolvimento comercial da literatura pornográfica no Brasil, no século XIX e princípios do século XX, os livros eram anunciados com a expressão *romances para homens* e suas variações. De acordo com El Far (2004) todas essas leituras para homens deixavam claro que os textos eram produzidos estritamente para o público masculino, já que eles carregavam uma pecha de serem perigosos para o frágil caráter das senhoras e das moças de boa família. Destaca-se então que essa proibição não era resguardada por nenhuma lei, mas apenas nos códigos morais vigentes e, que neste caso, nem sempre era eficaz, já que a prioridade dos vendedores de livro era vender e por isso sempre se rendiam à ousadia das mulheres curiosas que encontravam um modo de driblar a vigilância dos familiares do gênero masculino.

Embora existisse a possibilidade clandestina de comprar ou ao ter acesso às leituras no interior da própria casa, é preciso compreender que, principalmente antes, também não era fácil ignorar os efeitos limitantes que a moralidade e o próprio medo poderiam produzir. Nem mesmo no século XX e XXI as mulheres se sentiram à vontade para alugar fitas ou comprar as revistas de nudez e pornografia marcadas com a etiqueta de *revista masculina*. Contudo, a regulação dessas leituras no que diz respeito às mulheres, entrava na área do controle sobre os desejos e a sexualidade das mulheres. Alguns citavam que as mulheres reais não poderiam acessá-los para que não tivessem material que as inspirasse a sonhar com algo que não era possível dentro de suas realidades. Somados às recentes descobertas da sexualidade feminina, os intelectuais zelosos temiam que as mulheres se afastassem do interesse em construir família e do desejo pela maternidade. (EL FAR, 2004)

Em geral, as mulheres produzem diversos sentidos a respeito do que é erótico. Isso mostra também que o erótico ou erotismo não é uma categoria ou conceito estanque, mas que transita por diversos significados em contextos semelhantes e que as variações de sentidos produzidos pelas mulheres são pautadas pelo gênero e pela história da sexualidade das

mulheres tornando assim a denominação erótica uma área normativamente reservada às mulheres.

Discursos sobre pornografia

O crescimento do acesso e do interesse das mulheres pela pornografia tem se tornado um fato que vem se movimentando o mercado pornô e também os discursos sobre sexualidade feminina, o que de certa forma possibilita que as mulheres tenham oportunidade de produzir sentidos diversos sobre a pornografia. O mérito de grande parte dessa facilidade de acesso vem com a internet, sua democratização e oferta de privacidade, que mudou a forma de consumir e perceber esses conteúdos na última década. Entretanto, os discursos feministas atravessam o caminho dessa produção de sentidos sobre a pornografia, sobretudo no que concerne às relações de gênero. E também é fato que grande parte dos discursos das mulheres se refere às representações de masculinidades e feminilidades presentes especificamente na pornografia heteronormativa e hegemônica, que é feita, sobretudo para o consumo masculino. O que antes era consumo envergonhado, clandestino ou sem privacidade, atualmente desperta interesse e estudos que revelam os novos perfis. Pinto, Nogueira e Oliveira (2009) afirmam que a pequena visibilidade dos novos públicos estimulou o mercado pornográfico a deixar um pouco de lado os imperativos estéticos e capitalistas, além de atender menos aos padrões heteronormativos para acolher (timidamente) conteúdos alternativos.

Eu achava, eu sorria, achava engraçado, né? Porque era algo proibido, mas só que a gente vai vendo que é aquela forma de fazer. A forma de fazer sexo tem que ser daquele jeito. E a minha iniciação sexual foi simulando aquilo. Era uma coisa que eu não, que eu não sabia na prática, né? Mas já sabia porque lia ou porque via no filme pornô.(...) era feio pra a mulher. Então eu assistia escondido. Pequenos trechos, né?(MONIQUE)

Em 1992, no livro *O Mito da Beleza*, Naomi Wolf já apontava que a expansão do consumo de pornografia poderia abranger as mulheres, mas de forma maléfica. O que a autora chama de *pornografia da beleza* afeta a autoimagem mulheres e a maneira como constroem sua sexualidade. A pornografia da beleza é o conceito que não se restringe somente aos conteúdos que se intitulam como pornográficos ou de sexo explícito, mas também se refere aos conteúdos bombardeados pelas mídias que exploram a beleza e o corpo sexualizado e objetificado das mulheres. A preocupação reside no fato de que os conteúdos feitos com estas perspectivas são praticamente os únicos disponíveis. As imagens pensadas para erotizar a humilhação e a violência sobre nossos corpos são predominantes, além do silenciamento e controle sobre os discursos da sexualidade feminina. Por isso, Wolf (1992) acredita que as mulheres saem para o mundo praticamente desprovidas de referências positivas para sua

sexualidade e de proteção para que possam construir uma sexualidade como elas merecem, sem se conformar em desejar o fato de serem desejadas ou basearem sua noção de prazer vinculado à aparência física.

Entretanto, Judith Butler (2003) critica este pensamento ao afirmar que o problema da pornografia está para além do debate da vivência da sexualidade, mas sim coloca em questão o significado do gênero. O que está em jogo na discussão da pornografia é o que significa ser um homem e ser uma mulher, que na pornografia frequentemente são construídos a partir da ideia de dominação.

[...]Pornografia pra mim é, é tipo você incentivar a sua libido, é aquilo que alimenta a sua libido. O que não pode é o que te falo, fora da lei.[...] Eu vejo a pornografia de uma forma muito natural, muito tranquila. [...](SIMONE)

Para McElroy (1995), o problema entre os posicionamentos feministas sobre pornografia – a favor, contra e liberal - é que o diálogo entre eles é muito escasso. Para a autora, o feminismo anti-pornografia e proibicionista não afeta somente o material que é alvo primordial de seus discursos, mas também produz efeitos colaterais ao afetar a distribuição dos conteúdos para mulheres lésbicas, por exemplo, além de negarem o poder de agência das mulheres e tratarem as trabalhadoras e consumidoras da pornografia enquanto seres vítimas de transtornos comportamentais ou de *lavagem cerebral patriarcal*. As pró-feministas, como McElroy (1995), desconstróem algumas ideias sustentadas pelas feministas anti- pornografia, entre elas a ideia da mulher ser tratada enquanto objeto sexual, a de que a pornografia incentiva a violência contra as mulheres. Há também o argumento de que as mulheres são obrigadas a fazer pornografia, ou a fazem por estarem tão traumatizadas com o patriarcado que não conseguem dar um consentimento real, ou até mesmo que a pornografia é degradante para as mulheres. A vertente liberal concorda com a pró-pornografia na desconfiança sobre a elegibilidade de um censor da pornografia, já que existe o risco da palavra *degradante* ser compreendida a gosto do censor e de acordo com suas próprias convicções, não após uma exaustiva análise feminista ou consulta às mulheres consumidoras.

[...]É... eu acho que deveria ser de forma natural mesmo, como eu te falei, uma coisa didática assim. Agora você tem ... filtrar o que você vai assistir, você não ... tem coisa que você não se sente bem, você não precisa assistir e você não precisa trazer aquela prática pra tua vida porque talvez aquele cara “ai, será que ele vai gostar disso aqui? Acho que eu vou fazer isso aqui”. Eu acho que não. Você assiste, você busca prazer, você quer sentir alguma coisa, visualizando aquilo numa prática voyeur, como eu falei, porque a gente tem um pouco isso também né, de assistir, de ver alguém fazendo sexo pra gente

sentir aquilo junto até pra resgatar a sensação, já que você não tá com alguém, você tá sozinha, você tá carente, você tá solteira [...] (BELL)

Bell frisou a presença do carinho envolvendo o ato sexual e a humanização da mulher, além de uma função *didática* da pornografia. A pornografia canônica embora circule como uma versão adequada e aprovada pela censura como correspondente à ideia de *normalidade*, segundo Maingueneau (2010) é movida por uma ficção de que aquelas práticas são precisamente cotidianas para pessoas comuns, já que esta pornografia se apresenta enquanto normalizadora. Ele afirma que muito das práticas contidas ali estão longe de corresponder aos costumes sexuais e como eles se materializam de forma predominante.

Sobre a função *didática*, McElroy (1995) concorda que a pornografia pode contribuir com as mulheres de diversas maneiras. Como defensora feminista pró-sexo, a autora sustenta que a pornografia possui aspectos vantajosos para as mulheres, como a possibilidade de visualizar as diferentes práticas e possibilidades sexuais, situando a pornografia como uma produtora de saber para as mulheres. Permite também experimentar visualmente essas possibilidades e alternativas de forma a satisfazer curiosidades e seguir na segurança do seu espaço privado. Além disso, a pornografia permite às mulheres aproveitarem situações que facilmente poderiam ser descartadas em uma situação vivencial, como por exemplo, o sadomasoquismo e as fantasias de estupro, que não precisam significar desejos reais de violações. Estas fantasias, para a autora, podem representar um contraste em comparação à relação que se tem no momento, o desejo de perder o controle e perder o sentido de responsabilidade e culpa imprimidos pelo sexo, só para citar como alguns exemplos.

Ter fantasias que envolvam violência ou sentir prazer com uma pornografia machista não indica necessariamente que as mulheres apoiam ou desejam isso para si ou para outras, mas sim que a pornografia pode criar deslocamentos. Muitas vezes existe apenas o desejo de conhecer ou visualizar determinadas práticas. Por isso, a proposta de McElroy (2005) é repensar a crítica anti-pornografia na busca pela higienização e regulação dos desejos das mulheres, reforçando sua possível posição de não-sujeitos sexuais e de objetos sem desejos próprios e legítimos, excluídas das possibilidades de mudança.

O problema da pornografia hegemônica

Às vezes acaba até ficando um pouco chato ficar falando nisso, ser repetitiva. Porque o machismo não é uma coisa que tá isolada, ele tá em tudo, ele tá nas práticas, ele tá na política, ele tá na escola, ele tá na universidade. Ele tá no trânsito, ele tá , enfim, ele tá na infância, ele tá nas...enfim , tá no governo federal, ele tá em todo lugar. Ele tá também na

pornografia. Quando a gente vai começar a assistir pornografia, geralmente na adolescência, né que é o período em que isso acontece com mais frequência, a cenas triviais, as cenas básicas, a cena caricata é uma mulher de joelhos, fazendo sexo oral no cara, numa cena típica de dominação, o cara geralmente ejaculando no rosto da mulher, numa cena de humilhação né, ahh. (JUDITH.)

Com este posicionamento de Judith a respeito da pornografia, é preciso levar em consideração, de acordo com Maingueneau (2010), que a crítica feminista em geral (isso também pode incluir a vertente anti-pornografia em certo ponto), recai não exatamente sobre a pornografia em si, mas à masculinidade presente na pornografia, que é tão predominante que se confunde com o próprio conceito de pornografia. “(...) realmente seria contraditório com o projeto de emancipação das mulheres condenarem os discursos que visam estimular a atividade sexual.” (MAINGUENEAU, 2010, p. 128)

Mas assim, a pornografia de forma hegemônica [...], a grosso modo e a que é massificada, ela é assim. Mas obviamente que tem né? Tem a pornografia lésbica, tem a pornografia que ela já é diferenciada, tem a pornografia voltada para o público LGBT, enfim né. [...] Como é o deus capital que manda, eles já viram que as mulheres também já consomem pornografia, como sabem que o público LGBT já consome pornografia - e não é porque eles são politizados em relação a essa questão, mas é porque eles veem que tem um nicho, porque as questões de demanda de, porque eles veem que tem uma procura com relação a isso, porque eles sabem que se eles forem continuar nessa coisa de ser uma mulher de quatro, fazendo sexo oral num cara, só isso não vai vender. [...] é mesmo nessa pornografia chifrim e bem machista mesmo que é de dominação masculina mesmo, como é a sociedade.(JUDITH)

A crítica recai sobre o fato de que esta diversidade de conteúdo atende principalmente às demandas do capitalismo e não a um projeto inclusivo. Entretanto não se pode pensar no mercado de maneira isolada. As mudanças de demandas também correspondem ao reconhecimento de outros desejos, que por sua vez, ao serem atendidos, também contribuem com a atualização das práticas sociais e discursos.

É nesta direção que atuam as pornografias independentes, produzidas para outros públicos, que embora já estejam sendo distribuídas pelos grandes sites de pornográficos ou outras plataformas fechadas, ainda ocupam um espaço muito reduzido. As pornografias consideradas alternativas têm como visão, de acordo com Bourcier (2014), de impactar os discursos da indústria pornô convencional e explorar novos nichos, ressignificando a imagem das minorias sexuais e de gênero que são frequentemente objetivadas pela pornografia tradicional e bizarra, entretanto elas são diferentes do movimento pós-pornô em relação aos seus objetivos, seu suporte e a forma de distribuição, em geral são orientadas pelo mercado.

O pós-pornô é este movimento descrito por Bourcier (2014) como o movimento que visa preencher as lacunas deixadas pelo pornô heterossexual comercial ao transformar as narrativas e elevar a sujeitos os seres que são normalmente objetivados na pornografia tradicional. Apesar disso, a sua ideia de transformação também considera uma lógica de distribuição contrária à da pornografia convencional, sendo utilizado como instrumento político contra- hegemônico, anticapitalista e crítico à privatização das sexualidades e dos discursos.

Além da crítica à psicanálise sobre a privatização da sexualidade e das práticas, a partir da concepção pós-feminista e pós-pornô, Bourcier (2014) também critica o feminismo de igualdade que carrega características reformistas que geralmente se coloca contra a pornografia devido à sua forma enrijecida e sua fixação pela diferença sexual e desigualdades homens-mulheres. Esta atitude contribui com a construção de uma agenda que não contempla e ainda corrobora a discriminação de lésbicas, homossexuais e pessoas trans, por exemplo. Com isso, ao oferecer forte crítica, Bourcier acredita que estas feministas não teriam nem mesmo o direito de utilizar a palavra gênero, já que o seu discurso geralmente é preocupado em reificar a diferença sexual. “Isso quer dizer que partes do meu corpo são ressignificadas em função do trabalho militante, político e mesmo da teoria. Por isso é difícil para eu separar, e eu não quero separar teoria e o que eu vivo[...]” (BOURCIER, 2014, p.921-922)

“A pornografia, a meu ver, é algo que objetifica muito a mulher e eu não consigo consumi-la se eu não tiver com vontade de relaxar. Por exemplo: quando eu chego a ver site pornográfico é quando eu quero dormir, aí eu me masturbo e vou dormir, porque eu vou dormir relaxada, entendeu? ((risos)) Mas aí depois que aquilo passa, eu me sinto mal porque eu vi uma mulher sendo explorada [...].(MONIQUE)

Por isso, a crítica que Butler faz dos discursos das feministas anti-pornografia, é que a pornografia está para além de uma mera alegoria das relações de dominação da mulher pelo homem e que o tal poder performativo da pornografia de afetar diretamente o julgamento de quem a consome é uma grande desproporcionalidade. Entretanto, a dimensão do poder, na visão de Judith Butler (2003) baseada em Foucault, assegura que poder e sexualidade ocupam o mesmo espaço. Ela se arrisca dizer que o poder pode até mesmo ser uma dimensão estimulante da sexualidade.

[sobre como ela acha que deve ser a pornografia][...] ela deveria ser mais humanizada, como eu te falei. Não há necessidade de você arregaçar o cú de uma mulher. [...] Não há necessidade, o sexo não é isso, gente! Não é! O sexo, gente, é obtenção de prazer, é isso e eu acho que essas coisas não dá

prazer de nada e aí é maluquice de gente doida, porque não é o cú dele que tá lá sendo arregaçado. (BELL)

Entre todas as mulheres é unânime a visão de que a pornografia hegemônica é machista e não é pensada para agradar às mulheres, embora elas também tenham a capacidade de extrair prazer. Embora consumindo o que estiver disponível, elas aplicam paulatinamente pequenas resistências, como a escolha de pornografias consideradas menos ofensivas, curiosidade em buscar algo além do que é oferecido na página principal dos sites, entre outros.

Dentro da crítica e resistência, Bell reforçou a rejeição ao sexo anal, principalmente o sexo anal extremo, que aparece com certa frequência em seus discursos, onde as mulheres são constantemente submetidas à prática na pornografia heterossexual para homens. A crítica recai na falta de compromisso com a integridade física das atrizes pornôs, além da prática (ainda que realizada com os cuidados necessários) não é precisamente uma prioridade no interesse das mulheres na vida real, ainda que existam mulheres que se beneficiam com a prática e outras particularidades. A questão apontada pela participante não é a prática em si, mas a representação da dor para a mulher, o exercício de dominação e degradação do corpo.

Entretanto a questão do sexo anal dentro pode extrapolar os limites do desejo de dominação e de exploração para o outro, também está na esfera do bizarro. O sexo anal já é uma prática comum dentro do pornô tolerado e aparece de forma mais *cuidadosa* na pornografia canônica, mas, como recorda Leite Jr. (2006, p.222) a prática anal indica uma linha de transição entre o que se considera *convencional* para o *extremo*. O sexo anal carrega estigmas como o da esterilidade, da dor, além de representar uma zona impura do corpo humano, carregada de crenças de origem religiosa, “e por representar para muitas pessoas uma violência ultrajante sobre o sodomizado, este tipo de relação será uma das mais idolatradas pela pornografia [...]”. O seu exagero para o prazer é associado à devassidão e à luxúria excessiva de um lado e de outro, discursivamente é também ligada à ofensa e à injúria, como aponta Leite (2006). A grande questão é por que a pornografia heterossexual hegemônica submete mais os corpos feminizados a isso.

Contudo, não é só a prática anal com as mulheres que incomodam e são consideradas degradantes. O sexo grupal também apareceu, mais precisamente o chamado *gang-bang*, em que diversos homens contracenam com uma mulher ou quando as mulheres estão em minoria. Incomoda porque a tradicional luta feminista tem como pauta principal o combate à violência contra a mulher.

Por exemplo, é, vídeos pornográficos que me incomodam são os vídeos que é tipo a mulher no sexo grupal por exemplo, eu acho assim meio, quando eu vejo que tá (sic) muito assim muito como é que eu posso dizer, não é maltratar, mas assim muito objeto, muito objetificação da mulher ali, muito, aí eu fico assim meio angustiada. Não consigo terminar de assistir, não consigo terminar de ver (...)" (ANGELA)

Neste aspecto precisamos chamar atenção para o que incomoda Angela. Neste contexto, que é ver uma mulher e alguns homens. Além desta questão, a pornografia considerada extrema também demarca seus enunciados a partir da noção de brutalidade e superação de limites da sexualidade. De acordo com Gregori (2014).

O risco à integridade física e moral das pessoas é uma possibilidade aberta e não dada de antemão. Na realidade, são estudos que investigam aspectos e implicações de experiências no marco daquilo que chamei de "limites da sexualidade", isto é, em âmbitos que indicam a ampliação ou restrição de normatividades sexuais e, em particular, na expansão de maior tolerância ou não daquilo que é considerado abusivo e o que passa a ser qualificado como normal. (GREGORI, 2014, p.51)

Filomena Gregori (2004) então chama a atenção estas questões podem ser frequentemente analisadas pelos sujeitos destas questões. Se na pornografia heterossexual, a tortura e o bondage parecem extremamente degradantes e injustos, para as lésbicas esta relação pode não ser colocada nestes termos. Contudo, Gregori ressalta que não se pode enrijecer a análise, já que para que as relações de sadomasoquismo (S/M) sejam justas não basta apenas que os envolvidos/ as sejam do mesmo sexo e o fato de pertencerem ao mesmo sexo não significa necessariamente uma equidade ou que o consentimento neste contexto é automático. Entretanto, a questão é que S/M é diferente da violação que as participantes costumam ver na pornografia, mas um jogo erótico que envolve o poder, não a violência.

Percebemos que o problema não é exatamente um sexo grupal, que pode se configurar de formas diversas, como um grupo de homens, um grupo só de mulheres ou várias mulheres e um homem, assim como uma quantidade equilibrada de ambos. Mas está claro que Angela se refere à situação de aparente vulnerabilidade daquela mulher no contexto do sexo grupal com muitos homens. Contudo só isso não é suficiente para explicar a complexidade da pornografia. Mas a pergunta que Filomena Gregori faz, e que acabou sendo o mote das guerras sexuais feministas, é por que cabe ao corpo feminino ou feminizado a violação. Por que tem de ser este o corpo sacrificial?

De acordo Lia Zanotta Machado (1998), em uma pesquisa com homens penalizados por estupro, ela identificou que quando os homens pensam em uma mulher de forma genérica, uma com quem eles não se relacionam em nenhum nível, elas são pensadas como objetos

sacrificiais. Embora o estudo se dirija a casos de estupro, é importante destacar que não há aqui a intenção de se fazer uma correlação entre casos de estupro e consumo de pornografia, mas apenas conectar o cerne da análise a outro contexto. Da mesma forma pode ser feita uma crítica ao mito criado de que as mulheres dizem *não* quando querem dizer *sim*, e onde se sugere erroneamente a presença da fantasia sexual da perda de controle e do estupro. As mulheres vulneráveis e consideradas transgressoras, como as prostitutas e as alcoolizadas, por exemplo, são alvos fáceis, já que são consideradas invioláveis por se colocarem em perigo e assumirem os riscos. Da mesma forma ocorrem as atrizes pornôs, que expõem e disponibilizam seus corpos. “Assim, quando se consegue colar à vítima de estupro que se trata de uma mulher bêbada ou prostituta, o que poderia ser concebido como estupro, se transmuta na mais banal relação sexual.” (ZANOTTA MACHADO, 1998, p.248)

[...] não sei se é porque eu acho tão forçado, eu acho que ainda, eu acho que elas ainda são... eu também não tenho visto muito, mas os que eu vi até hoje, o que eu vejo muito é tipo, eu vejo mais a questão do prazer masculino, da coisa masculina, sabe, do, da dominação masculina sobre elas e não aquela mulher louca que chega “eu quero, eu vou te pegar e tudo”, a gente vê, mas acho que em menor escala, eu acho que foca muito no prazer masculino, eu acho. Contraditório eu ver isso porque eu gosto de ver filme é...gay masculino né. Eu acho, acho legal.” (SIMONE)

Assim penso que a contestação de Simone seja parte da ideia de que uma pornografia para o público hegemônico, que é o masculino, está mais comprometida com a propagação de estereótipos machistas sobre a sexualidade, também atender às frequentes fantasias que ocupam boa parte do imaginário masculino, como a clássica cena sexual entre mulheres, que por sua vez deve ser reproduzida dentro das expectativas masculinas. Há também a necessidade de *higienizar* a sexualidade feminina, tornando-a menos ameaçadora para o controle masculino e também ressaltar a ideia do homem como o mais capacitado para oferecer, em seus próprios termos, o prazer sexual para a mulher.

Assim eu digo: ‘olha e assistam esse e tal e tal e tal que tem mulheres se excitando e que têm mulheres se tocando e que tem mulheres ejaculando, pra vocês verem que isso é normal, isso é possível’ né? Então assim, a é (+) e eu acho que contribui bastante você ver outra mulher se tocando, não apenas um homem ali [...] tocando ela. Então assim, eu tiro muito, por algumas amigas me recomendam às vezes não só a pornografia em si, mas também a questão do próprio comércio. Por exemplo sex shop, se a gente for ver, não existem mulheres dentro de um sex shop comprando, né? A maioria das meninas que compram ou pela internet ou então por alguém que ela conhece e tal porque tem todo esse tabu mesmo da mulher chegar até o sexo. (ANGELA)

De acordo com a McElroy (1995) a pornografia, não precisamente a hegemônica, mas como forma de expressão, também pode contribuir para que as mulheres extraiam também uma forma educação sexual, como por exemplo, técnicas de masturbação, um aspecto básico da sexualidade, que muitas mulheres ainda parecem desconhecem as potencialidades, permitindo que as mulheres tenham contato com alternativas sexuais no intuito de satisfazer curiosidades consideradas *saudáveis* em um contexto seguro para elas.

Sobre as caricaturas e estereótipos das mulheres na pornografia

[...] mulher, contribui pra aumentar o as estatísticas de cirurgias plásticas porque você fica deprimida vendo atrizes pornôs. Vendo aquelas bolas duras e grandes e gigantes, que não se mexem. A gente pensa, né? A gente pode até ficar com vergonha né, com o marido da gente não, mas com outro homem, né? ((risadas)) (MONIQUE)

[...] Né.E o estereótipo da mulher nos filmes é um corpo jovem, um corpo magro, bumbum grande, peito grande , aquele estereótipo bem e aí, outro problema. Por quê? Quem não se encaixa nesse perfil sofre pra caralho.” (JUDITH)

Não só as pornografias podem ser responsabilizadas por esta cultura do belo corpo, mas, sobretudo no Brasil, de acordo com Goldemberg (2011) o corpo é considerado um capital. As imagens afetam as pessoas de diferentes maneiras. Mesmo as mulheres feministas ouvidas nesta pesquisa entendem o corpo como um atributo importante e suficiente para modificar sua impressão sobre si e afetam o exercício livre da sexualidade. Até o seu próprio bem estar. Goldemberg (2011) realizou uma pesquisa que constatou que as pessoas das camadas urbanas, de classe média, assim como as mais pobres, percebem seu corpo como um recurso capital que possibilita o trânsito, ascensão e sucesso no campo do trabalho, na vida amorosa (casamento) e no âmbito sexual. O corpo se converte em capital físico, simbólico, econômico e social, adquirido com muito trabalho e investimento financeiro para mantê-lo de acordo com o que dita o mercado do corpo: bonito, sensual e jovem.

Embora permeie em todo o discurso das mulheres a exploração do corpo feminino na pornografia e sejam ressaltadas diversas caricaturas, Naomi Wolf (1992) desconstrói esta ideia ao ressaltar que na verdade os corpos e a sexualidade femininos são extremamente censurados. A cultura vigente não estimula a exibição da sexualidade feminina como ela se configura no cotidiano das mulheres reais, mas as mídias, incluindo a própria pornografia, tratam de visibilizar apenas versões oficiais. Nada que, de fato, demonstre o desejo feminino em sua diversidade ou que tenha intenções de atender a estes desejos. Os corpos são

padronizados e parecem condicionar o prazer à beleza oficial. E mesmo quando a ideia é valorizar os corpos que estão fora dos padrões vigentes, como o das gordas, suas peles são, muitas vezes, *alisadas* com recursos de edição de imagens.

O que se vê na pornografia, embora não seja capaz de produzir tantas transformações no comportamento, contribui para a formação dos pontos de vista das mulheres e homens sobre seus corpos. Entretanto é exagero dizer a pornografia, enquanto recurso estético voltado para a produção de excitação e satisfação sexual é responsável sozinha por estes discursos.

Lugar da pornografia na vivência sexual

[...] mas hoje assim, não sei porquê não tenho tanto interesse assim, não é algo que me chama tanto a atenção. É muito raro, assim, porque não é algo que me excita. Sabe, ver pornografia não é algo assim que altera a minha libido, não é algo assim que me, que me erotiza tanto. Pornografia não é algo que me erotiza. Não sei, eu acho que assim, eu tenho impressão que eu já sou uma pessoa naturalmente erotizada sabe por *N* coisas.(JUDITH)

Sobre o fato de não gostar de consumir pornografia, pode haver interpretação de duas razões principais. Uma é o reconhecimento que a pornografia historicamente é direcionada ao público masculino, onde reverberam questões falaciosas sobre as características da sexualidade feminina. Na verdade, a principal característica do discurso pornográfico para Maingueneau (2010) é a intenção de produzir o desejo para a sua satisfação imediata. O discurso pornográfico, em geral, não deixa margens para imaginação ou contemplação, é entregue à saturação do prazer sexual.

“Por exemplo: quando eu chego a ver site pornográfico é quando eu quero dormir, aí eu me masturbo e vou dormir, porque eu vou dormir relaxada, entendeu? ((risos)) Mas aí depois que aquilo passa, eu me sinto mal porque eu vi uma mulher sendo explorada, eu vi uma mulher sendo explorada. Eu me sinto mal porque eu precisava daquilo naquele momento. Mas aí eu entendo que a partir do momento em que eu consumo aquela, aquela pornografia, eu tou dando voz a ela, eu tou dando vez e voz a ela e aí eu me sinto mal. Mas às vezes quando eu não tou conseguindo dormir, acho melhor do que tomar um Rivotril ((risos)).” (MONIQUE)

Aqui pesa o conflito entre a mulher que considera legítima a pornografia como recurso para relaxamento e prazer, mas que também compreende que o mundo à disposição não está necessariamente preparado para acolher este florescimento da sexualidade feminina. Diante disso, a pornografia muitas vezes não é vista como um recurso que é feito em prol delas. Por isso, a culpa é algo que frequentemente aparece nos relatos, por mais que elas admitam que gostem da pornografia, mesmo uma mais pesada.

“[dá o exemplo de um vídeo que assistiu](...) essa questão do casal no motor home. Ou então, por que eu me senti tão excitada? Porque eu vi semelhanças entre eles e na minha vida, né? Então isso assim, e eu dizendo pro A. “eu quero fazer isso aí, não filmado, mas bora (sic) um dia vender tudo, comprar um motor home e bora (sic)” ele diz assim, “meu Deus do céu” e eu “vamos, vamos” (Risos) Ah essas loucuras assim, mas assim..é eu acho interessante todo o contexto.” (Angela)

Longe do sentimento de culpa, Angela diz que vê pornografia para alimentar a imaginação sexual e incrementar as relações com o parceiro. O desejo de apimentar a relação pode ter múltiplas raízes. Uma delas, de acordo com Bozon (2003, p. 134), a antiga dependência e condicionamento do exercício da sexualidade ao casamento foi contrariada, passando ao “intercâmbio sexual como motor interno da conjugalidade. A sexualidade, que era ontem um dos atributos do papel social do indivíduo casado, tornou-se uma experiência interpessoal indispensável à existência da união.” Isso significa que há um interesse para a manutenção da qualidade da relação associada à qualidade da vida sexual. Bozon (2003) também destaca que entre as décadas 70 e 90, a satisfação sexual na França dobrou em percentuais de mulheres que se consideraram muito satisfeitas, e se destacaram as mulheres com mais de 50 anos. Entretanto não é simples avaliar esta satisfação, como aponta o autor. O aumento da satisfação também diz respeito a mudanças no próprio comportamento como a incorporação de atitudes mais ativas e a significativa valorização do prazer como finalidade principal da atividade sexual, além disso, há uma concepção diferente também sobre o orgasmo.

Tanto em 1970 como em 1992, foi feita uma pergunta sobre a importância atribuída ao orgasmo simultâneo nas relações sexuais. A adesão à norma do orgasmo simultâneo recuou bastante nesses vinte anos, em particular entre as mulheres jovens. Essa aspiração menos forte ao prazer simultâneo traduz o recuo, mesmo no ato sexual, de uma visão do casal como coletivo, em proveito de uma representação mais individual do prazer. (BOZON, 2003, p.139)

Ainda assim, há a questão dos frequentes desacordos relacionados à frequência do intercuro sexual na relação, sobretudo quando há filhos da relação, como aponta Bozon (2003, p.153). “É ilusório acreditar que o fato de viver junto conduza os cônjuges a criar um universo comum de sexualidade. O desejo masculino e o desejo feminino não são simétricos num casal.” Além disso, a importância que a sexualidade tem para o casamento atualmente não se reverte em uma revolução das relações entre os gêneros. Pelo contrário. As conexões subjetivas dos sujeitos inclusive produzem tanta rigidez quanto os modelos sociais mais antigos e em vez de oferecerem liberdade, colocam os sujeitos dentro das relações em

situações de tensão e constante articulação binária de oposição. À busca pela continuidade na relação entre dois parceiros, opõe-se a exigência da espontaneidade do desejo. À busca pela reciprocidade, opõe-se a do prazer individual. [...] Ora, essas oposições tendem a fixar-se numa divisão de trabalho estável entre os sexos, geralmente justificada em termos de diferenças de natureza psicológica entre homens e mulheres. (BOZON, 2003, p.153)

O que elas gostam de ver

“Aí assim, e outros que me atraem bastante, que eu me sinto bastante à vontade pra assistir é de mulheres. Né assim, que eu não sei se é porque eu acho uma coisa mais erótica, mais delicada, mais sensual, mais pro lado da sensibilidade mesmo, meio eu acho mais gostoso de assistir.” (ANGELA)

“eu acho que já aí, ela já é mais...porque tem uma delicadeza aí. O homem já é mais carinhoso, já rola um beijo, já rola uma coisa, é como eu tou te falando, como eu te falei, são, é o tipo de filmagem que chega mais próximo à nossa realidade, né, de quenão é só “opa, perai, fiz, xau”. Já é uma coisa mais pertinho do que a gente faz aqui.” (BELL)

É importante lembrar que as pornografias clássicas da internet quase sempre mostram o corpo feminino padronizado em detalhes e que muitas pornografias utilizam situações que parecem explorar limites do corpo, como as práticas de *fisting*³, anal violento (*rosebud*⁴), múltiplas penetrações, humilhação pública e sexo oral forçado. Mas a observação aqui não reforça a proibição das práticas. Elas podem ser incorporadas por mulheres para o seu próprio prazer, mas a maneira como elas são representadas na pornografia heterossexual é que deve ser discutida.

Mesmo nos vídeos pornô de humilhação masculina, podemos entender que estes produtos também atendem demandas de um público masculino. De acordo com Deleuze (1967) sobre sua análise da obra de Sacher-Masoch, o escritor inspira o nome *masoquismo*. Mesmo Masoch sentindo prazer no castigo, este não era elaborado por uma iniciativa da mulher carrasca, mas era uma demanda dele colocada sobre a mulher. O que parece um herói formado pela autoridade da mulher que satisfaz o masoquista, é na verdade “a vítima que fala através do carrasco, sem comedimento. A dialética não significa simplesmente uma circulação do discurso, mas transferências e deslocamentos desse tipo [...]”. (DELEUZE, 1967, p. 25)

“(...) Eu sou uma mulher hétero eu devia gostar de ver filme pornô hetero. Eu acho um porre, só os do Rocco [Sifreddi] que são legais. Mas eu acho um

³Penetração com o punho inteiro

⁴ Botão de rosa. Prática anal que de tão profunda e agressiva que causa prolapso retal onde as paredes internas do reto escorregam e ficam expostas.

porre aquela coisa ensaiada, aquele orgasmozinho mixuruca, eu acho bacana quando eu assistia, agora não tenho mais paciência pra assistir. Quando eu assistia filme pornô (...)eu assistia o gay. Eu acho o sexo mais intenso, mais violento. Eu assisti um filme que é, não sei o que azul, que é um filme de lésbicas.” (SIMONE)

“Eu gosto de ver porque é curioso, é gostoso. Por exemplo, eu não saio com dois homens pra eles ficarem transando pra eu ver, mas eu gosto de ver o filme gay, o filme gay com homens eu gosto.” (SIMONE)

Simone, sobre suas preferências em relação à pornografia, ressalta que ao contrário do que a sua orientação sexual de hétero deveria designar, ela prefere os pornôs gays masculinos, pois normalmente o sexo é “mais intenso”, “mais violento” e mais honesto.

Assim é possível entender que ela percebe certa simetria na distribuição do poder relações entre dois homens e também como o poder está implicado na sexualidade. É importante lembrar que mesmo nas relações homossexuais podem persistir as configurações heteronormativas e que nem sempre a ideia de consentimento e a equidade de gênero estão presentes de forma automática. Entretanto pode persistir a opinião de que a sexualidade masculina pode ser vivenciada com muito mais liberdade, pois, os homens são considerados sujeitos da própria sexualidade, ao contrário das mulheres. Há também a reflexão de que sendo um conteúdo mais “violento”, como a participante assinala, a espectadora se exime de ver conteúdos em que o objeto de violação sejam corpos femininos e conseqüentemente evita uma possível culpa relacionada a este ato.

Judith Butler (2003) em suas reflexões sobre a pornografia pontua a sua participação da construção de uma nova resposta feminista para o problema da pornografia. O argumento apresentado por ela é de que pornografia deveria ser vista como uma fantasia que é consumida pelas pessoas. Em uma pesquisa mencionada por Butler, as pessoas eram questionadas se desejavam fazer o que viam na pornografia. Elas responderam que não, que aquilo apenas proporcionava prazer visual. A mesma pesquisa informou que a pornografia teve pouco impacto sobre as mulheres pesquisadas e seus relacionamentos.

Neste caso a pornografia atua como uma forma de compensação para o que não se pode fazer na realidade, por muitas razões. Entretanto, como proporciona o prazer de ver, que por si só já é uma fantasia - a de *voyeur* - a pornografia cria deslocamentos e separações. Aquilo que se faz na vivência e aquilo que se vê. Entretanto não se pode negar os fatos que criam dificuldades para realizações de certas práticas. Não é possível reduzir estas dificuldades à mera *falta de vontade*, mas podem ser atribuídas a questões econômicas, de gênero, geração, medo e moralidades, por exemplo.

O ponto que se pretende alcançar é que de fato nunca ficou comprovada a relação entre pornografia e mudanças no comportamento sexual e que seria demasiado simplista acreditar que ao consumirem pornografia, de imediato, homens ou mulheres saíam para imitar o que viram. E neste sentido a urgência maior feminista, na opinião de Butler (2003) deveria ser a preocupação com as violências reais, sobretudo os estupros, ao invés de priorizarem a censura de imagens pornográficas. A grande questão é que enquanto as feministas anti-pornografia reúnem argumentos mais radicais para erradicar a pornografia no mundo, Butler pressupõe que se pode buscar formas alternativas de reconstruir o referido dispositivo. (SOLANA, 2013)

Como elas acham que deveria ser

“são várias possibilidades assim que eu acho que deveria ser remodelado e eu acho que essa questão da internet ela tá (sic) ajudando já nisso, né, porquea gente já encontra, como eu te falei, já encontra vídeos que é já não tem mais essa estrutura, né? E eu sempre que vejo um vídeo, eu fico observando os *likes* dele né, assim, pra vê se a gente tá (sic) avançando, né? E aí eu sempre vejo vídeos que tem mulheres se excitando e tendo orgasmo eles têm bastante *like* né, eles são bastante visualizados. Então isso é uma forma de instigar o mercado pornográfico pra que é (+) avance nesse sentido também. Eu acho que é interessante, muito interessante e particularmente eu me sinto muito à vontade em assistir esse tipo de vídeo.” (ANGELA)

[...] mulheres casadas...traindo seus maridos! ((risadas)) (+) isso é algo que não é praticado né [na pornografia]? Tu pensa que as mulheres casadas não têm vontade? Mulher casada é carente, mulher casada é carente de tudo, inclusive de sexo, de pornografia, de...alguém que te dê prazer...(+)” (MONIQUE)

Entretanto, persiste o questionamento sobre as razões da pornografia hegemônica não mostrar o prazer feminino de uma forma verossímil. Algumas questões podem ser elencadas e que ajudam a explicar esta questão. A primeira é de que historicamente a sexualidade e o prazer da mulher não eram compreendidos, tendo sido decretado que a possibilidade de prazer e orgasmo era inexistente e depois existente, mas com a função de promover a fecundação. A sexualidade da mulher era instrumentalizada, vista como um recurso útil e um capital valioso para a sociedade em expansão. Isso se deve, sobretudo porque a existência da mulher nos séculos anteriores da modernidade era devotada ao casamento, com exceção de uma minoria destinada ao encerramento em conventos e mosteiros. (DEL PRIORE, 2011; MUCHEMBLED, 2007).

Perpassa também aspectos psíquicos que reafirmam a característica não visual da

sexualidade das mulheres, além de sua pouca liberdade, os conteúdos voltados para o prazer historicamente nunca foram destinados às mulheres, mas sempre as tinham como protagonistas. Além de não querer que elas se inspirassem nos comportamentos descritos na pornografia, era também uma forma das mulheres não reagirem ao uso que se fazia da imagem delas nesses conteúdos, que eram manuseadas à vontade do autor para deleite exclusivo do público alvo. Entretanto, essas mulheres reivindicam uma pornografia que humanize e trate melhor as mulheres não exatamente como forma de regulação, mas porque elas reivindicam ser consumidoras também.

Nesta análise percebemos que as razões pelas quais as mulheres consomem pornô são diferentes e todas elas abrem possibilidades de análise em relação ao gênero, como por exemplo, o próprio fato delas se preocuparem em explicar e fundamentar em detalhes as suas justificativas, apontando, possivelmente *a não naturalidade* da pornografia para a mulher.

Neste contexto é que aparecem as novas pornografia e pornô alternativo – o *altporn*. São as pornografias produzidas longe das plataformas tradicionais de distribuição de vídeos pornôs, em geral produzidos para públicos que desejam ver conteúdos que não são encontrados aí. Exemplo disso são as pornografias feministas, *queer* e de sadomasoquismo. Segundo Parreiras (2012), uma das principais motivações do *altporn* é subverter as fórmulas mais comuns da pornografia hegemônica, que tem elementos-chave em seus scripts pensando no direcionamento para o público masculino, como, o apagamento da imagem do homem ou a escolha de homens que não correspondem exatamente a um padrão de beleza vigente, a centralização no pênis, atuação exagerada através de gemidos femininos muito sonoros e obrigatoriedade da ejaculação masculina no corpo ou rosto da atriz. Esta é a fórmula básica que é rejeitada pelo *altporn*, pelo menos não como o mesmo sentido que propõe a pornografia hegemônica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Está constatado que a presença da pornografia enquanto conteúdo ainda não é algo natural na vida das mulheres e seu uso ainda é permeado de contradições. O interesse das mulheres sempre existiu por este tipo de conteúdo e historicamente elas já transgrediam escondidas as proibições da pornografia ao público feminino. Entretanto o acesso feminino à pornografia em nossos séculos não veio de reivindicações feministas, ou de uma provável revolução sexual, mas chegou de forma sutil e capilarizada com a revolução comunicacional promovida pela internet. Foram as políticas de privacidade (já utilizadas pelas TVs por assinatura) que tornaram o mercado da pornografia um espaço lucrativo e propício para as mulheres.

O conceito de pornografia e erotismo para elas está mais associado ao que traz Dominique Maingueneau (2010), enquanto a pornografia é um recurso de satisfação e saturação dos sentidos, o erotismo, enquanto conteúdo, está mais associado à elegância, sutileza e afloramento dos sentidos. Para elas, a pornografia é um instrumento – de relaxamento, entretenimento, complemento e ativador da vida sexual e também recurso de satisfação na ausência do (a) companheiro (a). E para isso, a escolha é criteriosa. A preferência é por conteúdos onde elas vêem mulheres sendo bem tratadas ou tratadas da maneira que elas desejam. Embora a humilhação das mulheres pelos homens seja constantemente alvo de reclamações delas, o que elas desejam não é ver conteúdos em que os homens é que sejam os humilhados, nicho que também está presente nos sites pornográficos. Elas não querem o reverso. Desejam ver a representação de uma mulher tendo seus desejos considerados e o seu prazer respeitado. Aliás, respeito é o critério principal para um bom conteúdo pornográfico na visão dessas mulheres, sobretudo respeito à imagem, à integridade física e dignidade das mulheres e de todas as pessoas. Este incômodo que elas sentem em relação aos conteúdos pornográficos pesados não é estranho, pois a violência contra a mulher sempre foi uma das pautas de luta mais importantes na história do feminismo, inclusive é sob o argumento da exploração das mulheres que se baseou o movimento anti-pornografia.

Mas entre os diversos modos de consumo da pornografia, é interessante notar alguns deslocamentos que elas produzem para justificar o uso da pornografia, o que ajuda como estratégia para evitar os conflitos inerentes de uma mulher feminista com acesso a pornografia

machista. Uma delas confessou que prefere ver sexo entre homens, por ser esta representação mais próxima da realidade, porque é mais violento – embora ela não saia com homens para vê-los transando. Em outro momento ela diz que se incomoda com a violência masculina contra as mulheres na pornografia, o que parece não representar a realidade da atividade sexual para ela. Entretanto essas afirmações não indicam uma fuga da contraditoriedade que a relação entre consciência das assimetrias de gênero e o uso da pornografia e por isso mesmo é que arrisco uma análise sobre esta preferência: entre dois seres supostamente iguais, uma relação agressiva não é necessariamente uma violência. E supostamente não há ali problemas de gênero com os quais uma mulher feminista deva se preocupar.

O relato desta participante mostra também que a pornografia não é exatamente um conteúdo que inspira à imitação, mas o seu consumo enquanto recurso de excitação e satisfação de fantasias é um fim em si mesmo. As práticas que elas desejam ver, não necessariamente desejam praticar, ainda que a pornografia seja uma fonte de inspiração para a vida real. Inclusive esta é uma segunda reclamação importante das mulheres sobre a maneira como elas acreditam que os homens consomem. Outra participante diz que não concorda com o fato dos homens verem pornografia e quererem levar para a vida real, não sabendo fazer a separação entre as práticas acessíveis e as consideradas absurdas, diferente das mulheres que lidam melhor com esses limites. Embora a pornografia seja e carregue discursos, ela é também uma prática sexual e social.

De acordo com Naomi Wolf (1992), a construção da sexualidade masculina ocorre de forma mais orgânica e espontânea. Enquanto as mulheres construíram suas sexualidades em meio aos silenciamentos, projeções e desejos masculinos, poucas informações sinceras e muitas dúvidas. As pequenas transgressões escondidas, as orientações, imposições e abusos dos homens são as principais matérias constituintes das sexualidades femininas, como aponta o relato de participantes que relataram abusos sexuais. Da mesma forma, Dimen (1997) afirma que o desejo feminino é moldado para que desejem o desejo do outro por elas. Para a autora onde existe a autorização do poder que tornas as relações tão desiguais, é esperado que a intimidade não seja apropriada tão naturalmente pelas mulheres.

Não se pode negar que o feminismo e a narrativa da Revolução Sexual foram aproximaram a mulher de uma pretensa realização sexual e desta forma também ao acesso da pornografia. Contudo é preciso reconhecer que esta aproximação é fruto de uma atualização social e de uma democratização dos meios de comunicação através da internet. O crescimento dos conteúdos gratuitos e de fácil acesso possibilitou que mais mulheres começassem a se

apropriar deste novo mundo. De outras maneiras, é inquestionável a contribuição do feminismo na criticidade das escolhas dessas mulheres. Embora sigam desbravando o terreno masculino da pornografia aguçou-se a percepção da violência, do direito ao prazer sexual e estético. Porém o processo não é tão simples e linear. A apuração dos sentidos proveniente de uma consciência feminista também as torna mais sensíveis ao conflituoso estado de culpa mesclado com o prazer. Parte desse processo também se deve ao estranhamento das prioridades pornográficas, e da constatação de que a natureza do prazer sexual masculino pode ser bem diferente da feminina, pelo menos é o que insiste em dizer a pornografia hegemônica.

Ainda sobre a preferência por conteúdos, ainda persiste a preferência por aqueles que são considerados eróticos e que ligeiramente se opõem aos pornográficos na visão delas. Não é de se estranhar que as mulheres tenham aproximação com os conteúdos mais sutis, com o erotismo sugerido ou representações do sexo disponíveis em conteúdos que não pertencem necessariamente aos gêneros erótico e pornográfico, pois historicamente o que era pornográfico ou obsceno era proibido moralmente para as mulheres.

De todas as maneiras, elas ainda utilizam o conteúdo masculino e conseguem extrair prazer dele. O que também mostra que há pontos em comum com a construção da sexualidade masculina, principalmente em um contexto de produção discursiva que busca pela igualdade de direitos, inclusive no que concerne ao comportamento. Esses discursos ao mesmo tempo em que controlam, também clamam por uma maior liberdade feminina de amar e ter prazer. Ainda que de forma questionável, são os discursos médicos atravessados pela perspectiva heterossexual, psicológicos e midiáticos que tentam valorizar ou informar as mulheres sobre sua sexualidade. Por fim, ainda há o feminismo que bate à porta dos direitos sexuais e empoderamento feminino incansavelmente e as ajuda a enfrentar mais uma barreira que se interpõe entre elas e a sua liberdade.

REFERÊNCIAS

APOLINÁRIO, Fabio. **Metodologia da Ciência: Filosofia e prática da pesquisa**. São Paulo: Thomson Learning, 2006.

BARROSO, Júlio César Casarin. Liberdade de expressão, pornografia e igualdade de gênero. **Revista Estudos Feministas**, 21(1): 424, janeiro-abril 2013. Florianópolis: UFSC, 2013. P.143-165.

BATAILLE, Georges. **O Erotismo**. 3.ed. Tradução: João Bènard da Costa. Lisboa: Edições Antígona, 1988.

BIRMAN, Joel. **Gramáticas dos erotismo: A feminilidade e as suas formas de subjetivação em psicanálise**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

BIROLI, Flávia. **Gênero e Desigualdades: limites da democracia no Brasil**. 1. ed. São Paulo :Boitempo, 2018.

BOURCIER, Marie-Hélène. BILDUNGS-POST-PORN: notas sobre a proveniência do pós-pornô, para um futuro do feminismo da desobediência sexual. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 8, n. 11, 19 jul. 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/6541>>. Acesso em: 28 jan 2019

BOZON, Michel. **Sociologia da Sexualidade**. Tradução: Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

_____. **Sexuality and conjugality: the redefinition of gender relations in contemporary France**. **Cadernos Pagu**, n. 20, p. 131-156, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010483332003000100005&script=sci_abstract&lng=pt> . Acesso em: 29 jan 2019

BRASIL. Mapa da violência. **Homicídio de Mulheres no Brasil**. FLACSO Brasil, v. 15, 2015. Disponível em: <https://www.mapadaviolencia.org.br/mapa2015_mulheres.php>. Acesso em: 28 jan 2019.

BRASIL. Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016, **Conselho Nacional de Saúde (CNS)**. Disponível em: < <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf> >. Acesso em: 02 out. 2017.

BUTLER , Judith. **Corpos que importam**. Tradução: Magda Guadalupe dos Santos e Sérgio Murilo Rodrigues. Belo Horizonte: **SapereAude**, v.6 –n.11, p.12-16 – 1º sem. 2015.

_____. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. In: O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Org.: Guacira Lopes Louro. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2000.p 151-167.

_____. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CHACHAM, Alessandra Sampaio; MAIA, Mônica Bara. **Corpo e sexualidade da mulher brasileira.** In VENTURI, Gustavo; RECAMÁN, Marisol; OLIVEIRA, Suely de. (org.) A mulher brasileira nos espaços público e privado. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

MORÁN BREÑA, Carmen. **A quarta onda do feminismo e o mundo gay se estranham** Disponível. El país, Madri, 17 de nov de 2018. em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/16/internacional/1542392343_090003.html>. Acesso em: 30 jan 2019

COELHO, Mayara Pacheco. Vozes que ecoam: Feminismo e Mídias Sociais. **Pesquisas e Práticas Psicossociais** 11 (1), São João del Rei, janeiro a junho de 2016. p.214 -224

CONNEL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. **Gênero: uma perspectiva global.** 3.ed. Tradução: Marília Mosckovich. São Paulo: nVersos, 2015.

CONNELL, Robert. **Políticas da masculinidade.** Educação e Realidade, v. 2, n. 20, p. 185-206, 1995.

CORRÊA, Sonia. Gênero e sexualidade como sistemas autônomos: idéias fora do lugar? In PARKER, Richard; BARBOSA, Regina Maria (org.) **Sexualidades Brasileiras.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.

CRESWELL, John. **Projeto de Pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto.** Trad. Luciana de Oliveira Rocha. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DALLERY, Arleen. A política da escrita do corpo: écritureféminine. In JAGGAR, Alison M. e BORDO, Susan R. **Gênero, corpo, conhecimento.** Rio de Janeiro: Record:Rosa dos Ventos, 1997.p.62-78

DEL PRIORE, Mary. **Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil.** São Paulo: Planeta Brasil,2011.

DELEUZE, Gilles. **Sacher- Masoch: o frio e o cruel.** Tradução: Jorge Bastos. Revisão técnica: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.

DESPENTES, Virginie. **Teoria King Kong.** Tradução: Márcia Bechara. São Paulo: N-1 Edições, 2016.

DÍAZ BENÍTEZ, María Elvira. **Nas redes do sexo: bastidores e cenários do pornô brasileiro.** Rio de Janeiro: UFRJ/Museu Nacional/PPGAS, 2009.

DIMEN, Muriel. Poder, sexualidade e intimidade. in JAGGAR, Alison M. e BORDO, Susan R. **Gênero, corpo, conhecimento.** Rio de Janeiro: Record:Rosa dos Ventos, 1997.

DWORKIN, Andrea; MACKINNON, Catharine. **Pornography and Civil Rights: a new day for women's equality**.Minneapolis: Organizing Against Pornography, 1988.

EHRENREICH, Barbara; ENGLISH, Deirdre. **Para o seu próprio bem:150 anos de conselhos de especialistas para as mulheres**. Trad. Beatriz Horta e Neuza Campelo. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2003.

EL FAR, Alessandra. **Páginas de Sensação: Literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

FERREIRA, Carolina Branco de Castro et al. Feminismos web: linhas de ação e maneiras de atuação no debate feminista contemporâneo. **Cadernos Pagu**, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8637329/5043>>. Acesso em: 30 jan 2019

FERREIRA, Vinicius Kauê; GROSSI, Miriam Pillar. Teoria queer, políticas pós-pornô e privatização da sexualidade: uma conversa com Marie-Hélène Bourcier. **Revista Estudos Feministas**, v. 22, n. 3, p. 913-928, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v22n3/11.pdf>>. Acesso em: 30 jan 2019

FONSECA, Maria Elizabete Melo da. Religião, mulher, sexo e sexualidade: que discurso é esse?. **PARALELLUS Revista de Estudos de Religião-UNICAP**, v. 2, n. 4, p. 213-226, 2011. Disponível em: <<http://www.unicap.br/ojs/index.php/paralellus/article/view/199>>. Acesso em: 28 jan 2019

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: a vontade de saber**. 1 ed. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A Guilhon Albuquerque. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

_____. **História da sexualidade: o uso dos prazeres**.4.ed. tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque. São Paulo, Edições Graal, 1984

_____. **História da sexualidade: o cuidado de si** .4.ed. tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque. São Paulo, Graal, 1985.

_____. **Microfísica do Poder**. 9.ed. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro, Graal, 1990.

FREUD, Sigmund. **Compêndio de Psicanálise e outros escritos inacabados**. Autêntica, 2016..Disponível em:<https://www.sbpcdem.com/uploads/2/3/1/1/23113078/compendio_da_psicanalise_sigmund_freud.pdf> . Acesso em: 29 jan 2019

_____.Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, 1905. In: _____. **Um caso de histeria e Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 163-195. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 7).

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: Bauer, Martin.**Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Tradução: Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2003. P. 64-89.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. Tradução: Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 1993.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GODÓI, Christiane Kleinubing. Análise do Discurso na perspectiva da interpretação social dos discursos: uma possibilidade aberta aos estudos organizacionais. **Gestão Org. Revista eletrônica de Gestão Organizacional**, Recife, vol.3, num.2, p. 90-105, UFPE, 2005.

GOLDENBERG, Mirian. Amor, Casamento e Fidelidade na Cultura Brasileira. **Gênero na Amazônia**, Belém, n. 3, jan./jun., 2013 – ufpa.

_____. Corpo, envelhecimento e felicidade na cultura brasileira. **Revista contemporânea**, vol 9, n2. Rio de Janeiro, 2011.

GREGORI, Maria Filomena. Práticas eróticas e limites da sexualidade: contribuições de estudos recentes. **Cad. Pagu [online]**. 2014, n.42, pp.47-74. Campinas: Universidade Estadual de Campinas.

_____. Prazer e perigo: notas sobre feminismo, sex-shops e S/M. **Quaderns-e de l'Institut Català d'Antropologia**, n. 4, Barcelona, 2004.

HARDING, Sandra. "Is There a Feminist Method?" en Sandra Harding (Ed.). **Feminism and Methodology**. Traducción: Gloria Elena Bernal Bloomington/ Indianapolis. Indiana University Press, 1987.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. P.23 -42.

HOOKS, Bell. **Eros, erotismo e processo pedagógico**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. In: LOURO, Guacira Lopes. O corpo educado: pedagogias da sexualidade. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2000.p.113-124

HUNT, Lynn. Obscenidades e as Origens da Modernidade, 1500-1800. In: _____. **A Invenção da Pornografia: Obscenidade e as Origens da Modernidade, 1500-1800**. Tradução: Carlos Szlak. 1 ed. São Paulo: Hedra, 1999. P.09-48

LAQUEUR, Thomas Walter. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Tradução Vera Whately. – Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LEITE Jr., Jorge. **Das maravilhas e prodígios sexuais: a pornografia "bizarra" como entretenimento**. São Paulo: Annablume, 2006. Disponível em: <https://books.google.com.br/books/about/Das_maravilhas_e_prod%C3%ADgios_sexuais.html?hl=pt-BR&id=u_W8dGXrFqwC&redir_esc=y>. Acesso em: 30 jan 2019

LEVY, Ariel. **Para autora, no pós-feminismo mulheres imitam pornografia**. São Paulo, Folha de S. Paulo, 14 nov. 2005. Entrevista a Luciana Coelho. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc1411200517.htm>>. Acesso: 16 out.2017.

LOYOLA, Maria Andréa. **A sexualidade como objeto de estudos das ciências humanas.**In HEILBORN, Maria Luiza (org.).Sexualidade: o olhar das ciências sociais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. P.31-39

LOURO, Guacira Lopes.**Pedagogias do corpo.** In:O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2000. P.07-34.

_____. **Gênero, sexualidade e educação:** Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 2003.

MACHADO, Lia Zanotta. MASCULINIDADE, SEXUALIDADE E ESTUPRO AS CONSTRUÇÕES DA VIRILIDADE. **Cadernos Pagu (11)**, Unicamp, Campinas, 1998.

MACKINNON, Catharine. Feminismo, Marxismo, Método e o Estado: Uma agenda para Teoria.In: **Direito e Praxis revista:** Rio de Janeiro, Vol.07, N.15, 2016, p. 798-837.

MAINGUENEAU, Dominique. **O Discurso Pornográfico.** Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MAY, Tim. **Pesquisa social:** questões, métodos e processos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MCELROY, Wendy. **XXX: A Woman's Right to Pornography.** New York: St Martin's Press, 1995. Disponível em: <<http://www.wendymcelroy.com/xxx/>>. Acesso: 12 nov. 2018

MORAES, Eliane Robert; LAPEIZ, Sandra Maria. **O que é pornografia.** São Paulo: Abril Cultural; Brasiliense, 1985.

MUCHEMBLED, Robert. **O Orgasmo e o Ocidente:** Uma história do prazer do século XV a nossos dias. Trad. Mônica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

MURARO, Cauê. **22 milhões de brasileiros assumem consumir pornografia e 76% são homens, diz pesquisa.** São Paulo, G1. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/22-milhoes-de-brasileiros-assumem-consumir-pornografia-e-76-sao-homens-diz-pesquisa.ghtml>>. Acesso: 11 nov 2018

OGIEN, Ruwen. **Pensar la pornografia.** Paidós, Barcelona, 2005.

O'NEILL, Eileen.A política da escrita do corpo: écriture féminine in JAGGAR, Alison M. e BORDO, Susan R. **Gênero, corpo, conhecimento.** Rio de Janeiro: Record:Rosa dos Ventos, 1997.

PARKER, Richard. **Cultura, economia política e construção social da sexualidade.** Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. In: LOURO, Guacira Lopes. O corpo educado: pedagogias da sexualidade.2.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2000.

PATEMAN, Carole. **O Contrato Sexual.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PINTO, Céli Regina Jardim. FEMINISMO, HISTÓRIA E PODER, **Rev. Sociol. Polít.**, , v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. de 2010. Curitiba, 2010.

_____. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

PINTO, Pedro; NOGUEIRA, Maria da Conceição; OLIVEIRA, João Manuel de. Debates Feministas Sobre Pornografia Heteronormativa: Estéticas e Ideologias da Sexualização. **Psicologia, Reflexão e Crítica**. N.23. 2010.

PRECIADO, Beatriz. Mujeres em los márgenes. Madrid: **El País**, 2007. Disponível em: <https://elpais.com/diario/2007/01/13/babelia/1168648750_850215.html>. Acesso: 15 out.2017.

_____. Entrevista com Beatriz Preciado. In **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n.28, p.375-405 janeiro-junho 2007. Entrevista a Jesús Carillo.

_____. **Manifesto Contrassexual**. Tradução: de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2014.

RAGO, Margareth. **Epistemologia feminista, gênero e história**: Descobrimo historicamente o gênero. Compostela: CNT-Galiza, 2012.

RAMIREZ, Rafael. **Ideologias masculinas**: sexualidade e poder. In: NOLASCO, Sócrates. (org.) **A desconstrução do masculino**. 1ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

REICH, Wilhelm. **A Revolução Sexual**. Tradução Ary Blaustein. São Paulo: Círculo do Livro, 1966.

RUBIN, Gayle. **O Tráfico de Mulheres**: notas sobre a “economia política” do sexo. Tradução: Christine Rufino Dabat, Edileusa Oliveira da Rocha, Sonia Corrêa. Recife: SOS Corpo, 1993.

SENA, Tito. Os relatórios Masters & Johnson: gênero e as práticas gênero e as práticas psicoterapêuticas sexuais a partir da década de 70. **Estudos Feministas**,18(1): 288, janeiro-abril de 2010. Florianópolis, 2010.

SIBILIA, Paula. A nudez autoexposta na rede: deslocamentos da obscenidade e da beleza?. DOSSIÊ: PERCURSOS DIGITAIS: CORPOS, DESEJOS, VISIBILIDADES. **Cadernos pagu** (44), janeiro-junho de 2015. p. 171-198.

SOLANA, Mariela. Pornografía y subversión: una aproximación desde la teoría de género de Judith Butler. **Convergencia**, v. 20, n. 62, p. 159-179, 2013. Disponível em:<<https://www.redalyc.org/pdf/105/10525851007.pdf>>. Acesso em: 30 jan 2019

SPINK, Mary Jane P.;LIMA, Helena. Rigor e Visibilidade: a explicitação dos passos da interpretação. In: SPINK, Mary Jane P. (org.) **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**. São Paulo: Cortez Editora, 2000.

VANCE, Carole. “**El placer y el peligro: hacia una política de la sexualidade**”.In: Vance, Carole (org.). **Placer y peligro**. Explorando la sexualidade feminina. Madrid: Talasa Ediciones, 1989.

VILLELA, Wilza Vieira; BARBOSA, Regina Maria. **Repensando as relações entre gênero e sexualidade**. In: PARKER, Richard; BARBOSA, Regina Maria. Sexualidades Brasileiras. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.

WEEKS, Jeffrey. **O corpo e a sexualidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. In: LOURO, Guacira Lopes. O corpo educado: pedagogias da sexualidade. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2000.p. 35-82

WITTING, Monique. **El pensamiento heterosexual y otros ensaios**. Traducción: Javier Sáez y Paco Vidarte. Madrid: Egales, 2006.

WOLF, Naomi. **O Mito da Beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

ANEXOS

I : CÓPIA DO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) UTILIZADO NA PESQUISA- PÁGINA 1 e 2.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Prezada

Você está convidada a participar da pesquisa para dissertação de mestrado **Gênero e Sexualidade: discursos de mulheres feministas sobre a pornografia e que dela poderá desistir, retirando o seu consentimento, a qualquer tempo, independente de justificativa.**

É responsável por esta pesquisa Samira RamaLho Ribeiro de Souza, mestranda em Sociologia pela Universidade Federal do Piauí, matriculada sob o número 20161009983 com orientação da Professora Doutora Rita de Cássia Cronemberger Sobral.

Este estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa e quantitativa que tem o objetivo de Analisar as conexões entre os discursos de mulheres feministas sobre a pornografia e as relações de gênero. A porta de entrada para a coleta de informações com sujeitos para esta pesquisa será um grupo fechado no Facebook onde se reúnem mulheres feministas e onde elas realizam debates sobre diversos temas que atravessam as vivências e discursos de mulheres.

Sabemos que a sexualidade é uma parte importante da vida dos indivíduos, e dadas as diferenças e desigualdades entre os gêneros, há discursos que reforçam que as mulheres possuem uma visão diferente dos homens sobre a sexualidade e a vivenciam também de forma diferente, sobretudo quando se envolve a categoria pornografia, conhecida como um produto midiático de consumo intenso. O estudo também visa dar voz a essas mulheres para que relatem elas mesmas o que pensam sobre o tema da pesquisa.

Para a coleta de informações junto às participantes da pesquisa, serão aplicados questionários virtuais anônimos, através da internet, dentro do grupo feminista no Facebook e depois serão realizadas entrevistas presenciais individuais ou em grupo em locais onde as participantes se sintam à vontade e onde o contato possa ocorrer sem interrupções. As respostas ficarão registradas nos questionários virtuais e as entrevistas presenciais terão o áudio gravado com o consentimento das participantes.

Riscos

A pesquisa não apresenta nenhum risco de dano físico ou psicológico às participantes. Contudo, se uma participante se sentir desconfortável com alguma pergunta ou com a

pesquisa, terá a opção de declinar da resposta ou desistir da pesquisa a qualquer momento em qualquer uma das fases.

Benefícios

A pesquisa visa oferecer um maior aprofundamento nos estudos locais acerca das relações de gênero, feminismos, da sexualidade das mulheres a partir de suas próprias vozes e das conexões que estas mulheres fazem entre a pornografia e as relações de gênero, sendo a pornografia um produto midiático relevante, que representa cerca de um quarto de todo o conteúdo da superfície da internet e também uma das maneiras como a sexualidade é expressa.

- A pesquisa é isenta de custos para a participante;
- A pesquisa não implicará em remuneração para a participante;
- Está assegurado o sigilo da pesquisa;

Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto, eu _____

CPF _____ estou de acordo em participar desta pesquisa, assinando este consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas.

Teresina, PI ____ de _____ de 20__.

Participante

Samira Ramalho Ribeiro de Souza
Pesquisadora

Pesquisadora: Samira Ramalho Ribeiro de Souza

E-mail para contato : ramalho.samira@gmail.com

Telefone: (86) 99916 8836 – disponível para chamadas por WhatsApp e a cobrar

Orientadora Dr^a. Rita de Cássia Cronemberger Sobral –

E-mail para contato: ritadecassiasobral@hotmail.com

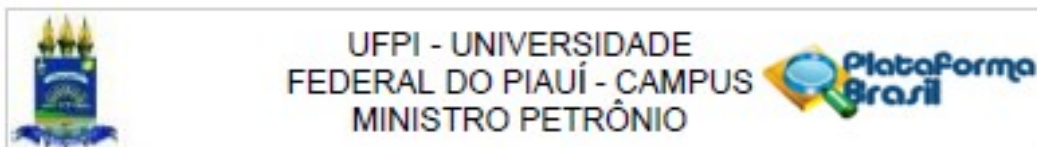
Instituição: Universidade Federal do Piauí (UFPI) – Programa de Pós Graduação em Sociologia – Mestrado

Em caso de dúvidas, o Comitê de Ética pode ser consultado para esclarecimentos sobre aspectos éticos da pesquisa e através do endereço:

Comitê de Ética em Pesquisa - UFPI.

Campus Universitário Ministro Petrônio Portella – Bairro Ininga. Pró Reitoria de Pesquisa - PROPESQ. CEP: 64.049-550 - Teresina - PI. **Telefone:** 86 3237-2332 – **e-mail:** cep.ufpi@ufpi.edu.br

ANEXO II: CÓPIA DO PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP – PÁGINA 1 A 4.



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Gênero e Sexualidade: discursos de mulheres feministas sobre a pornografia

Pesquisador: Samira Ramalho Ribeiro de Souza

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 80200617.8.0000.5214

Instituição Proponente: CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS

Patrocinador Principal: FUND DE AMPARO A PESQ DO ESTADO DO PIAUI PROF. AFONSO SENAGONCALVES

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.445.650

Apresentação do Projeto:

Trata-se de projeto de pesquisa intitulado 'Gênero e sexualidade: discursos de mulheres feministas sobre a pornografia' que tem como pesquisador responsável o prof. (a) Samira Ramalho Ribeiro de Souza. É um estudo de caso que vai analisar se há conexões entre as categorias de gênero, sexualidade e pornografia nos discursos de mulheres feministas sobre pornografia em um grupo feminista no Facebook.

Para o desenvolvimento da pesquisa, o pesquisador indica no desenho do estudo a utilização da metodologia estudo de caso, que será construído a partir de métodos mistos – qualitativos e quantitativos – que tem como objetivos analisar nos discursos as conexões sobre o gênero, sexualidade e pornografia e desta forma compreender o que pensam as mulheres sobre a pornografia e qual o lugar desta na sexualidade delas. Identificar as relações de gênero nos discursos delas sobre a pornografia e mapear os repertórios utilizados para diferenciar pornografia de erotismo, além de verificar motivações para o uso ou não da pornografia. Para o recrutamento o pesquisador aplicará questionário para 50 indivíduos.

Objetivo da Pesquisa:

Tem como Objetivo Primário:

Analisar as conexões entre os discursos de mulheres sobre a pornografia e as relações de gênero.

Endereço: Campus Universitário Ministro Petrônio Portella - Pró-Reitoria de Pesquisa
Bairro: Ininga CEP: 64.049-550
UF: PI Município: TERESINA
Telefone: (86)3237-2332 Fax: (86)3237-2332 E-mail: cep.ufpi@ufpi.edu.br



Continuação do Parecer: 2.445.850

Objetivos Secundários:

- Averiguar o que pensam as mulheres sobre a pornografia e o seu lugar na vivência da sexualidade
- Identificar nos discursos das mulheres sobre pornografia como se configuram as relações de gênero
- Identificar o que as mulheres pensam sobre as reproduções ou caricaturas das mulheres representadas no universo da pornografia
- Verificar motivações ou impedimentos de mulheres para o uso ou não da pornografia em suas experiências sexuais.
- Mapear repertórios atravessados pelo gênero para designar ou diferenciar erotismo e pornografia.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

As participantes responderão ao questionário aberto anônimo, sem a presença física da pesquisadora e que não apresenta nenhum risco de dano físico ou psicológico às participantes. A fase de entrevistas também não apresenta riscos, contudo, se uma participante se sentir desconfortável com alguma pergunta ou com a pesquisa, terá a opção de declinar da resposta ou desistir da pesquisa a qualquer momento em qualquer uma das fases.

Benefícios:

A pesquisa visa oferecer um maior aprofundamento nos estudos locais acerca das relações de gênero, feminismo, da sexualidade das mulheres a partir de suas próprias vozes e das conexões que estas mulheres fazem entre a pornografia e as relações de gênero, sendo a pornografia um produto midiático relevante, que representa cerca de um quarto de todo o conteúdo da superfície da Internet e também uma das maneiras como a sexualidade é expressa.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Realizada a análise documental a partir da qual foi procedida a uma apreciação ética da pesquisa, restou evidenciada a sua pertinência e valor científico.

A metodologia escolhida para o desenvolvimento da pesquisa, tendo em vista as várias correntes metodológicas existentes, encontra-se em conformidade com os fins objetivados, ao tempo em que evidencia o respeito aos preceitos éticos orientadores de uma pesquisa envolvendo seres humanos.

Endereço: Campus Universitário Ministro Petronio Portella - Pró-Reitoria de Pesquisa
Bairro: Ininga CEP: 64.040-550
UF: PI Município: TERESINA
Telefone: (86)3237-2332 Fax: (86)3237-2332 E-mail: cep.ufpi@ufpi.edu.br



Continuação do Parecer: 2-445.650

Na elaboração do projeto de pesquisa ora em apreço, percebe-se a atenção do pesquisador no que concerne à situação de vulnerabilidade inerente à condição de participante que, respeitado em sua individualidade, tem protegidas as suas dimensões física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural e espiritual.

Por fim, o pesquisador responsável é profissional experiente, como evidenciado pelo currículo anexado, sendo tal circunstância mais um instrumento de segurança conferida ao participante que estará devidamente amparado durante todo o desenvolvimento da pesquisa.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram anexados todos documentos na plataforma.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Projeto de pesquisa com parecer APROVADO e apto para início da coleta de dados.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1031087.pdf	20/11/2017 22:14:40		Acelto
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projetosamira2017final.docx	20/11/2017 22:14:05	Samira Ramalho Ribeiro de Souza	Acelto
Outros	curriculo.pdf	18/11/2017 10:13:24	Samira Ramalho Ribeiro de Souza	Acelto
Outros	termodeconfsamira.pdf	18/11/2017 10:11:24	Samira Ramalho Ribeiro de Souza	Acelto
Outros	cartaecaminhasamira.pdf	18/11/2017 10:10:25	Samira Ramalho Ribeiro de Souza	Acelto
Declaração de Pesquisadores	declarasamira.pdf	18/11/2017 10:09:30	Samira Ramalho Ribeiro de Souza	Acelto
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle.doc	18/11/2017 10:09:04	Samira Ramalho Ribeiro de Souza	Acelto
Orçamento	orcamento.docx	15/11/2017 11:54:27	Samira Ramalho Ribeiro de Souza	Acelto
Cronograma	Cronograma.docx	15/11/2017	Samira Ramalho	Acelto

Endereço: Campus Universitário Ministro Petrônio Portella - Pró-Reitoria de Pesquisa
Bairro: Ininga CEP: 64.049-550
UF: PI Município: TERESINA
Telefone: (86)3237-2332 Fax: (86)3237-2332 E-mail: oep.ufpi@ufpi.edu.br



UFPI - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO PIAUÍ - CAMPUS
MINISTRO PETRÔNIO



Continuação do Parecer: 2.445.850

Cronograma	Cronograma.docx	11:53:14	Ribeiro de Souza	Acelto
Folha de Rosto	combinepdf.pdf	15/11/2017 11:22:12	Samira Ramalho Ribeiro de Souza	Acelto

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

TERESINA, 18 de Dezembro de 2017

Assinado por:
Herbert de Sousa Barbosa
(Coordenador)

Endereço: Campus Universitário Ministro Petronio Portella - Pró-Reitoria de Pesquisa
Bairro: Ininga CEP: 64.049-550
UF: PI Município: TERESINA
Telefone: (86)3237-2332 Fax: (86)3237-2332 E-mail: oep.ufpi@ufpi.edu.br

